

SERMÕES PARA LEITURA NOS DIAS DA QUARESMA

FONTE: "MISSATRIDENTINAEMBRASILIA.ORG"

NOTAS

- Esta compilação pode conter defeitos e faltar alguns sermões que seriam necessários. Então é bom também ler alguns sermões no próprio site.
- Nem todos os sermões (a maioria) foram realizados durante a Quaresma. Por isso foi colocado abaixo do título de cada sermão o domingo, festa ou solenidade em que foi feito.
- Veja-se que a repetição de domingo (como, por exemplo, dois sermões serem do *2º Domingo depois de Pentecostes*) ocorre por haver um sermão a cada ano, para esse ou aquele domingo.
- Os sermões foram organizados em *Sermões de Ordem Cronológica (10 sermões)*- Para a Quarta-feira de Cinzas e os domingos da Quaresma; e *Outros Sermões (18 sermões)*- Para se ler a qualquer dia ou momento, sendo bons sermões para o tempo quaresmal.

Uma boa Quaresma a todos. Busquemos mais e mais a santidade.

Boa leitura!

SERMÕES DE ORDEM CRONOLÓGICA

PARA ANTES DA QUARESMA (Até a Terça-feira de Carnaval)

Programa para a Quaresma: a Cruz, a caridade, a oração e a batalha contra o defeito dominante

(Sermão feito no Domingo da Quinquagésima)

“Se não tiver a caridade, nada sou.” (I Cor, 13)

Três dias somente nos separam do começo da Quaresma. A Santa Igreja continua a nos preparar e a nos dispor, pela Sagrada Liturgia, a uma Quaresma que possa nos dar frutos eternos. Para tanto, a Igreja nos apresenta o sublime elogio da caridade na Epístola de São Paulo e nos apresenta, no Evangelho, o anúncio da paixão e a cura de um cego. Mas como essas três coisas nos preparam de maneira perfeita para a Quaresma, pois não parece haver muita relação entre elas?

Para compreender o que a Igreja quer nos ensinar, devemos, antes de tudo, considerar bem a finalidade da Quaresma. A quaresma são quarenta dias de conversão, quarenta dias para que possamos morrer ao pecado com Nosso Senhor Jesus Cristo, a fim de ressuscitar com Ele para a vida da graça. Para fazer isso, precisamos da penitência, pela qual, com verdadeira dor e detestação de nossos pecados, satisfazemos pela ofensa feita a Deus. Todavia, a penitência sozinha não serve para nada, se ela não é inspirada pela caridade, quer dizer, ela não serve para nada se ela não é feita em união com Deus ou tendo em vista essa união com Deus, essa amizade com Deus. E isso porque a melhor das ações não tem valor algum para a salvação, se ela não é acompanhada da caridade ou se ela não tem por fim a caridade. Além disso, como somos fracos e inconstantes e sem Deus nada podemos fazer, devemos pedir a Deus, pela oração, que nossas penitências acompanhadas da caridade sejam agradáveis aos seus olhos.

Dessa forma, podemos compreender porque a Igreja escolheu estas passagens da Sagrada Escritura para o Domingo que precede a quaresma. A Igreja anuncia a Cruz, para que satisfaçamos pelos nossos inumeráveis pecados. Ela faz o elogio da caridade porque sem a caridade nada tem valor, dado que só a caridade ordena tudo a Deus. E, finalmente, ela nos apresenta a cura do cego, na qual encontramos um modelo de oração: “Filho de David, tende piedade de mim.” Assim, não podemos fazer uma penitência sincera sem ter por finalidade a união com Deus. E, ao mesmo tempo, não podemos estar verdadeiramente unidos a Deus se recusamos carregar a nossa própria cruz, quer dizer, se recusamos fazer penitência. A cruz e a caridade são inseparáveis nessa Terra. Todavia, nem a caridade nem a cruz podem existir sem a oração, pois sem Deus nada podemos fazer. É preciso fazer penitência não para se orgulhar, não para se mostrar aos outros, mas para recobrar ou aumentar a nossa amizade com Deus, pedindo-lhe, pela oração, essa amizade. Durante a Quaresma, a união da penitência, da oração e da caridade é indispensável. Uma Quaresma sem um desses três elementos seria uma Quaresma infrutífera, que não conduziria a uma união profunda e duradoura com Deus, união que é, justamente, o objetivo da Quaresma. É por isso que, tradicionalmente, recomendam-se esforços nesses três frentes durante a Quaresma: penitência (privar-se de algo que gosta, por exemplo), oração (determinar dias de visita ao Santíssimo, rezar um terço a mais, ou outra

devoção) e obras de caridade (como, por exemplo, esmolas ou as obras de misericórdia corporais e espirituais).

Gostaria, porém, de dar um exemplo e uma sugestão, caros católicos, de resolução para essa Quaresma. Exemplo e sugestão de uma resolução que une muito bem esses três elementos de que acabamos de falar. Trata-se do combate de cada um contra seu defeito dominante.

O demônio, inimigo do homem, é como um leão que ruge ao nosso redor, procurando nos devorar. Com muita inteligência, ele busca, precisamente, nos atacar em nosso ponto fraco. Assim, ele faz a ronda para examinar todas as nossas virtudes teologais, cardeais e morais, e é no ponto em que nos encontra mais fraco, é nesse ponto, que é o mais perigoso para a nossa salvação, que ele nos ataca e tenta nos abater. Como um bom chefe de guerra, ele sabe que uma vez tomado o ponto mais fraco de nossa alma, o menos virtuoso, ele vai se tornar o mestre de todo o resto de nossa alma. Esse ponto mais desprovido de virtude, o mais arruinado pelas nossas más inclinações é justamente o nosso defeito dominante, que é também a raiz, a causa de muitos outros pecados. Esse defeito dominante pode ser muito diverso segundo cada pessoa: o orgulho, a vaidade, a sensualidade, a impureza, a falta de modéstia, o respeito humano, o apego aos bens desse mundo, o apego às honras ou à glória desse mundo. Ele pode ser a preguiça, sobretudo a preguiça espiritual, a falta de espírito sobrenatural, a falta de esperança, a inconstância, o espírito mundano, a cólera, etc...

É fácil ver a importância de combater nosso defeito dominante e isso por duas razões principais. Primeiramente, porque é do defeito dominante que nos vêm os maiores perigos para a nossa alma e as mais graves ocasiões de pecado. Como dissemos, ele é a raiz para vários outros pecados. Segundo, podemos ver a importância de combater o defeito dominante pelo fato de que, uma vez vencido o inimigo mais terrível, os inimigos mais fracos serão facilmente derrotados por nossa alma, que se tornou mais forte em razão da primeira vitória. Devemos agir como o Rei da Síria na guerra contra Israel. Esse Rei ordenou aos seus soldados que combatessem unicamente contra o Rei de Israel, prometendo que a morte do Rei inimigo daria uma vitória fácil sobre o resto do exército israelita. Foi exatamente o que aconteceu: tendo morrido o rei de Israel, todo o exército cedeu e a guerra terminou imediatamente. De maneira semelhante, caros católicos, será muito mais fácil vencer nossos outros defeitos quando tivermos vencido o nosso defeito dominante.

Para que sejamos vitoriosos nesse combate, é preciso, todavia, seguir o conselho da Igreja. A vitória sobre o nosso defeito dominante não ocorre sem os sofrimentos, sem as cruzes, sem as privações. É impossível vencê-lo sem a mortificação, sem a penitência. Do mesmo modo, sem a oração – sem muita oração – é igualmente impossível vencê-lo e até mesmo começar a batalha, pois é Deus que nos dá a força para combater e é Deus que nos dá, em última instância, a vitória. Sem Ele, mais uma vez, nada podemos fazer. Finalmente, é a caridade, a vontade de servir Deus, infinitamente bom e amável, que deve nos animar e nos dispor ao combate. São a cruz e a oração simples – mas eficaz – do cego que nos são lembradas pelo Evangelho. É a caridade – absolutamente necessária – que nos lembra São Paulo no sublime elogio da caridade. Mas para não se enganar a respeito de seu próprio defeito dominante, é necessário pedir o auxílio de Deus, para que Ele mostre qual é esse defeito e convém pedir conselho a um padre bom que conheça sua alma.

Se, caros católicos, conseguirmos vencer ou ao menos começar uma batalha séria contra nosso vício dominante – porque às vezes é preciso muito tempo para vencê-lo, como foi o caso, por exemplo de São Francisco de Sales com a ira – o caminho da santidade estará bem traçado, pois

dessa forma cortamos o mal pela raiz, cortamos o mal em sua causa e evitamos todos os frutos ruins, que são os pecados. Com essa má árvore cortada, poderemos praticar com facilidade e alegria a virtude e o bem, avançando no caminho da perfeição.

Em todo caso, caros católicos, durante a Quaresma, não esqueçam nem um só desses três elementos: a penitência, a oração e a caridade. Com eles teremos uma Quaresma com frutos abundantes e duradouros porque teremos avançado em direção à vida eterna, satisfazendo por nossos pecados e nos dispendo à graça. Sem esses elementos, nossa Quaresma até poderá produzir alguns frutos, mas eles permanecerão superficiais e passageiros. Portanto: a cruz, a oração, a caridade. Isso é o resumo do Evangelho, o resumo da vida de Nossa Senhor Jesus Cristo. Deve ser também o resumo de nossas vidas.

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

A morte e quais e como devem ser nossas práticas quaresmais

Estamos hoje na quarta-feira de cinzas, primeiro dia da Quaresma. Dia de jejum e abstinência. Abstinência é não comer carne, obrigando todos os fiéis católicos, a partir dos 14 anos. Jejum é fazer uma refeição normal, em geral o almoço, e duas refeições, uma de manhã e uma de tarde, que, juntas, não cheguem a uma refeição normal. E não se deve comer nada entre as refeições. Todos os católicos entre dezoito e sessenta anos estão obrigados ao jejum, a não ser por motivo de saúde, ou por trabalho mais duro, ou uma mulher pela gravidez, por exemplo.

Recomendo muito, prezados católicos, que escolham um bom livro para acompanhá-los durante a quaresma. O livro de Santo Afonso sobre a Paixão, por exemplo, ou as meditações diárias do mesmo santo, a Prática do Amor a Jesus Cristo ainda de Santo Afonso; Filoteia de São Francisco de Sales, ou o Combate Espiritual, do Padre Scupoli, os Exercícios de Perfeição Cristã do Padre Rodrigues, ou uma boa Vida de Cristo. Algo que possa elevar a alma nesse tempo santo.

“Memento, homo, quia pulvis est et in pulverem reverteris.” Lembra-te, ó homem, que és pó e que ao pó retornarás.”

É com essa frase que a Igreja quer que nossa frente seja marcada pelas cinzas. Lembra-te, ó homem, que és pó e que ao pó retornarás. A Igreja, nesse início de Quaresma, coloca diante do homem a sua mortalidade. Ela nos lembra que a morte vem para todos, indistintamente. Essa é a grande certeza de todos os homens: a morte, morreremos um dia. Todavia, a morte certa tem também uma incerteza: não sabemos nem o dia nem a hora. Portanto, caros, católicos, sabemos que iremos morrer, mas não sabemos quando. A grande ilusão é crer que temos ainda muito tempo para nos arrepender, para chorar pelos nossos pecados, para avançar na virtude, para nos converter. Como nos lembra o Livro de Esther em uma das Antífonas de hoje: emendemo-nos para melhor, para que não suceda que, surpreendidos pela morte, procuremos espaço para fazer penitência e não o encontremos. É aqui e agora que devemos nos converter.

O tempo da Quaresma é um tempo de grandes graças, se procuramos vivê-lo bem, isto é, se procuramos realmente nos converter a Deus, para amá-lo e servi-lo como nosso infinito bem que é. Não podemos desperdiçar esse tempo de graça. É preciso aproveitá-lo, para que não suceda que, surpreendidos pela morte, procuremos espaço para nos converter e não o encontremos.

Na Quaresma, prezados católicos, nossas práticas devem ter dois aspectos. Um deles se refere, digamos, ao passado: nossas práticas quaresmais devem ter como finalidade a expiação, a

penitência, pelos nossos pecados cometidos. O outro aspecto diz respeito ao presente: nossas práticas quaresmais devem ter como finalidade nosso avanço na virtude, no amor a Deus, no abandono de nossos pecados presentes. A Quaresma é tempo de grandes graças para obter a misericórdia divina, para abandonar o velho homem, para abandonar o nosso pecado habitual, dominante. Assim, prezados católicos, nossas práticas não devem ser simplesmente práticas mais ou menos austeras, mas devem ter por finalidade o pedir perdão a Deus e o avanço no caminho do amor a Deus. Como nos diz o Profeta Joel: Converti-vos a mim de todo o vosso coração, com jejuns, com lágrimas e com gemidos. É preciso nos converter a Deus de todo o coração, orientando-nos para Ele, inteiramente, colocando-o como o fim de nossas vidas. É preciso nos converter a Deus com jejuns, reparando pelos nossos pecados. É preciso nos converter a Deus com lágrimas e gemidos, isto é, com verdadeiro arrependimento por tê-los cometidos e com o firme propósito de não mais pecar. O tempo da quaresma é um tempo de graça. É tempo de uma boa confissão, sincera, humilde, integral.

Nossas práticas quaresmais, caros católicos, devem ser feitas com humildade. Devemos ter plena consciência de que não são nada diante de Deus e diante do que Lhe é devido, por mais que essas práticas pareçam muito perfeitas. Se nas nossas devoções, se na nossa prática religiosa entra o orgulho, tudo será prejudicado. Devemos, então, ficar atentos, e fazê-las com humildade, como algo que é simplesmente devido a Deus e que é nada diante do que deveríamos fazer por Ele. A recompensa das nossas práticas quaresmais não pode ser a nossa satisfação própria ou o elogio alheio, mas deve ser a vida eterna. Nossas práticas terminarão sendo mais ou menos conhecidas pelas pessoas que nos são próximas, mas devemos sempre endireitar nossa intenção: faço isso para Deus e não para que as outras pessoas me estimem.

A quaresma é um tempo de graça. A primeira graça está nas palavras: *Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris* (lembra-te, ó homem, que és pó e que ao pó retornarás). Devemos guardar essas palavras durante toda a nossa vida. Somos pó, e pó é tudo que há sobre a terra. Vamos morrer, caros católicos. Não sabemos quando. É preciso estar pronto. Deus nos dá esse tempo favorável, o tempo da quaresma, tempo em que é extremamente largo em sua misericórdia. Na quaresma, Deus bate de modo particular na porta de nossa alma. A nós, cabe abrir a porta. Cabe-nos abrir a porta pela conversão a Ele, de todo o coração. Cabe-nos abrir essa porta pelas súplicas de nossas orações redobradas durante a quaresma. Cabe-nos abrir essa porta pela prática da virtude. Cabe-nos abrir essa porta pela mortificação. Tendo escolhido nossas práticas quaresmais, mantenhamo-nos firmes. Se falharmos uma vez ou outra, peçamos o auxílio da graça e retomemos nossas resoluções, sem abandoná-las. Abramos a porta ao divino Salvador. Ele não vai bater eternamente.

Somos pó. As criaturas são menos que pó. Amemos a Deus.

Memento homo quia pulvis est et in pulverem reverteris. Lembra-te, ó homem, que és pó e que ao pó retornarás.

Entramos hoje, com a quarta-feira de cinzas, no tempo da Quaresma, caros católicos. É tempo da misericórdia divina. É tempo de grandes graças. É tempo, então, de nos convertermos ao Senhor. É tempo de deixarmos nossos pecados, é tempo de pararmos de ofender a Deus com os nossos pecados. É tempo de buscar o sacramento da confissão.

É um tempo de graça porque nos lembra, desde o início, que somos pó e ao pó retornaremos. Diante de Deus, nós somos como um nada. E se nós, seres humanos, a mais perfeita criatura que vive na terra, somos pó, o que dizer das outras criaturas terrenas? O que dizer dos bens

terrenos aos quais somos apegados de maneira desordenada. Se o homem é pó, o que são os bens desse mundo? São nada. Somos pó, os bens desse mundo são ainda menos que pó. Não podemos trocar Deus, o bem infinito e nossa felicidade eterna, por nós mesmos ou pelos bens desse mundo. Não podemos trocar Deus e ofendê-lo por um monte de pó. O tempo da Quaresma é tempo de pensarmos nos novíssimos: na morte, no nosso juízo particular – que ocorrerá no momento de nossa morte -, no inferno, no paraíso. Muito útil o pensamento de tudo isso para nos convertermos a Deus. Somos pó e ao pó retornaremos.

A Quaresma é tempo de penitência. Claro, estamos obrigados a fazer durante todo o ano as penitências impostas pela Igreja, principalmente às sextas-feiras, em que é bom manter a penitência tradicional de abstinência de carne. Todavia, no tempo da Quaresma, devemos reforçar ainda mais essas práticas penitenciais. Nossas práticas quaresmais devem ser em três ordens: mortificação, oração e caridade para com o próximo. O belo prefácio da Quaresma, que hoje cantamos e que recitaremos ao longo de todo esse tempo, mostra os bons efeitos das práticas quaresmais, de modo geral, e do jejum e da mortificação em particular: os vícios são reprimidos, a mente é elevada, a virtude é concedida por Deus com largueza e Ele também nos concede o prêmio pela virtude, que é o céu. Com maior afinco devem procurar exercer as práticas quaresmais as pessoas afetadas pelo pecado contra a castidade. É o pecado que mais leva as almas ao inferno. É bom nos entregarmos então às práticas penitenciais na Quaresma, sempre guardando a prudência, de modo que a penitência não nos impeça de cumprir nossos deveres de estado. E devemos sempre manter a humildade e a discricão nas práticas penitenciais. Se as fizermos com orgulho não obteremos nenhum efeito positivo, mas, ao contrário, teremos apenas prejuízos espirituais. E devemos perseverar nessas práticas, mesmo se falharmos uma vez ou outra.

Todavia, essa penitência mais corporal, bem como todas as outras práticas quaresmais são apenas um meio – necessário, diga-se – para se chegar à penitência que realmente nos interessa: o arrependimento e a detestação dos nossos pecados, por um lado, e o amor a Deus pelo outro. Também isso está no prefácio: reprimir os vícios, isto é, deixar de lado os pecados, a inclinação para as criaturas, e elevar a mente a Deus, isto é, elevar nossa inteligência a Deus pela fé católica e elevar a nossa vontade a Ele pela prática dos mandamentos. O objetivo da quaresma, como de tudo em nossa vida, é somente um: crescer no amor a Deus ou passar a amá-lo, se estamos em pecado mortal. As práticas quaresmais nos são ajudas preciosas para isso.

Deus é benigno e compassivo, paciente e de muita misericórdia, e inclinado a suspender o castigo, como nos diz o profeta Joel na Epístola. Enquanto vivermos, Deus ainda nos dá a sua misericórdia, para que nos convertamos a Ele. Esse tempo não vai durar para sempre. A morte nos chegará, como um ladrão. Precisamos estar sempre preparados, em estado de graça. Aproveitem, aqueles que ainda vacilam no caminho da virtude, que caem com frequência em pecados mortais ou que vivem habitualmente nesses pecados, aproveitem o tempo da quaresma para remediar os próprios vícios, para alcançar a misericórdia divina, para recorrer a ela com confiança e determinação de conversão. Aproveitem aqueles que já vivem habitualmente em estado de graça, para avançar cada vez mais no caminho da virtude, sempre vigiando e rezando, com muita humildade, reconhecendo as próprias fraquezas e defeitos, para não cair em tentação. Corrijamo-nos, agora, caros católicos, amemos a Deus efetivamente agora, deixando os nossos pecados agora e fazendo o bem agora, porque depois será tarde. Convertamo-nos agora, para que não aconteça que, surpreendidos pela morte, procuremos espaço para fazer penitência e não o encontremos, como nos diz um dos cantos de imposição das cinzas.

1º DOMINGO DA QUARESMA

Jesus, Filho de Deus: amemos a Jesus Cristo, Ele é Deus.

Estamos no início desse tempo de misericórdia que é a Quaresma. A santa Igreja nos traz, nesse primeiro domingo da Quaresma, o Evangelho da tentação de Cristo, para nos dar o exemplo de luta contra o pecado, contra as ciladas do demônio. Na Quaresma, como falamos, e como em todas as coisas da nossa vida, devemos buscar avançar no amor a Jesus Cristo. Para isso, devemos combater nossos pecados e defeitos, mas também crescer no conhecimento de Jesus Cristo. Só podemos amar aquilo que conhecemos. Hoje e nos próximos domingos, consideremos justamente um pouco melhor alguns aspectos de Nosso Senhor Jesus Cristo, para poder conhecê-lo melhor e amá-lo mais profundamente.

Jesus Cristo, caros católicos, é o Filho de Deus. No Evangelho de hoje, o demônio, na primeira tentação, ao se dirigir a Jesus Cristo, diz: “Se és o Filho de Deus...” O demônio não sabia ao certo quem era Jesus Cristo. Tinha já indícios de que Jesus era o Messias e o Filho de Deus, mas não tinha certeza e continuou ainda sem essa certeza por certo tempo. Nosso Senhor é verdadeiramente o Filho de Deus e assim Ele se apresentou diante dos homens. Filho de Deus, é esse o título mais glorioso de Nosso Senhor Jesus Cristo, no qual se fundam todos os outros. Foi por ser Filho de Deus que Nosso Senhor conquistou tantos discípulos ao longo da história e tantos inimigos. Ele é Filho de Deus não no sentido de uma filiação adotiva, mas Ele é Filho de Deus no sentido natural. Jesus é Deus. Jesus é Deus Filho encarnado, Deus Filho feito homem.

Na Sagrada Escritura, nós vemos o título de Filho de Deus aplicado a outras pessoas. Os anjos são chamados em algumas oportunidades filhos de Deus (Salmo 28, 1; Daniel 3, 92). Nosso Senhor chama os pacíficos de filhos de Deus no sermão da montanha (Mateus 5, 45). São João (Prólogo) diz que aos que recebem Jesus é dado o poder de se tornarem filhos de Deus. Aqui, porém, se fala da filiação divina pela graça, pela união com Deus em virtude da fé e da caridade. É uma filiação adotiva. Participamos da natureza divina, mas não adquirimos a natureza divina. Com Jesus Cristo é bem diferente. Um trinta vezes “filho de Deus” se encontra no Evangelho para designar Jesus Cristo. Em muitas dessas trinta vezes “filho de Deus” aparece simplesmente como sinônimo de Messias. Todavia, em algumas delas, “filho de Deus” significa realmente a filiação divina de Cristo por natureza. Citemos apenas duas nos Evangelhos Sinóticos (Mateus, Marcos, Lucas). (1) Quando Jesus é preso, o Sumo Sacerdote lhe pergunta se ele é o Filho de Deus. Nosso Senhor confirma e o sumo sacerdote rasga as vestes dizendo que o Salvador blasfemou, pois se fez Deus. (2) Já depois de ressuscitado, Nosso Senhor manda os seus discípulos batizarem em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. O Filho de Deus, que é Cristo, é também Deus, como o Pai e o Espírito Santo. No Evangelho de São João, isso é ainda mais claro. A finalidade maior do Evangelho de São João é afirmar e mostrar claramente a divindade de Cristo. O Evangelista nos diz, já no final de seu Evangelho (20, 31): “todas essas coisas foram escritas para que acrediteis que Jesus é o Cristo, Filho de Deus.” Abunda em São João o uso por Cristo do título de Filho de Deus para significar a sua divindade, a sua igualdade de natureza com o Pai. “Eu e o Pai somos um.” (10, 30). E é sobretudo na última ceia, pouco antes de sua paixão e morte, que Nosso Senhor fala ainda mais claramente aos apóstolos, aos quais foi confiada a Missão de ensinar tudo o que Jesus falou. Nessa ocasião, Nosso Senhor diz: “E, agora, Pai, glorifica-me junto de ti mesmo, com aquela glória que tive em ti, antes que o mundo fosse” (17, 5) Continua Jesus dizendo que todas as coisas do Filho são do Pai e que todas as coisas do Pai são do Filho (17, 10).

Além do próprio título de “filho de Deus” todo o Evangelho abunda para mostrar que Cristo é realmente Deus, como o Pai. Sua preexistência: antes que Abraão fosse, eu sou; São João Batista diz que Cristo vem depois dele, mas que existe antes dele, sendo que Cristo nasceu depois de São João Batista. Ele é o Verbo de Deus pelo qual foram feitas todas as coisas, como nos diz o Prólogo de São João. Ele afirma ter todo o poder na terra e no céu, como está no final do Evangelho de São Mateus. Só Deus tem todo o poder. Ele se diz o senhor do sábado, superior à Lei Mosaica, que era a lei dada por Deus. Apenas Deus pode ser maior que a lei dada por Deus. Ele se diz maior que todos os profetas e patriarcas. A missão transcendental de Jesus Cristo, as relações que o unem ao Pai de uma maneira única demonstram também a sua divindade. Os milagres e as profecias, que confirmam a veracidade dos ensinamentos de Cristo, confirmam de modo particular o seu ensinamento de que Ele é uma pessoa divina. O demônio não pode absolutamente nada contra Ele, como nos mostra também o Evangelho de hoje. Nosso Senhor está absolutamente livre do pecado. Mais do que isso, Ele perdoa os pecados, para escândalo dos fariseus que sabem que só Deus pode perdoar os pecados. Eles compreendem que Cristo ao perdoar os pecados em seu próprio nome se faz Deus. E Ele transmite aos apóstolos o poder de perdoar os pecados em seu nome. Ele se chama “luz do mundo”, “caminho, verdade e vida”. Ninguém pode se chamar assim se não é Deus. Ele se coloca como objeto de amor superior ao pai e à mãe de cada um. Ele deve ocupar o primeiro lugar na hierarquia do nosso amor: “se alguém ama pai ou mãe mais do que a mim, não é digno de mim; o que ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim.” A sublimidade da doutrina dogmática e moral de Nosso Senhor também indica a sua divindade. Claro, santos e profetas ensinaram coisas elevadas e divinas, mas Nosso Senhor ensina um sistema total, orgânico, plenamente harmônico de doutrina. E Ele ensina em nome próprio, como Mestre que age por conta própria, exercendo as funções que recebeu do Pai e falando de tudo o que vê no seio do Pai. Nosso Senhor funda uma sociedade religiosa, que é a Igreja Católica, e o faz sobre um pescador, tornando-o uma rocha firmíssima. Promete a assistência à sua igreja até a consumação dos séculos. Funda essa sociedade sem nenhum temor de que algo possa dar errado, ao contrário dos homens temerosos diante das adversidades em suas empresas. Os adversários de Jesus reconhecem que Ele se afirma “Filho de Deus” no sentido natural e sabem que os milagres e seus ensinamentos confirmam que Ele é Deus e que Ele vai acabar arrastando todo o povo consigo. É por isso que querem matá-lo: porque Cristo se fez igual a Deus. Em um desses momentos os judeus dizem: “Não é por causa de nenhuma obra boa que te apedrejamos, mas pela blasfêmia, e porque Tu, sendo homem, te fazes Deus.” E Jesus escapou das mãos deles nos diz o Evangelho. Aos escapar tão simplesmente das mãos deles, essa e outras vezes, ao escapar tão simplesmente de pessoas cheias de ódio e já com pedras na mão, Nosso Senhor mostra também que tinha domínio completo sobre todas as coisas, Ele é Deus. Todo o Evangelho nos mostra a divindade de Cristo.

Aquele que nós ofendemos pelos nossos pecados, aqueles que nós pregamos na cruz pelos nossos pecados é Deus. Não é simplesmente um homem muito unido a Deus, um homem muito perfeito. Não, Ele é Deus feito homem para nos salvar, caros católicos. Consideremos tudo o que Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, fez por nós, pobres pecadores para nos salvar. Deus que veio à terra, viver entre os homens miseráveis, para salvar os homens.

Com nossas lágrimas e penitências nesse tempo da Quaresma, queremos, Senhor abandonar as nossas iniquidades e voltar-nos a Vós. É grande o nosso pecado, Senhor, mas perdoai-nos, pois nos confessamos culpados. Dai remédio para os nossos males, concedei-nos a graça do perdão. Dai-nos fazer boa confissão. Queremos, Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, amar-

Vos com toda a nossa alma, com todas as nossas forças. Como nos diz São Paulo na Epístola: Deus está pronto para ouvir no tempo aceitável e nos ajudar no dia da salvação. É agora o tempo aceitável. É agora o tempo da salvação. Não tardemos em amar Jesus Cristo.

Tentações: razões, fases, modos de vencê-las

No Santo Evangelho de hoje, vemos o demônio tentando Nosso Senhor Jesus Cristo. São Tomás diz que Nosso Senhor quis ser tentado por quatro razões.

Primeiramente, para nos auxiliar contra as tentações, isto é, para vencer as nossas tentações pelas suas, assim como venceu a nossa morte pela sua morte.

Em segundo lugar, Ele quis ser tentado para que ninguém pense que está imune das tentações, por mais santo que seja.

Terceiro, para nos dar o exemplo de como vencer as tentações.

Quarto, para que tenhamos confiança em sua misericórdia, pois temos um Salvador semelhante a nós em tudo, salvo no pecado.

É preciso ter claro, porém, que a tentação de Cristo no deserto é bem diferente da nossa. Quando somos tentados, inclinamo-nos e somos, em maior ou menor medida, atraídos ao mal e temos que combater essa inclinação, às vezes com grande dificuldade. Em Cristo, não houve nada disso, não houve qualquer conflito interno nem qualquer inclinação ao mal, por menor que seja. Para Cristo, as tentações que lemos hoje no Evangelho, eram puramente exteriores, pois do contrário haveria o início de uma desordem moral em Cristo, o que não pode ser admitido sem blasfêmia.

Convém, então, conhecermos o processo da tentação, para não confundi-la com o pecado. A tentação não é, em si, um pecado.

Nós vemos hoje, então, o demônio em seu ofício próprio, que é o de tentar, como nos diz São Tomás. Todavia, nem todas as tentações vêm do demônio. São Tiago no diz expressamente que “cada um é tentado por suas próprias concupiscências, que atraem e seduzem.” (Tiago I, 14). E também é evidente que outros homens podem nos tentar, nos incitar ao pecado pelo mau exemplo, por mau conselho, mandando, louvando o pecado, participando, ou então, não nos avisando, não impedindo, não denunciando o pecado quando podem e devem fazê-lo. A tentação pode ocorrer de dois modos distintos. O primeiro modo por persuasão interna, ou seja, pela imaginação, pela provocação de sentimentos desordenados ou de paixões desordenadas, a fim de obscurecer nosso entendimento e arrastar nossa vontade. O segundo modo é pela proposição externa do objeto desordenado que atrai nossas paixões, nosso entendimento ou nossa vontade.

Para evitar a confusão entre a tentação e o pecado, é preciso distinguir **três fases na tentação**.

A primeira fase da tentação é a **sugestão**. A sugestão é a representação do pecado na imaginação ou na inteligência. Portanto, o pecado aparece em nossa imaginação ou em nossa inteligência. Essa mera representação ou aparição involuntárias – por piores que sejam e por mais duradouras que sejam – não constituem ainda pecado, se nossa vontade não consente. Evidentemente, devemos rechaçar essa sugestão assim que percebemos a sua maldade. Se a vontade não trabalha para afastar essa sugestão, nos expomos ao subsequente consentimento. Portanto, a negligência em não afastar essa sugestão ou representação é um pecado venial, sobretudo se a tentação é forte. Se eu desejo pensar em algo ruim ou imaginar algo ruim, já

temos aí, evidentemente, um pecado, pois se trata de um ato plenamente voluntário. Eis a primeira fase: a sugestão, a imaginação ou o pensamento ruim involuntários.

A segunda fase da tentação é a **deleitação não deliberada** ou o **sentir involuntário**. Com frequência, a simples sugestão involuntária de que falamos acima gera certa deleitação ou uma sensação. Também aqui não há pecado, se essa sensação não é querida, se ela não é desejada nem permitida pela vontade. Essa sensação espontânea não é um ato voluntário e não pode, então, ser um pecado. Sentir não é consentir. E o pecado está somente no consentir. Então, se, ao contrário, consentimos nessa deleitação, nessa sensação agradável que nos traz a sugestão do pecado, cometemos aí sim uma ofensa a Deus.

A terceira fase da tentação é o **consentimento da vontade**. Se depois da sugestão e dessa deleitação ou sensação involuntárias, a vontade rechaça ambas as coisas, não há aí pecado algum. O pecado só existe quando admitimos ou aprovamos a má sugestão ou a deleitação desordenada. O pecado só vem com o consentimento da vontade. É preciso ter bem claras essas três fases e ter em mente que o pecado só vem com o consentimento.

Muitas vezes, é difícil discernir se houve ou não consentimento. Há algumas regras para nos ajudar a saber se houve ou não consentimento. Assim, se se trata de uma pessoa de consciência reta que não costuma cair com frequência em pecado, a presunção de que não houve consentimento ou de que o consentimento foi imperfeito está a seu favor. Se se trata, ao contrário, de pessoa que tem a consciência larga e que costuma ceder com frequência às tentações, a presunção é de que houve consentimento. Se a pessoa lutou durante todo o período da tentação, rechaçando-a repetidas vezes, é provável que não tenha consentido ou ao menos que não tenha consentido plenamente. Da mesma forma, em geral, se a pessoa podia cometer facilmente um pecado externo correspondente à tentação e não o cometeu, há indícios fortes de que não houve pleno consentimento. Em caso de dúvida séria se consentimos ou não, devemos fazer um ato de contrição e nos acusar dessa falta como duvidosa na confissão.

Para vencer as tentações é preciso, igualmente, distinguir três fases.

A primeira fase antecede a tentação. Ela consiste em **vigiar e orar**. Nosso Senhor mesmo o diz: “Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca.” (Mt XXVI, 41). É preciso, portanto, ter uma vida de oração sólida, com as orações da manhã e da noite, com o Santo Terço, com jaculatórias. Recorrer a Nossa Senhora e ao Anjo da Guarda. É preciso vigiar, fugindo das ocasiões de pecado, evitando a ociosidade, combatendo o defeito dominante, mortificando os sentidos, sobretudo os olhos. Nosso Senhor nos dá o exemplo: no deserto, ele passou quarenta dias rezando, meditando e mortificando-se, sem ociosidade, sem colocar-se em ocasião de pecado, etc...

A segunda fase do combate à tentação é durante a própria tentação. É preciso **resistir à tentação** assim que ela surge, isto é, quando ela ainda é fraca e fácil de ser vencida. Não agir logo contra a tentação, sobretudo em matéria de fé e pureza, é um pecado venial de negligência e de exposição ao pecado, pois se deixamos a imaginação ou o pensamento permanecerem, passaremos à deleitação involuntária e dessa deleitação temos um grande risco de passar ao consentimento. Nosso Senhor nos dá o exemplo. Ao contrário de Adão e Eva que pararam para pensar no que estava dizendo o demônio e terminaram consentindo, Cristo reage imediatamente, citando a Revelação. É preciso, assim, resistir à tentação seja diretamente, seja indiretamente. Resistir diretamente à tentação é fazer ou pensar o contrário daquilo que é sugerido pela tentação. Se a tentação consiste em falar mal de alguém sem necessidade, devemos procurar

falar bem daquela pessoa, de suas qualidades. Se a tentação é de suprimir uma oração ou encurtá-la, devemos prolongá-la. Se a tentação é de irar-se sem causa ou de forma desproporcional, devemos agir com muita medida, etc. Resistir indiretamente consiste em não enfrentar a tentação, mas afastar-se dela, aplicando nossa imaginação e nossa inteligência em algo bom, lícito, que possa absorver nossas faculdades. Em tentações contra a fé e a castidade, devemos aplicar sempre a resistência indireta, pois nesses casos, a luta direta pode aumentar a tentação, dado o perigo e a sinuosidade da questão. Em matéria de fé e castidade, em particular, devemos aplicar as nossas faculdades, sobretudo a memória e a imaginação, a uma atividade que as absorva e devemos fazer isso rápida e energeticamente, mas também com grande serenidade e calma. Por exemplo, podemos considerar todos os Estados do país e suas capitais, como diz um autor espiritual.

A tentação pode persistir, apesar de a rechaçarmos empregando os devidos meios. Se a tentação persiste, não devemos desanimar, não devemos perder a coragem. Será necessário repetir mil vezes o repúdio à tentação com serenidade e paz, evitando cuidadosamente o nervosismo, a perturbação e certo desespero, que seriam já um início de vitória do inimigo. Nosso Senhor dá mais uma vez o exemplo: Ele reage imediatamente à tentação e com vigor, mas com serenidade e calma. Cada ato de repulsa à tentação será um mérito adquirido diante de Deus e um novo fortalecimento para a alma. A tentação contínua, quando é igualmente rechaçada continuamente, aproxima a alma de Deus. Quando as tentações são contínuas, convém manifestá-las ao confessor, pois uma tentação declarada ao confessor é uma tentação semi-vencida já. O confessor poderá também dar conselhos mais precisos para evitar as tentações e combatê-las melhor. Claro, podemos pedir a Deus que nos livre dessas tentações, como fez São Paulo, sabendo, porém, que Deus pode continuar a permiti-las, justamente, para que possamos continuar a progredir humildemente, como ele fez com o mesmo Apóstolo. No Pai Nosso, não pedimos a Deus que nos livre da tentação, pedimos a Deus que não nos deixe cair nas tentações e que nos livre do mal, que é, antes de tudo, o pecado.

A terceira fase do combate às tentações é depois delas. A alma deve **agradecer a Deus humildemente**, se saiu vitoriosa do combate. Deve **arrepender-se imediatamente**, se teve a desventura de sucumbir, e procurar a confissão, se se trata de pecado grave. A alma deve aproveitar a lição da queda para os combates futuros.

Devemos nos lembrar, caros católicos, que as tentações sempre existirão. Elas só cessarão no céu. Diz a Sagrada Escritura: “Filho, vindo para servir ao Senhor, (...) prepara a tua alma para a tentação.” Em geral, quando tomamos a decisão de servir bem a Deus, somos mais tentados. E isso é bem normal. Quando estamos distantes de Deus, caminhamos sozinhos para o mal, não precisamos ser induzidos por alguém nem provocados ao erro. Quando a pessoa está distante de Deus já são tantos os perigos e as ocasiões de queda a que ela se expõe que o demônio nem precisa tentá-la, praticamente.

Eis, então, o combate contra a tentação, tentação que não é, em si, um pecado.

Aproveito também para tratar dos chamados pecados internos, para os quais muitas pessoas dão pouca importância ou automaticamente consideram como pecado venial, desde que não haja nenhum ato externo. Ora, o pecado é essencialmente algo interno, que está na vontade. Portanto, para que haja pecado não é necessário passar ao ato externo. Basta considerarmos o nono e o décimo mandamentos: não cobiçar a mulher do próximo e não cobiçar as coisas alheias são pecados puramente internos. Assim, um pecado puramente interno tem a mesma gravidade essencial que o ato externo. Claro, o ato externo aumenta a malícia do ato interno em virtude da

maior intensidade da vontade requerida para passar ao ato exterior, pela maior duração do ato interno, que se prolonga durante toda a execução exterior e pela eventual multiplicação dos atos interiores quando da execução exterior. Além disso, os atos externos podem ter outras consequências: o escândalo, a destruição dos bens do próximo e a consequente obrigação de restituir, por exemplo. Mas, essencialmente, o pecado interno tem a mesma gravidade que o ato externo, pois o ato externo é simples prolongamento do pecado interno. Por isso, Nosso Senhor diz: “todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração.” (Mt V, 28). Portanto, se o ato externo é pecado mortal, o pecado puramente interno também será, se há a plena advertência e o pleno consentimento necessários para que haja pecado grave.

Os **pecados internos** podem ser de três tipos.

O primeiro tipo de pecado interno chama-se **deleitação morosa**, que é regozijar-se na representação do pecado, como se ele estivesse sendo realizado, mas sem a intenção de realizá-lo exteriormente. Se alguém se regozija, com plena advertência e consentimento, no pensamento de assassinar outra pessoa, por exemplo, comete homicídio em seu coração, um pecado gravíssimo, por mais que não tenha a intenção de passar ao ato externo.

O segundo tipo de pecado interno é o **mau desejo**, que ocorre quando a pessoa tem a intenção de executar o pecado quando for possível. Ainda que não consiga executá-lo, o pecado interno já está cometido com a mesma gravidade essencial do pecado externo. Com o mesmo exemplo, alguém que tem a intenção de matar outra pessoa, mas não consegue fazê-lo por que a polícia passou na hora, cometeu homicídio em seu coração.

O terceiro e último tipo de pecado interno é a **alegria pecaminosa**, isto é, a alegria ou deleitação voluntárias com uma ação pecaminosa passada feita pela própria pessoa ou por outra. Aquele que, depois de ter matado alguém injustamente, se alegra de tê-lo matado, comete novamente homicídio em seu coração com a mesma gravidade essencial do homicídio propriamente dito.

Portanto, os pecados internos não são sem importância, eles não são automaticamente veniais. Os pecados internos têm a mesma gravidade essencial do ato externo.

Sigamos o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, caros católicos: Adoremos ao Senhor e sirvamos a Ele somente, combatendo as tentações e evitando todo pecado.

2º DOMINGO DA QUARESMA

Jesus Cristo, o Filho do homem: em tudo, Ele agiu com caridade infinita para conosco

Caros católicos, continuemos hoje com o nosso propósito de conhecer melhor alguns aspectos de Nosso Senhor Jesus Cristo. No último Domingo, o 1º da Quaresma, falamos daquele título mais glorioso de Nosso Senhor, o título de Filho de Deus. Filho de Deus não por adoção, mas por natureza. Nosso Senhor é verdadeiramente Deus. Ele é o Filho de Deus encarnado. Outro título que aparece com frequência nos Santos Evangelhos é o título de Filho do homem. E, enquanto Cristo esteve entre os homens, isto é, até a sua Ascensão, o título de Filho do homem foi usado

somente por Ele próprio. No final do Evangelho de hoje, Nosso Senhor o utiliza: “Não digais a ninguém o que vistes, até que o Filho do homem ressuscite dos mortos.”

A expressão “filho do homem” ocorre no Antigo Testamento em distintas ocasiões. Em todas elas, com exceção de uma, “filho do homem” significa simplesmente homem. Assim, está dito, por exemplo, que Deus não é como o homem, para mentir, ou como o filho do homem para mudar (Números 23, 19). Todavia, há uma vez em que “filho do homem” não significa homem pura e simplesmente, mas designa o homem-tipo, o homem por excelência. Diz o profeta Daniel (7, 13 e ss.): “Eu estava, pois, observando estas coisas durante a visão noturna, e eis que vi como que um Filho do homem, que vinha com as nuvens do céu e que chegou até o Ancião. (...) E o Ancião deu-lhe o poder, a honra e o reino; e todos os povos e tribos e línguas o serviram; o seu poder é um poder eterno que lhe não será tirado e o seu reino não será jamais destruído.” Portanto, está claro que o Filho do homem visto pelo profeta Daniel não é um simples homem como outro qualquer. É um filho do homem, mas que vem nas nuvens do céu. Filho do homem, para deixar clara a natureza humana. Mas que vem nas nuvens do céu para deixar clara a natureza divina e o poder divino. No Antigo Testamento com frequência Deus é apresentado sobre as nuvens do céu (Ex. 14, 24; Salmo 17, 10). De fato, os judeus da época de Jesus entendiam bem o título “Filho do homem” como designando o messias, que não seria um simples homem. Assim, Caifás pergunta a Cristo se Ele é o Messias, o Filho de Deus. Nosso Senhor confirma e diz que Caifás verá depois o Filho do homem sentado à direita do poder de Deus e vir sobre as nuvens do céu. Caifás compreende a alusão à profecia de Daniel e rasga as vestes por compreender também que Cristo se atribuía a natureza divina não só ao confirmar que era o filho de Deus, mas também ao dizer que era o Filho do homem que voltaria sobre as nuvens do céu. O Filho do homem representava, para os judeus, o Deus que se fez homem.

Jesus se chama Filho do homem nos Evangelhos 82 vezes. Por que Nosso Senhor insiste tanto nesse título? O Filho do homem? Em primeiro lugar, Nosso Senhor quer afirmar a sua natureza humana. Ele é homem. Mais do que isso, Ele é o Filho do homem, ele é o homem por excelência, o homem cuja perfeição está acima de todos os homens. Ele é um homem, com uma alma e um corpo. Nosso Senhor é verdadeiramente homem. Aquele que era Deus, o Verbo, sem deixar de ser Deus, sem sofrer nenhuma mudança, tornou-se carne, tornou-se homem. O Verbo assumiu a natureza humana. Em Cristo, temos uma só pessoa, a pessoa divina, do verbo de Deus, mas temos duas naturezas: a natureza divina e a natureza humana. Nosso Senhor é verdadeiramente e perfeitamente Deus. Ele é verdadeiramente e perfeitamente homem. Em tudo, assim, Nosso Senhor é homem como nós, exceto no pecado e no que pode levar ao pecado. Em Nosso Senhor não houve nenhum tipo de defeito moral.

Ele tinha, então, um corpo como o nosso. São Tomé até coloca o dedos nas chagas gloriosas desse corpo depois da ressurreição. São Mateus e São Lucas dão a genealogia de Cristo. Ora, a genealogia não é para os espíritos, mas para os corpos. Nosso Senhor nasce envolto em panos, Ele é circuncidado, exerce a profissão de artesão carpinteiro, come, dorme encostado em uma barca, senta-se na beira de um poço de água, tem sede. Fala, percorre o que se chama hoje, por causa dEle, de Terra Santa. Sofre dores incriveis, morre e é sepultado. Mais do que tudo isso, Ele tem um corpo ao ponto de transformá-lo em alimento: “Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”, diz Nosso Senhor no Evangelho de São João (6, 54). E, na véspera de sua morte, transforma o pão em seu corpo na última ceia, para alimentar as nossas almas. É o seu corpo – a sua vida – que é oferecido pela remissão dos pecados.

Nosso Senhor tinha também uma alma como a nossa, salvo na impossibilidade de pecar e de se inclinar ao pecado ou a qualquer desordem moral. Tudo na alma de Nosso Senhor estava perfeitamente ordenado a Deus. Nosso Senhor tinha, então, uma inteligência humana, a mais perfeita que já existiu, e que conheceu toda a verdade e todas as coisas ainda na terra. Nosso Senhor tinha uma vontade humana perfeitamente e livremente submetida à vontade divina, incapaz de pecar, incapaz de qualquer traço de pecado. Com sua alma e seu corpo, Nosso Senhor tinha também emoções e sentimentos. Nunca, porém, desregrados, mas sempre submetidos à sua razão e à sua vontade, razão e vontade que estavam, por sua vez, plenamente submetidas a Deus. Nosso Senhor não tinha nenhum sentimento ou emoção desregrado, irracional, pecaminoso, nada, absolutamente nada. Desse modo, Ele tinha uma imensa ternura por sua santíssima mãe (Jo 19, 27), tinha predileção por São João Evangelista, teve tristeza pela morte de Lázaro, teve compaixão da multidão que o seguia durante dias sem comer; teve a angústia mortal no Jardim das Oliveiras, a santa ira para expulsar os vendilhões no templo e assim por diante. Tudo perfeitamente ordenado.

Sim, Nosso Senhor era homem e era o homem perfeito. Ele usa, então, o título de Filho do homem para afirmar, primeiramente e claramente, a sua humanidade. Em segundo lugar, Nosso Senhor Jesus Cristo se designa com frequência como o Filho do homem para afirmar que Ele é o Messias prometido ainda a Adão e Eva. Ao afirmar ser o Filho do homem, os judeus se lembravam imediatamente da profecia de Daniel – que já citamos – profecia que fala, evidentemente, do Messias. É ele o Salvador. Em terceiro lugar, como já se pode compreender, Nosso Senhor se designa como Filho do homem porque ao se dizer Filho do homem ele se afirma homem, mas sem nunca deixar de lado a sua divindade. A profecia de Daniel, como vimos, fala de um Filho de homem que virá sobre as nuvens, ou seja, de um homem que é também Deus. Ao se designar como Filho do homem, Cristo afirma a sua humanidade, mas sempre lembrando aos ouvintes de sua divindade, ainda que de maneira sutil. Mais uma vez, caros católicos, Nosso Senhor Jesus Cristo é verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus. Durante toda a história do cristianismo, houve erros que negaram ou a humanidade ou a divindade de Cristo. Se Cristo não é homem, não poderia nos salvar porque não seria um de nós. Se Cristo não é Deus, seria meramente um de nós, incapaz de satisfazer pelos nossos pecados. A redenção perfeita, a justiça perfeita exige que Jesus Cristo seja Deus e homem. Negar sua humanidade ou sua divindade é negar a redenção.

Vejam agora, juntos com São Tomás de Aquino, como o Filho do homem viveu entre os homens. Antes de tudo, foi convenientíssimo que Cristo convivesse com os homens, em vida verdadeiramente apostólica, em vez de se entregar a uma vida puramente contemplativa e solitária. Foi conveniente, primeiro, para nos manifestar a verdade. Nosso Senhor diz a Pilatos (Jo 18, 37): “vim ao mundo para dar testemunho da verdade” Para tanto, não devia levar uma vida solitária, ocultando-se, mas manifestar-se em público, pregando abertamente. E dizia (Lc 4, 42): “É preciso que anuncie o reino de Deus também em outras cidades, porque para isso fui enviado.” Nosso Senhor quis também viver entre os homens e não solitariamente a fim de livrar os homens do pecado. Ainda que ele pudesse ter atraído todos a si morando em um mesmo lugar, preferiu andar por aquelas regiões para nos dar o exemplo de que devemos correr atrás das ovelhas perdidas. Quis também viver entre os homens e não solitariamente para que tivéssemos acesso a Deus. Ao conversar com os homens nos deu confiança e nos aproximou dEle. Claro está, porém, que Nosso Senhor não passava o dia todo pregando, em uma vida puramente ativa, relegando a contemplação. Não, Nosso Senhor levava uma vida mista, em que a ação decorre da oração, da contemplação. Afastava-se com frequência da multidão, sobretudo

ao fim do dia, para rezar, para fugir da ostentação do mundo e de seu aplauso, para descansar também.

Nosso Senhor viveu entre os homens igualmente acomodando-se aos usos e costumes legítimos de seus contemporâneos, pois não teria sido muito conveniente que Cristo levasse uma vida demasiadamente austera. Acabamos de ver que era conveniente que Cristo vivesse entre os homens e não que vivesse de maneira solitária. Ora, aquele que vive com outros tem que se acostumar aos seus usos e costumes legítimos. Assim, no comer, no beber, etc. foi conveniente que Cristo se acomodasse aos demais. Todavia, não devemos achar que a vida de Cristo não foi austera ou dura. Ao contrário, foi uma vida cheia privações e sofrimentos. Nasceu em um estábulo, fugiu em seguida para um país estrangeiro, exercitou um rude trabalho manual durante trinta anos, viveu de esmola durante sua vida pública, não tinha onde reclinar a cabeça, passava com frequência noites em oração, jejuou durante quarenta dias, sofreu as terríveis dores da paixão, morreu despojado de tudo, até de suas vestes, foi sepultado em sepulcro emprestado. Todavia, pela razão apontada acima, esteve presente em ocasiões normais: por exemplo, nas bodas de Caná, no banquete na casa de Zaqueu, mas sempre para levar a salvação, para evitar os pecados.

Foi muito conveniente também que Nosso Senhor tenha vivido entre os homens uma vida pobre e desapegada dos bens terrenos. Isso porque convém que os pregadores da palavra de Deus possam entregar-se inteiramente à pregação e que, para tanto, estejam livres dos cuidados seculares. Também foi conveniente a pobreza de Cristo para nos enriquecer. Da mesma forma que por sua morte corporal nos deu a vida espiritual, suportou a pobreza corporal para nos encher das riquezas espirituais, como diz São Paulo (2Cor 8, 9): “sendo rico, se fez pobre por amor de nós, para que vós fôsseis ricos por sua pobreza.” Foi conveniente que Jesus levasse uma vida pobre também para que não se atribuisse sua pregação ao desejo pelas riquezas. Se tivesse riquezas, poderia parecer que se entregava à instrução dos homens mais pela ganância do que pela salvação dos homens. Foi conveniente que Cristo levasse uma vida pobre para que o poder de sua divindade aparecesse mais claramente. Nosso Senhor tinha, claro, quem o ajudasse e tinha o necessário para o seu sustento e o dos discípulos, sendo mencionada no Evangelho (Jo 12, 6) a bolsa de moedas que servia para esse fim, e que era guardada por Judas Iscariotes, o traidor.

Eis, então, Jesus Cristo, o Filho do homem, o Verbo de Deus que se fez homem, que veio ao mundo, viveu entre os homens para nos ensinar as verdades eternas. Em tudo, absolutamente em tudo, Nosso Senhor agiu com caridade infinita para conosco, para nos levar para o céu. Ele não nos chama para a imundície, mas para a santidade, como diz São Paulo na Epístola de hoje. Junto com o Trato da Missa desse 2º Domingo da Quaresma, louvemos ao Senhor, porque Ele é bom, porque eterna é a sua misericórdia. Ditosos os que guardam a justiça, isto é, os mandamentos, e a praticam o tempo todo. Lembrai-vos, Senhor, do vosso povo na vossa bondade e visitai-nos com a vossa salvação. Arrepentidos de nossos pecados, convertamo-nos ao Senhor. Ele é bom. Aproveitemos enquanto Ele nos concede misericórdia.

3º DOMINGO DA QUARESMA

Jesus Cristo, o Mestre

“Bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática.”

Caros católicos, nos dois primeiros domingos da Quaresma, consideramos quem é Nosso Senhor Jesus Cristo. Consideramos a sua divindade, nos baseando no seu título de Filho de Deus. Consideramos a sua humanidade, nos baseando no seu título de Filho do homem. Continuando a consideração de Nosso Senhor Jesus Cristo durante essa Quaresma, para poder amá-lo mais profundamente, devemos hoje considerar Jesus como Mestre. Os Evangelhos, mais do que a grandiosa história de um poderoso taumaturgo, é a história de um pregador das multidões. Muitas vezes, ouvimos a afirmação de que nos Evangelhos não há doutrina, mas que neles simplesmente se conta a história de Jesus. Assim falam os que querem esvaziar o ensinamento de Jesus, para mudá-lo, para distorcê-lo, para criar uma doutrina própria. Os discursos de Nosso Senhor ocupam praticamente 75% dos Evangelhos. E não podia ser diferente. O pecado original, além de nos tirar a graça, feriu também as nossas faculdades. Entre elas, feriu primeiramente a nossa inteligência. Depois do pecado original, inclinamo-nos para o erro, tendemos a não considerar as verdades sobrenaturais. Assim, o Messias deveria vir para restaurar também a nossa inteligência nos ensinando a verdade. Para restaurar o reinado de Deus nas almas e na sociedade, é necessário, primeiramente, restaurar a nossa inteligência fazendo-a conhecer a verdade e fazendo-a se submeter à verdade. É pela inteligência que conhecemos a nossa finalidade, que é chegar ao céu, e é por ela que podemos também dirigir a nossa vontade e as nossas paixões. A fé, que deve ser a luz que orienta inteiramente a nossa vida, está na inteligência. A fé é a adesão da nossa inteligência às verdades reveladas por Deus. Portanto, é impossível haver restauração ou redenção sem a fé, sem que nossa inteligência se submeta inteiramente a Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, para restaurar a vida moral, é preciso, antes, restaurar a nossa inteligência. Nosso Senhor veio, então, nos ensinar, de modo particular, a verdade. Alguns vêem como a causa da revolução a simples corrupção dos costumes, as paixões desordenadas. Como remédio, querem corrigir os costumes. Existe aí um erro sério. A primeira causa da decadência que vivemos está na inteligência, na perda da fé. É preciso, então, em primeiro lugar, restaurar a fé. Somente com a restauração da fé é possível restaurar os costumes.

Já nas profecias do Antigo Testamento o Messias é apresentado como um verdadeiro mestre. No Evangelho, Nosso Senhor é denominado rabi, que quer dizer mestre, inúmeras vezes. E Ele não rechaça esse título. Ao contrário, o aceita. Assim, Ele dirá (Jo 13, 13): “Vós me chamais Mestre... e dizeis bem, porque o sou.” Deus Pai, falando na ocasião da transfiguração, dirá de Jesus (Mt 17, 5): “Este é o meu filho bem amado em quem coloquei toda a minha complacência: ouvi-o.” Sim, é preciso ouvir aquilo que Nosso Senhor nos ensina. Além disso, os episódios mais marcantes da vida de Cristo são decorrência dos seus ensinamentos. Ele vai ser perseguido, crucificado e morto pelos chefes dos judeus em virtude da sua pregação, em virtude dos seus ensinamentos. Em particular, por afirmar ser verdadeiramente o Filho de Deus. As multidões o seguem também pela fama de seus ensinamentos, pela eloquência sobrenatural de suas palavras. Não há dúvida. Nosso Senhor é verdadeiramente mestre. E é mestre perfeito. Sendo Deus, não pode se enganar nem nos enganar. Aquilo que ensina só pode ser para o nosso bem. É preciso realmente ouvir o que nos ensina Nosso Senhor Jesus Cristo, colocando em prática o que nos disse.

Jesus é Mestre perfeito. Ele é o Verbo de Deus Encarnado. Ele é a Palavra de Deus encarnada. Ele é a sabedoria infinita encarnada. Luz de luz, “luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo” (Jo 1, 9). “Por Ele nos veio a graça e a verdade” (Jo 1, 17). Nosso Senhor dirá: “Eu sou o princípio que vos falo” (Jo 8, 25). Fica claro que Jesus é Deus que nos fala. Por isso, São Paulo diz aos Hebreus (1, 1 e 2) : “Deus, tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos a

nossos pais pelos profetas, ultimamente, nestes dias, falou-nos por meio de seu Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem criou também os séculos.” Jesus não é um representante de Deus, Ele não é o embaixador de Deus, ou o porta-voz de Deus. Ele é o próprio Deus feito homem que nos fala, caros católicos.

Como é sábio Nosso Senhor Jesus Cristo ao nos ensinar a verdade. Como dizia o povo que ouvia Jesus (Jo 7, 46): “Nunca homem algum falou como fala esse homem.” A inteligência humana de Jesus recebe diretamente a luz da sua inteligência divina. Daqui, a clareza, a simplicidade e, ao mesmo tempo, a profundidade estupenda das palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo. Também a sensibilidade e a imaginação perfeitas de Jesus são auxiliares importantíssimos na sua pregação. O Mestre usa, então, os seres da natureza, os fenômenos da natureza, os episódios da vida cotidiana para ensinar as mais sublimes verdades. Assim, as aves do céu e os lírios do campo servirão para explicar a providência de Deus sobre todas as coisas (Mt 6, 26). Ensina a humildade nas boas obras dizendo que a nossa mão esquerda não deve saber o que fez a direita (Mt 6, 3). Ao mesmo tempo, compara os fariseus aos sepulcros caiados, brancos por fora, limpos por fora, mas podres por dentro (Mt 23, 27). Tal inteligência gerou frases lapidares, que em poucas palavras dizem praticamente toda a doutrina evangélica: “onde está o teu tesouro, ali está também o teu coração (Mt 6, 21)”, ou “que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? (Mc 8, 36).”

Nosso Senhor arrastava também os seus ouvintes porque pregava uma doutrina perfeita e que dirigia os homens à perfeição. No Antigo Testamento, os ensinamentos de Deus pelos profetas foram preparação para o ensinamento de Nosso Senhor. E Nosso Senhor ensinava também com autoridade, uma autoridade sobrenatural. Autoridade para estabelecer uma Nova Lei, a Lei Evangélica, autoridade para fundar a sua Igreja, autoridade para condenar os erros, mesmo com veemência quando necessário. E as multidões reconheciam essa autoridade de Jesus Cristo. Em São Marcos (1, 22) está dito: “E os ouvintes ficavam admirados com a sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.” A autoridade de Nosso Senhor é serena. Basta lembrarmos do Sermão da Montanha. Todavia, o Mestre sabe também recorrer às condenações veementes, ao discurso rápido e cortante para corrigir um erro ou quando a hipocrisia e maldade de seus inimigos o obrigam a isso. Finalmente, o ensinamento de Nosso Senhor é também universal. Seus ensinamentos se dirigem a todos os povos de todos os tempos. As lições aparentemente tão particulares de Nosso Senhor, seus exemplos tirados muitas vezes do cotidiano da época e daqueles lugares por onde andou, são, na verdade, universais. Nosso Senhor se dirige a todos nós.

Ao pregar, ao ensinar a todos nós, Cristo tem um objetivo preciso. Seu objetivo é que tenhamos a vida eterna. Para tanto, precisamos em primeiro lugar crer. “Aquele que crer e for batizado, será salvo; o que, porém, não crer, será condenado”, nos diz Nosso Senhor. Devemos, então, crer em tudo o que Ele nos ensinou. Devemos fazer parte da sociedade que Ele fundou, que é a Igreja Católica. Devemos colocar em prática os ensinamentos do Mestre. Como nos diz São Pedro, Ele tem palavras de vida eterna. E seu jugo é suave e leve. Como cantamos no Trato da Missa de hoje, assim como os olhos do servo se fixam nas mãos do Senhor e os da escrava nas mãos da senhora, para agir imediatamente a qualquer gesto deles, devemos ter a nossa alma pronta para fazer a vontade de Deus em todas as coisas, para seguir todos os seus ensinamentos.

4º DOMINGO DA QUARESMA (LAETÁRE)

Jesus Cristo, a alegria dos homens

“Rejubila, Jerusalém, e vós todos que a amais.”

Caros católicos, falamos, nesses três domingos precedentes da Quaresma, de Nosso Senhor Jesus Cristo. Vimos que ele é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. Vimos que Ele nos ensinou uma doutrina celeste, perfeita, absolutamente necessária para a nossa salvação e, evidentemente, boa para nós. Nosso Senhor Jesus Cristo, por tudo o que é e por tudo o que fez e faz por nós é a nossa verdadeira alegria. Como já tivemos a oportunidade de dizer algumas vezes, a alegria de cada ser consiste em agir conforme a sua natureza. Assim, o cachorro é (sentimentalmente) feliz quando age como cachorro. O gato é (sentimentalmente) feliz quando age em conformidade com sua natureza de gato. Um microfone, se pudesse ser feliz, seria feliz ao transmitir o som em altura adequada para os ouvintes. Nós seres humanos somos felizes (espiritualmente, sobretudo) quando agimos como seres humanos. Agimos como seres humanos quando conhecemos a verdade, quando amamos a verdade e colocamos a verdade em prática. Somos seres dotados de inteligência e de vontade. Inteligência e vontade são a parte mais elevada do nosso ser. Portanto, somos felizes quando nossa inteligência conhece a verdade e quando nossa vontade ama a verdade, o bem verdadeiro. Somos felizes quando a inteligência iluminada pela verdade e a vontade inflamada pelo amor a essa verdade orientam os nossos sentimentos, o nosso corpo, toda a nossa vida. Ora, a verdade absoluta e o bem infinito são Deus, são Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é a Verdade. Ele é o Bem. Portanto, devemos nos alegrar imensamente com Nosso Senhor Jesus Cristo.

Devemos nos alegrar porque Nosso Senhor veio nos ensinar a Verdade. Ele veio nos falar da vida de Deus. Ele veio nos falar das perfeições de Deus. Ele veio nos ensinar a verdade, e somente ela pode nos salvar, somente ela pode ser para nós motivo perene de alegria. Ele veio também nos dar as graças para que possamos aderir à verdade que nos ensinou.

Devemos nos alegrar porque Nosso Senhor Jesus Cristo veio nos trazer o amor à verdade, o amor ao bem verdadeiro, ele veio nos trazer o amor a Deus. Somente o amor a Deus pode nos fazer realmente felizes já nessa vida e plenamente felizes no céu, se nos salvarmos. Nosso Senhor nos mostrou como devemos amar a Deus: fazendo a vontade de Deus em todas as coisas. Ele veio nos trazer o amor por Deus mostrando a sua caridade para conosco, ao sofrer tanto para nos salvar. Deus amou tanto os homens que enviou seu próprio Filho para nos salvar.

Devemos nos alegrar, então, porque a segunda Pessoa da Santíssima Trindade dignou-se vir ao mundo para nos salvar. Deus não nos abandonou depois do pecado de nossos primeiros pais, Adão e Eva. Alegremo-nos porque Ele não nos abandonou depois de nossos pecados.

Devemos nos alegrar porque o Verbo feito carne veio nos salvar pregado numa cruz. Ele veio nos salvar sofrendo mais do que todos os homens juntos.

Devemos nos alegrar porque Nosso Senhor é bom. Em todas as coisas, desde a sua encarnação até a sua ascensão, e agora no céu, Ele agiu e age para a glória de Deus e para o nosso bem: no seu nascimento em Belém, na sua apresentação no templo, na sua fuga para o Egito, na sua vida escondida em Nazaré, nos seus milagres, nos seus ensinamentos, nas suas ações.

Devemos nos alegrar porque Jesus é misericordioso. Ele quer nos tirar da miséria do pecado, Ele quer o nosso verdadeiro bem, que é nossa santificação. Devemos nos alegrar porque a misericórdia de Jesus é uma misericórdia diferente da misericórdia do mundo. A misericórdia do mundo deixa cada um nos seus erros e conforta cada um em seus erros e pecados. A

misericórdia de Deus não é para nos deixar no pecado ou para nos confortar no pecado. A misericórdia divina, paciente e bondosa, é para nos tirar do pecado, mostrando-nos a verdade.

Devemos nos alegrar porque Jesus Cristo nos dá as graças mais do que suficientes para que possamos resistir às tentações, para que não pequemos. Ele nos dá graças abundantes para que possamos viver uma vida virtuosa, uma vida de união a Deus, uma vida de imitação de Cristo. Ele nos dá com generosidade essas graças que mereceu na Cruz. Devemos, porém, pedi-las.

Devemos nos alegrar porque Nosso Senhor, em meio às maiores tribulações nossas, nos consola. Talvez não sensivelmente, mas nos consola, se recorreremos a Ele, nos dando a força para perseverar no bem, para termos paciência nas provações, fazendo-nos pensar em tudo o que Ele sofreu por nós e fazendo-nos pensar na recompensa da vida eterna.

Devemos nos alegrar porque Nosso Senhor fundou uma sociedade para continuar a sua obra ao longo dos séculos, até o fim dos séculos. Ele instituiu uma sociedade, que é a Igreja Católica, para assegurar a transmissão intacta dos seus ensinamentos. Ele instituiu nessa sociedade um poder de magistério que é infalível quando faz definições no campo da fé e da moral.

Devemos nos alegrar porque Nosso Senhor nos deu os sacramentos. Ele instituiu na Igreja os canais pelos quais os frutos de sua paixão deveriam ser aplicados. Ele nos deu os sacramentos que nos acompanham ao longo de toda a nossa vida. Do batismo, em nosso nascimento, até à extrema-unção perto de nossa morte.

Devemos nos alegrar porque entre os sacramentos, Nosso Senhor, nos deixou a Eucaristia. Ele nos deixou seu próprio Corpo e seu próprio Sangue sob as aparências do pão e do vinho. Grande deve ser a nossa alegria por termos Jesus Cristo realmente presente em Corpo, Sangue, Alma e Divindade nos tabernáculos de nossas Igrejas. Grande deve ser a alegria por poder nos alimentar espiritualmente, se estamos em estado de graça, do próprio Cristo Jesus.

Devemos nos alegrar porque Nosso Senhor nos deixou a Santa Missa, a renovação não sangrenta do único sacrifício da Cruz. É pela Missa que podemos adorar a Deus devidamente. É pela Missa que podemos agradecer a Deus devidamente. É pela Missa que podemos pedir com toda confiança as graças de que precisamos. É pela Missa que podemos pedir a Deus o arrependimento de nossos pecados. É pela Missa que poderemos fazer bem todas essas coisas em nosso cotidiano.

Poderíamos multiplicar muito mais, caros católicos, os motivos para nossa alegria em Nosso Senhor Jesus Cristo. Todavia, nesse tempo da Quaresma, alegremo-nos porque Nosso Senhor nos chama, de modo veemente, à conversão. Alegremo-nos e aproveitemos esse tempo de conversão e misericórdia para abandonarmos os nossos pecados, para travarmos uma luta firme, mas serena, contra os nossos vícios. Aproveitemos esse tempo para nos confessarmos com grande contrição, para crescermos no amor efetivo a Nosso Senhor, guardando as suas palavras e as colocando em prática.

1º DOMINGO DA PAIXÃO

A Paixão de Cristo

Entramos hoje no Tempo da Paixão. Os sinais de austeridade se acentuam. O *Gloria Patri* é tirado do *Asperges*, do *Intróito* e do *Lavabo*. O Salmo 42, que expressa alegria, é omitido. A Cruz e as imagens dos santos são cobertas com panos roxos, simbolizando que a Paixão de Cristo ainda não ocorreu e, se ela ainda não ocorreu, os santos também ainda não entraram no céu.

Somente na Sexta-Feira Santa a Cruz será descoberta e somente na Vigília, após a ressurreição, os santos serão descobertos.

Entramos hoje, caros católicos, nesse tempo particular dentro do Tempo da Quaresma: o Tempo da Paixão. É tempo oportuno para refletir bem e meditar bem a obra da nossa Redenção e o mistério dos sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo durante a sua Paixão. Não basta, no entanto, considerar somente o fato dos sofrimentos suportados por Nosso Senhor. É preciso conhecer também as causas e os efeitos da Paixão, pois somente assim poderemos começar a ter ideia da grandeza da bondade divina e poderemos haurir uma água viva para a nossa vida espiritual.

A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo encontra sua origem no pecado de nossos primeiros pais. Com efeito, Nosso Senhor se encarnou para nos livrar do pecado, que entrou no mundo pela falta cometida por Adão. Nós sabemos, a gravidade de uma ofensa se mede a partir da dignidade da pessoa ofendida. Como o pecado é uma ofensa feita a Deus, infinitamente digno, o pecado é uma ofensa infinita. E isso não só para o pecado de Adão, mas também para todos os nossos pecados graves, que são, então, ofensas infinitas feitas a Deus. Ora, como nós somos seres finitos, como podemos satisfazer por nossos pecados, que são ofensas infinitas? Como podemos satisfazer, quer dizer, como podemos oferecer a Deus algo que lhe agrade mais do que a ofensa infinita lhe desagradou? Isso é, para nós, impossível. Até mesmo se oferecêssemos a Deus todas as vidas de todos os homens de todos os tempos, seria largamente insuficiente. Assim, é impossível para nós satisfazer pelo pecado. Como resolver esse problema?

Nós, na nossa sabedoria humana, teríamos pensado em um perdão gratuito e completo de Deus, que Ele poderia nos dar sem nenhuma injustiça e sem prejudicar ninguém. Todavia, nessa hipótese, a justiça divina, embora não fosse violada, não seria perfeitamente satisfeita. Além disso, com um perdão gratuito, o homem não se daria conta da gravidade de seu pecado: se Deus perdoa com tanta facilidade, o pecado não é assim tão grave, diria o homem. Podemos dizer também que esse perdão gratuito não manifestaria claramente e perfeitamente o amor de Deus pelos homens. O perdão puramente gratuito é uma solução humana.

A sabedoria divina, que dispõe perfeitamente todas as coisas, nos deu outra solução. Deus permite um mal sempre em vista de um bem superior. Dessa forma, se a sabedoria divina permitiu o pecado, que é o maior dos males, foi justamente para que ocorresse a encarnação e para que a obra da redenção se cumprisse pelo Verbo feito carne, Nosso Senhor Jesus Cristo, homem e Deus. Sendo homem e Deus, uma só ação de Nosso Senhor basta para satisfazer abundantemente a ofensa infinita do pecado. E isso pela simples razão de que a mais simples ação de Cristo é feita sempre com uma caridade, com um amor infinito por Deus. E essa caridade do Homem-Deus é infinitamente mais agradável a Deus do que todos os pecados lhe são desagradáveis. Assim, a encarnação é necessária para satisfazer plenamente a justiça divina. Um ato, então, do Menino Jesus recém-nascido teria bastado para resgatar, redimir todos os homens. A encarnação, resposta divina ao pecado, satisfaz perfeitamente a justiça divina. Mas a solução divina não se resume a isso. A solução divina compreende, além da encarnação, a paixão, os sofrimentos e a morte de Cristo.

No entanto, caros católicos, se uma única ação do Menino Jesus teria bastado para a redenção de todos os homens, por que uma paixão tão sangrenta? Estamos nós diante de um Deus sedento de vingança? Claro que não. Como dissemos, a justiça divina já está plenamente satisfeita com a mais simples ação de Cristo, homem e Deus. Se a providência divina permitiu a paixão e a morte de Nosso Senhor, há uma razão (principal) para isso. Seu amor por nós. Como

nos diz São João: *Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu Filho Unigênito*. E Nosso Senhor, Ele mesmo, desejava com um desejo ardente a chegada de sua hora, que não é outra que a hora de sua Paixão. Mas como? Nosso Senhor quis padecer tantos sofrimentos por amor dos homens? Sim, caros católicos, o motivo principal da paixão e morte de Cristo é seu amor por nós. Por amor, Ele quis ser preso e amarrado no Jardim das Oliveiras, maltratado na casa do sumo sacerdote, flagelado e coroado de espinhos diante de Pilatos. Ele quis carregar a Cruz, Ele quis as quedas dolorosas durante o caminho da Cruz. Por amor, Ele quis, enfim, ser destituído de todas as suas vestes, quis a crucificação com dores inauditas, a sede tremenda. Ele quis também padecer as dores interiores, mil vezes maiores que essas imensas dores exteriores: a tristeza mortal no Jardim das Oliveiras diante da visão de todos os tormentos que Ele ia sofrer, o sofrimento diante da perfídia dos judeus que teriam tantos imitadores ao longo dos séculos; a tristeza mortal face à infidelidade de seus discípulos e de tantos cristão frouxos, face aos pecados sem número cometidos até o final dos tempos, face à inutilidade de seu sangue para o mau ladrão e para tantas outras almas que não o aceitaram.

O Verbo Encarnado nos mostrou, pela sua Paixão e Morte de Cruz, a imensidade de seu amor porque uma das medidas mais seguras e exatas do amor é justamente o sofrimento que somos capazes de suportar para alcançar o bem do amigo. Ele quis nos mostrar esse amor infinito, amor capaz de sofrer todas as dores para o bem daqueles que eram ainda pecadores. E ao nos mostrar seu amor, ele queria uma só coisa, pois Cristo quer uma só coisa: que o amemos em troca. E que o amemos com todas as nossas forças, com toda a nossa alma, com todo o nosso ser, guardando os seus mandamentos. A paixão de Cristo destrói os obstáculos que se opõem à conversão da alma, em particular, ela destrói a dureza do coração que se obstina a não escutar a voz suave de Deus que o chama por meio de sua Paixão.

Da Paixão de Nosso Senhor há ainda vários outros frutos. A Paixão de Cristo e sua Cruz, de modo particular, é a cátedra mais eloquente que pode existir. O Salvador nos ensina, do alto dessa cátedra, pelo exemplo. Ele nos ensina a prática de todas as virtudes, sem as quais o homem não pode se salvar: obediência, humildade, paciência, justiça, constância, fidelidade à vontade de Deus, etc...

Pela Paixão de Cristo, a feiura e as gravíssimas consequências do pecado nos são mostradas claramente. Os sofrimentos, as feridas, as chagas, os opróbrios suportados por Nosso Senhor Jesus Cristo deveriam ter sido carregados por nós, os verdadeiros culpados. Assim, à vista das graves consequências do pecado, tão graves que levam Deus a um tal sofrimento, devemos ser levados a abandonar todo e qualquer pecado.

Finalmente, a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo é a derrota mais humilhante para o demônio. O inimigo do gênero humano havia triunfado fazendo nossos primeiros pais pecarem. A morte, fruto amargo do pecado, era o troféu do demônio. Nosso Senhor destruiu a obra perniciosa do demônio e abriu para nós o céu justamente pela sua morte. Quando o demônio acreditava vencer, ele foi, na realidade, definitivamente derrotado e humilhado.

Sofrer por aquele que amamos e lhe fazer o bem. Eis as duas coisas que nos fazem conhecer um amigo, diz Cícero. Todos os sofrimentos e todos os bens que decorrem da Paixão de Cristo nos mostram a grandeza de seu amor por nós. Na Paixão de Nosso Salvador, a justiça e o amor se encontram de modo perfeito. E é o amor que vence, pois a Paixão, embora tenha por finalidade satisfazer pelo pecado, ela tem como objetivo principal mostrar aos homens o amor infinito de Deus por nós, a fim de que o amemos em troca. A Paixão era, então, a maneira mais conveniente de nos resgatar porque pela paixão nós somos levados a Deus e afastados do

pecado de uma maneira admirável. Um homem não seria capaz nem de suspeitar uma resposta tão perfeita ao pecado.

Não fiquemos indiferentes, caros católicos, a um tal amor. E quando Nosso Senhor se dirige a nós, como o faz agora, não endureçamos nosso coração, mas sigamos o Salvador, guardando seus preceitos e carregando nossa cruz com verdadeira alegria. Não sejamos como os judeus do Evangelho de hoje, que, não encontrando nenhuma falta em Cristo, quiseram lapidá-lo. Ao contrário, vivamos, de agora em diante, por Cristo, com Cristo, em Cristo, fazendo em tudo a sua divina vontade. Combatamos pelo triunfo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se o pecado e a morte entraram no mundo pela falta de um só homem – Adão – a graça e a vida eterna vieram também por um só homem – Jesus Cristo. Consideremos com frequência a misericórdia, a bondade, o amor infinito de Jesus Cristo por nós, e que nos foram manifestados na sua Paixão e Morte. E peçamos também a Nossa Senhora, Virgem das Dores, a graça de nos fazer herdeiros desses bens que foram adquiridos ao preço de um sangue tão caro. Foi pela nossa alma que Cristo sofreu e morreu. Foi para salvar a nossa alma.

Causas e efeitos da Paixão de Cristo

Entramos hoje, caros católicos, nesse tempo particular dentro do Tempo da Quaresma: o Tempo da Paixão. É tempo oportuno para refletir bem e meditar bem a obra da nossa Redenção e o mistério dos sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo durante a sua Paixão. Não basta, no entanto, considerar somente o fato dos sofrimentos suportados por Nosso Senhor. É preciso conhecer também as causas e os efeitos da Paixão, pois somente assim poderemos começar a ter ideia da grandeza da bondade divina e poderemos haurir uma água viva para a nossa vida espiritual.

A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo encontra sua origem no pecado de nossos primeiros pais. Com efeito, Nosso Senhor se encarnou para nos livrar do pecado, que entrou no mundo pela falta cometida por Adão. Nós sabemos, a gravidade de uma ofensa se mede a partir da dignidade da pessoa ofendida. Como o pecado é uma ofensa feita a Deus, infinitamente digno, o pecado é uma ofensa infinita. E isso não só para o pecado de Adão, mas também para todos os nossos pecados graves, que são, então, ofensas infinitas feitas a Deus. Ora, como nós somos seres finitos, como podemos satisfazer por nossos pecados, que são ofensas infinitas? Como podemos satisfazer, quer dizer, como podemos oferecer a Deus algo que lhe agrade mais do que a ofensa infinita lhe desagradou? Isso é, para nós, impossível. Até mesmo se oferecêssemos a Deus todas as vidas de todos os homens de todos os tempos, seria largamente insuficiente. Assim, é impossível para nós satisfazer pelo pecado. Como resolver esse problema?

Nós, na nossa sabedoria humana, teríamos pensado em um perdão gratuito e completo de Deus, que Ele poderia nos dar sem nenhuma injustiça e sem prejudicar ninguém. Todavia, nessa hipótese, a justiça divina, embora não fosse violada, não seria perfeitamente satisfeita. Além disso, com um perdão gratuito, o homem não se daria conta da gravidade de seu pecado: se Deus perdoa com tanta facilidade, o pecado não é assim tão grave, diria o homem. Podemos dizer também que esse perdão gratuito não manifestaria claramente e perfeitamente o amor de Deus pelos homens. O perdão puramente gratuito é uma solução humana.

A sabedoria divina, que dispõe perfeitamente todas as coisas, nos deu outra solução. Deus permite um mal sempre em vista de um bem superior. Dessa forma, se a sabedoria divina

permitiu o pecado, que é o maior dos males, foi justamente para que ocorresse a encarnação e para que a obra da redenção se cumprisse pelo Verbo feito carne, Nosso Senhor Jesus Cristo, homem e Deus. Sendo homem e Deus, uma só ação de Nosso Senhor basta para satisfazer abundantemente a ofensa infinita do pecado. E isso pela simples razão de que a mais simples ação de Cristo é feita sempre com uma caridade, com um amor infinito por Deus. E essa caridade do Homem-Deus é infinitamente mais agradável a Deus do que todos os pecados lhe são desagradáveis. Assim, a encarnação é necessária para satisfazer plenamente a justiça divina. Um ato, então, do Menino Jesus recém-nascido teria bastado para resgatar, redimir todos os homens. A encarnação, resposta divina ao pecado, satisfaz perfeitamente a justiça divina. Mas a solução divina não se resume a isso. A solução divina compreende, além da encarnação, a paixão, os sofrimentos e a morte de Cristo.

No entanto, caros católicos, se uma única ação do Menino Jesus teria bastado para a redenção de todos os homens, por que uma paixão tão sangrenta? Estamos nós diante de um Deus sedento de vingança? Claro que não. Como dissemos, a justiça divina já está plenamente satisfeita com a mais simples ação de Cristo, homem e Deus. Se a providência divina permitiu a paixão e a morte de Nosso Senhor, há uma só razão (principal) para isso. Seu amor por nós. Como nos diz São João: *Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu Filho Unigênito*. E Nosso Senhor, Ele mesmo desejava com um desejo ardente a chegada de sua hora, que não é outra que a hora de sua Paixão. Mas como? Nosso Senhor quis padecer tantos sofrimentos por amor dos homens? Sim, caros católicos, o motivo principal da paixão e morte de Cristo é seu amor por nós. Por amor, Ele quis ser preso e amarrado no Jardim das Oliveiras, maltratado na casa do sumo sacerdote, flagelado e coroado de espinhos diante de Pilatos. Ele quis carregar a Cruz, Ele quis as quedas dolorosas durante o caminho da Cruz. Por amor, Ele quis, enfim, ser destituído de todas as suas vestes, quis a crucificação com dores inauditas, a sede tremenda. Ele quis também padecer as dores interiores, mil vezes maiores que essas imensas dores exteriores: a tristeza mortal no Jardim das Oliveiras diante da visão de todos os tormentos que Ele ia sofrer, o sofrimento diante da perfídia dos judeus que teriam tantos imitadores ao longo dos séculos; a tristeza mortal face à infidelidade de seus discípulos e de tantos cristão frouxos, face aos pecados sem número cometidos até o final dos tempos, face à inutilidade de seu sangue para o mau ladrão e para tantas outras almas que não o aceitaram.

O Verbo Encarnado nos mostrou, pela sua Paixão e Morte de Cruz, a imensidade de seu amor porque uma das medidas mais seguras e exatas do amor é justamente o sofrimento que somos capazes de suportar para alcançar o bem do amigo. Ele quis nos mostrar esse amor infinito, amor capaz de sofrer todas as dores para o bem daqueles que eram ainda pecadores. E ao nos mostrar seu amor, ele queria uma só coisa, pois Cristo quer uma só coisa: que o amemos em troca. E que o amemos com todas as nossas forças, com toda a nossa alma, com todo o nosso ser, guardando os seus mandamentos. A paixão de Cristo destrói os obstáculos que se opõem à conversão da alma, em particular, ela destrói a dureza do coração que se obstina a não escutar a voz suave de Deus que o chama por meio de sua Paixão.

Da Paixão de Nosso Senhor há ainda vários outros frutos. A Paixão de Cristo e sua Cruz, de modo particular, é a cátedra mais eloquente que pode existir. O Salvador nos ensina do alto dessa cátedra pelo exemplo. Ele nos ensina a prática de todas as virtudes, sem as quais o homem não pode se salvar: obediência, humildade, paciência, justiça, constância, fidelidade à vontade de Deus, etc...

Pela Paixão de Cristo, a feiura e as gravíssimas consequências do pecado nos são mostradas claramente. Os sofrimentos, as feridas, as chagas, os opróbrios suportados por Nosso Senhor Jesus Cristo, deveriam ter sido carregados por nós, os verdadeiros culpados. Assim, à vista das graves consequências do pecado, tão graves que levam Deus a um tal sofrimento, devemos ser levados a abandonar todo e qualquer pecado.

Finalmente, a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo é a derrota mais humilhante para o demônio. O inimigo do gênero humano havia triunfado fazendo nossos primeiros pais pecarem. A morte, fruto amargo do pecado, era o troféu do demônio. Nosso Senhor destruiu a obra perniciosa do demônio e abriu para nós o céu justamente pela sua morte. Quando o demônio acreditava vencer, ele foi, na realidade, definitivamente derrotado e humilhado.

Sofrer por aquele que amamos e lhe fazer o bem. Eis as duas coisas que nos fazem conhecer um amigo, diz Cícero. Todos os sofrimentos e todos os bens que decorrem da Paixão de Cristo nos mostram a grandeza de seu amor por nós. Na Paixão de Nosso Salvador, a justiça e o amor se encontram de modo perfeito. E é o amor que vence, pois a Paixão, embora tenha por finalidade satisfazer pelo pecado, ela tem como objetivo principal mostrar aos homens o amor infinito de Deus por nós, a fim de que o amemos em troca. A Paixão era, então, a maneira mais conveniente de nos resgatar porque pela paixão nós somos levados a Deus e afastados do pecado de uma maneira admirável. Um homem não seria capaz nem de suspeitar uma resposta tão perfeita ao pecado.

Não fiquemos indiferentes, caros católicos, a um tal amor. E quando Nosso Senhor se dirige a nós, como o faz agora, não endureçamos nosso coração, mas sigamos o Salvador, guardando seus preceitos e carregando nossa cruz com verdadeira alegria. Não sejamos como os judeus do Evangelho de hoje, que não encontrando nenhuma falta em Cristo, quiseram lapidá-lo. Ao contrário, vivamos, de agora em diante, por Cristo, com Cristo, em Cristo, fazendo em tudo a sua divina vontade. Combatamos pelo triunfo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se o pecado e a morte entraram no mundo pela falta de um só homem – Adão – a graça e a vida eterna vieram também por um só homem – Jesus Cristo. Consideremos com frequência a misericórdia, a bondade, o amor infinito de Jesus Cristo por nós, e que nos foram manifestados na sua Paixão e Morte. E peçamos também a Nossa Senhora, Virgem das Dores, a graça de nos fazer herdeiros desses bens que foram adquiridos ao preço de um sangue tão caro. Foi pela nossa alma que Cristo sofreu e morreu. Foi para salvar a nossa alma.

Aqui se encerram os sermões na ordem cronológica. É bom acompanhar os sermões e explicações sobre os domingos já listados e, principalmente, os domingos que não o são.

OUTROS SERMÕES BONS PARA A LEITURA NA QUARESMA

Omnia parata sunt – Algumas desculpas comuns para não chegar à santidade

(2º domingo depois de Pentecostes)

Um homem fez uma grande ceia, nos diz Nosso Senhor na parábola contida no Evangelho de hoje. E, com antecedência, ele convidou muitos. À hora da ceia, ele mandou seu servo dizer aos convidados que viessem, porque tudo estava preparado. Esse homem é Deus ou o próprio Jesus Cristo. O servo que convida os homens são aqueles que, na Igreja, têm a função de transmitir a verdade divina aos homens, e que têm o dever de chamá-los à conversão. São os padres e bispos, em suma.

Era o costume convidar as pessoas com antecedência e, na hora da ceia, enviar alguém para chamá-las e dizer que estava tudo preparado. Assim, ao contrário do que parece à primeira vista, as pessoas não foram pegas de surpresa pelo convite. Elas já tinham sido convidadas antes e tiveram toda a possibilidade de se organizarem para comparecerem à ceia. E tudo, diz a parábola, estava pronto para os convidados. *Omnia parata sunt*. Tudo está preparado. Mas surgem as desculpas para não irem à ceia. Comprei uma vila, é preciso ir vê-la. Comprei cinco juntas de bois, preciso experimentá-las. E outro, casei-me, e por isso não posso ir. Já tinham aceitado o convite e, quando tudo estava já preparado, recusam-se a ir, com desculpas.

Nós recebemos, caros católicos, o primeiro convite para a ceia, pela recepção de nosso batismo, em que Deus nos chama à santidade. E nós – em geral pelos nossos pais e padrinhos – aceitamos o convite, renunciado ao demônio, às suas obras e pompas e prometendo servir a Deus, guardando a fé e a caridade, guardando a nossa alma pura do pecado. E Deus nos convida de novo, constantemente. Às vezes, Ele o faz pelas palavras de um pobre servo seu indigno, ou por uma boa leitura, ou por um bom pensamento que inspira à alma. Ele nos convida para irmos ao banquete, que já está inteiramente preparado, o banquete da santidade, o banquete da prática séria da religião católica, o banquete do amor a Deus, com toda a alma, com toda a força. Deus nos convida pelos mais diferentes meios à conversão profunda, caros católicos. Tudo está preparado para a nossa felicidade, bastando que aceitemos o convite divino. *Omnia parata sunt*. Tudo está preparado, para que sejamos santos. Quantas graças Deus tem preparadas para nós, caros católicos...

Todavia, quantas vezes dizemos: “adquiri uma quinta, preciso ir vê-la”; “adquiri cinco juntas de bois, preciso experimentá-la”, “casei, por isso não posso ir”. Vejamos que as desculpas dadas não são nem coisas ilícitas por si mesmas, são coisas normais da vida. Assim, muitas vezes deixamos de atender ao convite de Deus para a santidade por nos entregarmos exclusivamente às atividades terrenas, ainda que lícitas em si mesmas. E pouco a pouco vamos nos esquecendo das coisas celestes e caindo em um catolicismo tívio, que pode levar a uma queda definitiva.

A primeira desculpa revela o apego aos bens desse mundo. Não se recusa o convite à santidade por um bem terreno. Mais vale a santidade do que todos os bens desse mundo. A santidade é o tesouro escondido, pelo qual devemos vender tudo o que temos, se for preciso. *Omnia parata sunt*. Tudo está preparado, para que sejamos santos.

A segunda desculpa revela, entre outras coisas, a curiosidade, ou a vida levada pelos cinco sentidos, representados pelas cinco juntas de bois, como diz São Gregório Magno. Essa desculpa revela uma vida dispersa e superficial. Essa desculpa está imensamente presente em nossos dias, principalmente pela superficialidade e dispersão causada pelo uso de redes sociais, de

grupos de telefone, pelo uso imoderado da internet e coisas do gênero. As pessoas vivem disso e para isso, muitas vezes com aparência de apostolado, mas esquecidas de atender ao chamado bem real e concreto de Deus à santidade. Movidas por essas coisas, não conseguem se concentrar para rezar, para ler um bom livro católico, para fazer a meditação católica diária. Não conseguem fazer isso porque se tornaram superficiais, inconstantes, preguiçosas por se entregarem a essas coisas, que facilmente se tornam um vício. Elas têm que experimentar várias coisas no mundo virtual, têm que conhecer tudo o que ocorre no mundo e com cada pessoa, mas se esquecem de conhecer a si mesmas e de conhecer a Deus e de ver quão bom e suave é Deus. Vão sendo, assim, levadas à tibieza, ao desgosto pelas coisas celestes. O uso dessas coisas e dos eletrônicos, em geral, traz consigo uma satisfação, é algo agradável à nossa sensibilidade. Se não moderarmos bastante o uso delas, vamos nos acostumando a fazer somente o que nos agrada, a fazer somente o que é conforme à nossa inclinação e deixaremos de fazer o que é árduo, o que demanda sacrifícios, deixaremos de fazer o que demanda a negação da vontade própria: deixaremos a oração, deixaremos de cumprir bem os deveres de estado, deixaremos de nos alegrar com as renúncias diárias que devemos fazer, deixaremos de lado as mortificações. Isso é um problema grave na sociedade como um todo e para os católicos em particular. Qualquer padre sério e atento se dá conta rapidamente dos prejuízos causados às almas em virtude dessas coisas, quando não são reduzidas ao mínimo necessário. Elas vão minando as forças da alma, sem falar dos pecados contra a pureza que muitas vezes ocorrem. “Padre, estou com preguiça para rezar, estou com preguiça para cumprir os horários, tenho dificuldade para rezar, não consigo me concentrar para rezar, para fazer a meditação, para ler. Me distraio no trabalho, não consigo estudar. Não tenho tempo.” São afirmações constantes que ouve um padre. Usa muito o celular? Redes sociais, internet? Em geral, a resposta é sim. Bem, está aí, então, grande parte da causa de tudo isso. Alguns têm que trabalhar diretamente com isso. Devem rezar e tomar todas as preocupações para evitar as más conseqüências disso, reduzindo o uso ao necessário, realmente. Os pais, se têm um pouco de caridade para com suas crianças, devem mantê-las longe disso e vigiar para que, no dia que precisarem usar realmente, o façam com extrema moderação e evitando as ocasiões de pecado. Deus nos chama concretamente à santidade, pelos esforços do dia-a-dia. Atendamos ao seu convite suave e doce, sem sermos arrastados pela superficialidade, pela inconstância, pela curiosidade, pelo ócio. Omnia parata sunt. Tudo está preparado, para que sejamos santos.

A terceira desculpa é também muito comum. Sou casado. Tenho filhos. Não tenho tempo. Não. O matrimônio é um sacramento e como todo sacramento nos dá a graça para que sejamos santos. Se é casado, santifique-se como casado. E santificar-se como casado é fazer suas orações individuais e em família. Santificar-se como casado é buscar a santidade para você e para sua família. Santificar-se como casado é assumir suas responsabilidades como pai ou mãe de família. Santificar-se como casado é cumprir a rotina diária por amor a Deus. É oferecer os sacrifícios e cruces da vida matrimonial pela salvação de todos os membros da família. É preciso ouvir e atender ao convite de Deus – também os casados – para que se santifiquem. Procurem organizar-se, ter horários individuais e familiares bem definidos, para que possam ter o mínimo de vida de oração individual e familiar. O casamento não é impedimento para a santidade, mas um meio para chegar lá. Um meio com muitas cruces e dificuldades, certamente, mas, também por isso, um meio eficaz. E não devemos nem podemos nos enganar. Não é uma forma de governo – monarquia, república, aristocracia – que mudará a face da terra. Mas a santificação das famílias. Santificação que poderá vir somente com uma liturgia e doutrina sólidas e com a vida de oração da família. Os esposos devem atender ao convite de Deus para que sejam santos, empregando os meios necessários para isso. O primeiro: a vida de oração com o intuito de emendar-se. No

matrimônio, omnia parata sunt. No matrimônio, tudo está preparado para a santificação dos esposos. Grandes graças estão preparadas para os esposos.

Caros católicos, evitemos a ira de Deus. Na parábola, ao ouvir o servo relatando as desculpas dos convidados, o senhor se ira e diz que nenhum dos convidados provarão da ceia. Uma hora o convite de Deus cessa definitivamente. É a hora de nossa morte, que não sabemos quando será. Hoje, amanhã, depois. Se não atendermos ao convite de Deus, conheceremos a sua ira. Vale mais atender aos seus suaves e constantes convites, para que tomemos parte na ceia da vida celestial. Omnia parata sunt. Tudo está preparado para que sejamos santos.

Prestar contas dos bens que recebemos de Deus

(8º Domingo depois de Pentecostes)

Redde rationem villicationis tuae. Dá conta da tua administração.

Todos nós, caros católicos, ouviremos da boca de Deus essa ordem: dá conta da tua administração. Ouviremos essa ordem da boca de Deus no juízo particular, no exato momento de nossa morte, em que saberemos se iremos para o inferno, para o céu ou para o purgatório, onde seremos purificados de nossas faltas leves ou expiaremos nossas penas temporais para irmos em seguida ao céu.

É nesse momento tremendo da nossa morte, quando a alma se separa do corpo, que teremos que prestar contas da nossa administração. Da administração dos bens espirituais que recebemos de Deus e dos bens materiais que recebemos de Deus. Ao contrário do feitor iníquo do Evangelho, não teremos mais, nesse momento, tempo para diminuir a nossa dívida para com Deus.

É importantíssimo notar, caros católicos, que somos apenas administradores de tudo o que temos: da nossa vida, da nossa inteligência, da nossa vontade, do nosso corpo, dos nossos bens materiais. Nós não temos o domínio pleno sobre essas coisas. Não podemos, portanto, fazer com elas o que nos agrada simplesmente. Não. Como administradores, devemos utilizar essas coisas para agradar ao Senhor delas, que é Deus. Apenas Deus tem o soberano domínio sobre todas as coisas. Nós, como administradores, devemos usar nossa inteligência, nossa vontade, nosso corpo, nossos bens materiais segundo a vontade de Deus. E sabemos qual é a vontade de Deus pela lei natural – que podemos conhecer pela razão – e pela lei divina – que conhecemos pela Revelação que nos é transmitida pela Igreja. Por exemplo, pela lei natural, ou seja, pelo simples uso da razão, podemos reconhecer que Deus distinguiu os seres humanos entre os sexos masculino e feminino e que Ele deu ao ser humano a faculdade de reprodução justamente para que houvesse a procriação, a preservação e propagação da espécie pela união de um homem e de uma mulher. Assim, a simples razão, considerando a natureza das coisas, mostra que o uso dessa faculdade deve sempre ser feita de maneira apta à procriação, sendo completamente irracionais e, portanto, gravemente pecaminosas as uniões homossexuais ou uniões que impeçam a procriação. Basta a razão para reconhecer isso. Pela Revelação, ou pela lei divina, sabemos, por exemplo, que devemos receber o Batismo, se queremos ser salvos.

Somos, então, administradores que devem usar todas as coisas em conformidade com a vontade do soberano senhor de todas as coisas, que é Deus. E isso, claro, é um grande bem para nós, pois a vontade de Deus é sempre perfeita e boa. Vejamos como devemos administrar

os bens que Deus nos deu. Nossa inteligência deve se submeter a Deus pela fé, aderindo às verdades que nos foram reveladas por Ele e que nos são transmitidas pela Igreja. Administraríamos bem mal nossa inteligência se recusássemos acreditar em NSJC, se afirmássemos a independência de nossa inteligência com relação a Deus, que é a Verdade. Nossa vontade deve esperar em Deus, que é misericordioso e onipotente, e deve amar a Deus, que é o bem infinito. Administraríamos bem mal nossa vontade, se esperássemos em alguma criatura ou se amássemos uma criatura mais do que a Deus. Nossas emoções devem se submeter à razão iluminada pela fé e devem nos auxiliar na prática das boas obras. Administraríamos bem mal as nossas emoções, se nos deixássemos levar por elas, contrariando a razão e a fé. Nosso corpo deve servir a Deus e não simplesmente a si mesmo ou aos seus caprichos. Administraríamos muito mal nosso corpo se vivêssemos somente para ele. Também os bens materiais externos devem ser administrados em vista da glória de Deus e do bem da nossa alma.

A sociedade moderna, justamente, administra muito mal todas as coisas dadas por Deus. A inteligência se rebela contra Deus. A vontade espera nos bens desse mundo, ou em homens, ou em grupos, ou em formas de governo. A vontade ama mais as criaturas do que a Deus. Os sentimentos são soberanos e guiam a vida das pessoas. As pessoas acreditam ter um domínio pleno sobre o próprio corpo para fazerem o que bem entendem, ao ponto de os abortistas afirmarem que o aborto pode ser realizado porque o feto faz parte do corpo da mulher. Primeiro, é evidente que o feto não faz parte do corpo da mulher, mas, ainda que fizesse, não seria lícito o aborto, pois não podemos fazer o que bem entendermos com o nosso corpo. Assim, não podemos tirar a nossa própria vida, não podemos mutilar o nosso corpo, por exemplo, inutilizando uma parte dele sem necessidade grave. Podemos dispor de nosso corpo apenas para os usos estabelecidos por Deus.

No dia do juízo particular, quer dizer, no dia de nossa morte, Deus nos pedirá contas de nossa administração. Reparemos bem que Deus nos pedirá conta da nossa administração e não da administração de outra pessoa: “dá conta da tua administração.” Deus não nos pedirá a conta da administração de nosso vizinho, do nosso parente, de tal pessoa pública, de tal bispo, do Papa. Ele não nos perguntará o que fez fulano de tal, o que fez tal outro, o que fez o Papa. Ele perguntará o que eu fiz. Ele pedirá a conta da minha administração. Infelizmente, é muito comum, nesses tempos de confusão, nos preocuparmos demasiadamente com a administração dos outros, sobretudo se são pessoas constituídas em autoridade, e nos esquecermos da nossa própria administração. Claro está que as ações das autoridades têm consequências sérias para nós e que não podemos nos alienar, mas, em última instância, é da nossa vida, das nossas ações, dos nossos pensamentos que teremos que prestar contas a Deus nesse dia tremendo de nossa morte. De que me vale a preocupação excessiva com os outros se não consigo administrar, segundo a vontade de Deus, a minha própria vida, a minha própria família. De que me vale propagar supostamente o reino de Cristo por palavras, se, pelos meus pecados não seriamente combatidos, propago o reino do demônio?

Sejamos, caros católicos, administradores fiéis de tudo o que recebemos de Deus, para que não ouçamos da boca do Senhor no dia de nossa morte a terrível sentença: “Servo mau e preguiçoso! E a esse servo inútil, jogai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes.” Que possamos viver de modo a ouvir no dia de nossa morte essas palavras suaves da boca de Nosso Salvador: “Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Entra na alegria do teu Senhor.”

Deus non irridetur. De Deus não se zomba.

(15º Domingo depois de Pentecostes)

Nolite errare: Deus non irridetur. Não vos enganeis: de Deus não se zomba.

Caros católicos, essa frase de São Paulo na Epístola da Missa de hoje deveria ser considerada com todo o cuidado pela nossa sociedade contemporânea e pelos homens, que pensam poder ocupar o lugar de Deus, para ditar o que é certo e o que é errado, sem se preocupar minimamente com Deus. Nossa sociedade zomba de Deus, de sua Revelação, de suas leis. Isso não será sem consequências porque de Deus não se zomba. E muitas dessas consequências dramáticas nós já vivemos. Como nos diz São Paulo hoje: “quem semeia na sua carne, colherá, da carne, a corrupção.”

Nossa sociedade já não reconhece verdadeiramente a existência de Deus. Ela não reconhece a Revelação divina, não adere a Deus tal como Ele se revelou. Ela não reconhece que Deus é um só em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Nossa sociedade não reconhece que a segunda pessoa da Santíssima Trindade, o Filho, se encarnou para nos salvar e que Ele morreu na cruz para nos perdoar os pecados. Ela não reconhece a Igreja fundada por NSJC, a Igreja Católica. Ela nos faz esquecer os novíssimos: a morte, o juízo, o inferno, o céu. Ao contrário, nossa sociedade favorece o indiferentismo religioso, como se todas as religiões fossem boas, colocando em pé de igualdade a religião que nos foi dada por Deus e aquelas que são obra das mãos dos homens ou do demônio. Nossa sociedade favorece o ateísmo prático, fazendo que os homens vivam submersos no mais profundo naturalismo, sem que se preocupem com as verdades eternas, com a obra de redenção operada por Nosso Senhor, com a prática da virtude, dos mandamentos, sem que se preocupem com o pecado e assim por diante. Nossa sociedade nos leva a pensar e agir como se nossa vida se resumisse unicamente a essa terra, em particular fazendo-nos acreditar que a nossa finalidade nesse mundo é aproveitar a vida, nos divertir. Nossa sociedade realmente se coloca no lugar de Deus, querendo estabelecer o que é a verdade, e invertendo, no mais das vezes, o que é o bem e o que é o mal. Nossa sociedade destruiu a família, pela introdução do divórcio. Ela ataca os mais fundamentais e evidentes princípios da lei natural e do bom senso ao favorecer o homossexualismo. Ela favorece o assassinato dos mais inocentes pelo aborto. Verdadeiramente, nossa sociedade parece zombar de Deus.

Mas também nós, caros católicos, quantas vezes parecemos zombar de Deus, pelos nossos pecados, pela nossa falta de seriedade na busca da santidade, pela nossa falta de verdadeira conversão, pelos pecados repetidos e não combatidos seriamente. Vamos levando a vida como se pudéssemos enganar a Deus e nos converter no último instante. Vamos levando a vida muitas vezes esquecidos das verdades sobrenaturais, sem nos interessar por elas. Vamos dividindo o nosso coração, a nossa alma, entre Deus e as coisas mundanas, esquecendo-nos de que Ele nos pediu para amá-IO com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com toda a nossa força. Vamos também nós, os indivíduos, muitas vezes zombando de Deus.

Todavia, de Deus não se zomba. Quando se abusa e se zomba da misericórdia de Deus, será preciso sofrer pela sua justiça. E um dos piores castigos que Deus pode nos dar é nos abandonar aos nossos próprios caprichos e erros. É, basicamente, a situação de nossa sociedade. Já estamos praticamente cegos, sem conseguir enxergar os erros e males tão profundos que são os

nossos. E o abismo vai chamando outro abismo. Vejamos o que diz São Paulo aos Romanos, no capítulo 1º, e observemos como é semelhante à situação atual. Diz o Apóstolo:

“Dizendo ser sábios, tornaram-se estultos e mudaram a glória de Deus incorruptível na figura de um simulacro de homem corruptível, de aves, de quadrúpedes e de répteis. Pelo que Deus os abandonou aos desejos do seu coração, à imundície, de modo que desonraram os seus próprios corpos, eles que trocaram a verdade de Deus pela mentira e que adoraram e serviram a criatura de preferência ao Criador, que é bendito por todos os séculos. Amém. Por isso Deus entregou-os a paixões de ignomínia. Efetivamente, as suas próprias mulheres mudaram o uso natural em uso contra a natureza, e, do mesmo modo, também os homens, deixando o uso natural da mulher, arderam nos seus desejos mutuamente, cometendo homens com homens a torpeza e recebendo em si mesmos a paga que era devida ao seu desregramento. E, como não procuraram conhecer a Deus, Deus abandonou-os a um sentimento depravado, que os levou a fazer o que não convém, cheios de toda a iniquidade, de malícia, de avareza, de maldade, cheios de inveja, de homicídios, de contendas, de engano, de malignidade, mexeriqueiros, detratores, odiados por Deus, injuriadores, soberbos, altivos, inventores de maldades, desobedientes aos pais, insensatos, sem lealdade, sem afeto, sem lei, sem misericórdia. Os quais, conhecedores da justiça de Deus, sabendo que os que fazem tais coisas são dignos de morte, não somente as fazem mas também aprovam aqueles que as fazem.”

A semelhança entre o que descreve São Paulo e a sociedade atual é impressionante, mas plenamente compreensível: quando se tem a mesma causa – negação de Deus – se tem o mesmo efeito – corrupção moral profunda do homem. Tendo recusado Deus, tudo se torna possível. Como é grande a decadência da sociedade que recusa Deus.

O que devemos, então, fazer, caros católicos? Desesperar-nos? Desanimar? Abandonar tudo? Não, absolutamente. Devemos nos arrepender de nossos pecados e procurar seriamente levar uma vida santa, fazendo o bem, que é cumprir a vontade de Deus em todas as coisas. É também São Paulo que nos diz tão bem o que devemos fazer, na Epístola de hoje: “quem semeia no espírito, colherá, do espírito, a vida eterna. Não nos cansemos, pois, de fazer o bem, porque a seu tempo colheremos, se não desfalecermos. Portanto, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, muito especialmente aos nossos irmãos na fé.” Se fizermos como nos diz São Paulo, podemos ter verdadeiramente esperança. E é essa esperança sobrenatural que deve nos mover, caros católicos.

A caridade: o que amar, em que ordem amar

(17º Domingo depois de Pentecostes)

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu espírito. Este é o máximo e primeiro mandamento. Mas o segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Nosso Senhor Jesus Cristo, perguntado por um fariseu no Evangelho de hoje, nos dá o preceito da caridade, do amor a Deus e ao próximo. Ele nos diz, então, que o primeiro mandamento é amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o espírito. Nossa vontade é feita para amar o bem. Nada melhor e mais justo, então, do que amar o Sumo Bem, o Bem infinitamente perfeito, que é Deus. E, sendo Ele o Sumo Bem, devemos amá-lo de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todo o nosso espírito. Devemos amá-lo inteiramente, sem reservas, sem

condições. Devemos amá-lo com generosidade e grande intensidade. Não devemos amar a Deus com tibieza ou mediocridade, dividindo o nosso coração entre Deus e o que não nos leva a Ele. Não pode haver acordo entre Cristo e o mundo, entre Cristo e Belial, entre Cristo e a mediocridade. Deus não nos pede que o amemos o mínimo para nos salvar, mas Ele pede que o amemos de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todo o nosso espírito, caros católicos. Não devemos, então, nas nossas ações permanecer simplesmente no limite do que é bom, na tibieza, na mornidão, no mínimo. É arriscado viver sempre no mínimo, no limite. E aquele que ama o perigo perecerá pelo perigo. É preciso realmente amar a Deus inteiramente. Fazer a vontade d'Ele com grande generosidade e alegria profunda da alma, mesmo quando a vontade d'Ele manifestar-se por meio de cruzes. O Sumo Bem, a Bondade Infinita, a Beleza incriada, a Vida, o Criador – que nos fez e criou todas as coisas para que possamos servi-lo – e nosso Salvador deve ser amado inteiramente.

Todavia, caros católicos, a caridade não se refere unicamente a Deus. Ela se refere também a outras coisas, pois o amor a Deus nos faz amar tudo o que pertence a Deus e nos faz amar tudo aquilo onde se reflete a sua bondade. Assim, por amor a Deus, devemos amar a nós mesmos, o nosso próximo, os anjos e santos no céu, o nosso corpo, e mesmo as criaturas irracionais. Justamente, devemos amar essas coisas com amor de caridade, isto é, com um amor que se dirige a Deus. Devemos amar a Deus que é o Sumo Bem e devemos amar em Deus tudo aquilo que pode participar da bondade perfeita de Deus no céu ou que pode nos ajudar a alcançar o céu.

Em primeiro lugar, devo amar a mim mesmo com amor de caridade. Inclusive, Nosso Senhor diz que devo amar ao próximo como a mim mesmo, o que supõe que amo a mim mesmo com amor de caridade. Pertença a Deus, fui criado por Ele, devo tudo a Ele. Fui criado para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo e para participar de sua felicidade eterna e perfeita no céu. Devo, então, amar-me com caridade, isto é, de modo que possa alcançar a felicidade eterna. Em todas as minhas ações, devo fazer aquilo que me dirija a Deus, e assim terei um amor ordenado por mim mesmo. Amar a mim mesmo não é fazer o que mais me agrada, nem me fazer pequenas concessões que vão contra Deus. Amar-me a mim mesmo é buscar e agir para o meu verdadeiro bem, que é Deus, o céu. O pecador, longe de amar a si mesmo ao seguir a sua vontade contra a vontade de Deus, é o pior inimigo de si mesmo. Na verdade, o pecador, sem se dar conta disso, evidentemente, odeia a si mesmo, pois age para a sua própria ruína. O pecador deseja e faz o mal para si mesmo, afastando-se de Deus. Devemos, caros católicos, buscando a virtude e fazendo a vontade de Deus em todas as coisas, amar-nos a nós mesmos e não tornarmos-nos inimigos de nós mesmos pelo pecado.

Em seguida, devemos amar o nosso próximo com amor de caridade. Devemos amá-lo porque também o nosso próximo pertence a Deus, foi criado por Ele para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo. Devemos amar o nosso próximo porque Ele é capaz de participar da vida divina no céu, de salvar-se. Devemos amar o nosso próximo enquanto ele pode dirigir-se a Deus. E o nosso amor consiste precisamente em desejar e em ajudar o nosso próximo a alcançar o céu, pela fé e pelas boas obras. Amar o próximo por qualquer outro motivo distinto de Deus não será amor de caridade, mas amor simplesmente natural. E a caridade para com o próximo tem também uma ordem. Devemos, claro, amar todos os nossos semelhantes ainda capazes da salvação, mas devemos amar mais aqueles que nos são mais próximos, nossos pais, filhos, pessoas com quem convivemos mais frequentemente. É importante ressaltar que o primeiro próximo do marido é sua esposa e que o primeiro próximo da esposa é seu marido.

Entre os nossos próximos devemos amar com amor de caridade mesmo os pecadores. Não podemos nem devemos amá-los enquanto pecadores, pois enquanto pecadores são inimigos de Deus e colocam voluntariamente obstáculo à própria salvação. Os pecadores enquanto pecadores são dignos da ira de Deus e não são, portanto, dignos de nosso amor. Todavia, devemos amá-los porque ainda são capazes de se arrepender de seus pecados, de reparar por eles e de se unirem a Deus. Portanto, o amor para com os pecadores deve ser justamente em vista do verdadeiro bem deles, que é a conversão a Deus e o abandono dos pecados. Amar os pecadores não é deixá-los acomodados em seus pecados ou compreender os pecados deles, mas ajudá-los da melhor maneira possível a se tornarem amigo de Deus. Por outro lado, não podemos amar com amor de caridade os demônios e condenados, justamente porque estão definitivamente separados de Deus e são inimigos dEle, incapazes de arrependimento. São obras de Deus e refletem a justiça divina na morte eterna pelos castigos que recebem, mas estão obstinados no mal. Amá-los seria equivalente a odiar a Deus e rechaçar a sua justiça perfeita.

Entre os nossos próximos, que devemos amar com amor de caridade, estão incluídos mesmo os nossos inimigos, quer dizer, aqueles que nos desejam, nos fizeram ou nos fazem algum mal. Não devemos amá-los enquanto nossos inimigos, pois seria amar a própria maldade deles. Mas devemos amá-los como capazes de participarem da vida divina. E devemos estar dispostos a ajudar nisso, se a nossa ajuda se revela estritamente necessária. Portanto, quando rezamos pela salvação de todos, pela conversão dos pecadores, etc., não podemos nunca excluir os nossos inimigos, mesmo se não estamos obrigados a citá-los particularmente. Seria pecado mortal excluir nossos inimigos das orações comuns ou não corresponder a uma saudação de bom dia, por exemplo. Somos obrigados a esses atos comuns de caridade, que se dão a todos os homens, mesmo com nossos inimigos. Não somos obrigados, porém, a atos particulares de caridade que não se fazem com todos a não ser que esse ato seja necessário quando nosso inimigo se encontra em perigo sério para a sua alma ou para o seu corpo. Devemos, então, amar com amor de caridade mesmo os nossos inimigos.

Devemos amar com amor de caridade os anjos e santos no céu, pois já participam da vida divina, já estão definitivamente unidos a Deus e são seus amigos íntimos. Nada mais natural que os amemos com grande caridade. Devemos também amar as almas do purgatório, pois já estão unidas a Deus e a bem-aventurança eterna para elas é apenas uma questão de tempo.

Devemos, caros católicos, amar com amor de caridade nosso corpo. Ele é obra de Deus e unido a nossa alma, forma o nosso ser. Não somos um mero animal, pois temos uma alma espiritual, capaz de conhecer a verdade e amar o bem, capaz de conhecer Deus e amar a Deus. Não somos anjos, pois temos um corpo unido a nossa alma, e que a ajuda em suas funções. Somos corpo e alma, somos animais racionais. Devemos amar nosso corpo na medida em que coopera para a nossa salvação. E amar o nosso corpo é exatamente saber usá-lo devidamente, para praticar o bem e evitar o mal. Assim, a mortificação cristã, necessária para subjugar algumas tendências desordenadas do nosso corpo, que existem em virtude do pecado original, não é um ato de ódio ao nosso corpo ou de desprezo a ele, mas de amor a ele, para que ele possa realmente servir a Deus.

Finalmente, devemos amar com amor de caridade as outras criaturas. Devemos amá-las enquanto são bens que podemos utilizar para a glória de Deus, para auxiliar na nossa salvação e na salvação de nosso próximo. Deus criou essas coisas para que o homem as utilizasse bem, isto é, com verdadeira caridade, ordenando-as a Deus, usando-as para servir melhor a Deus.

Assim, caros católicos, podemos compreender um pouco melhor o preceito da caridade. Em primeiro lugar, devemos amar a Deus, Sumo Bem e fonte de toda a bem-aventurança. Em seguida, devemos amar a nossa alma, capaz da bem-aventurança, e nosso próximo, também capaz da bem-aventurança. Devemos amar os anjos e santos no céu, bem como as almas do purgatório, mas não os já condenados. Entre os nossos próximos estão também os pecadores e nossos inimigos. Devemos amar nosso corpo e as outras criaturas. Mas devemos sempre nos lembrar: a caridade dirige todas essas coisas para Deus, para servir a Deus, para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo.

Armadura para o combate espiritual

(21º domingo depois de Pentecostes)

“Revesti-vos da armadura de Deus, para poderdes resistir aos estratagemas do demônio.”
(Epístola do dia)

Na coleta da Missa de hoje, pedimos a Deus que proteja a sua família, que somos nós, das adversidades, dos inimigos. Pedimos isso a fim de que possamos servi-lo pela prática das boas obras.

Na Epístola de hoje, São Paulo nos dá o meio para nos protegermos do inimigo: a armadura de Deus, com a qual devemos nos revestir. Pedimos a Deus a proteção contra os inimigos e devemos nos revestir da armadura de Deus.

Está claro, então, que existe um combate. Todavia, nesse combate, qual é o inimigo a ser enfrentado? É indispensável, em uma guerra, conhecer o inimigo para saber que armas devemos adotar para enfrentá-lo, para combatê-lo eficazmente. As armas devem ser proporcionais ao inimigo. O inimigo, nos diz São Paulo, não é a carne nem o sangue, quer dizer, não são os nossos próximos. Os nossos verdadeiros inimigos são os principados e as potestades, os espíritos do mal. Nosso combate é contra o demônio e os outros anjos caídos, rebeldes a Deus. Nossos inimigos são os demônios, que querem nos levar ao pecado, que é a inimizade com Deus.

Trata-se, assim, de um combate espiritual e que não é puramente humano. Temos que combater contra os demônios, superiores a nós, pois são puro espírito. Sozinhos, com nossas próprias forças, perderemos. Precisamos nos revestir, então, da armadura de Deus, para podermos resistir nos dias maus, nos momentos em que somos tentados.

A armadura de Deus tem a verdade como cinturão. A justiça como couraça. O zelo para propagar o Evangelho da paz como calçado. A fé como escudo. A salvação como elmo, como capacete. E a palavra de Deus como espada.

O cinturão amarra os rins e significa a pureza, a castidade. Todavia, São Paulo não fala do cinturão da castidade, mas do cinturão da verdade. O apóstolo nos indica, então, que, para guardar a castidade, é preciso ter um amor profundo à verdade. Devemos estar amarrados, presos, dominados pela verdade. Somente esse amor profundo pela verdade é que nos possibilitará resistir a um amor desordenado pelos prazeres. É somente com o amor à verdade que conseguiremos guardar a castidade, a pureza. Sem esse amor, naufragaremos, tragados por amores desordenados. O inimigo nos ferirá mortalmente. Primeira parte da armadura de Deus: o cinturão da verdade.

A justiça como couraça. Devemos estar protegidos sem brechas, pela nossa vida irrepreensível. Devemos buscar a justiça, que aqui é entendida não somente como a virtude particular de dar a cada um o que lhe é devido, mas como a santidade. Se não tivermos a justiça como couraça, isto é, se não tivermos o desejo sincero e a busca real da santidade como couraça, daremos alguma brecha para o inimigo nos atacar e nos ferir mortalmente. Segunda parte da armadura de Deus: a couraça da justiça.

O zelo para propagar o Evangelho da paz como calçado. Nosso calçado deve ser a prontidão, o zelo para fazer o bem, para propagar o Evangelho pelo exemplo e pelas palavras. Para propagar o Evangelho da paz, que não é a paz do mundo, mas a paz de Cristo, que existe quando se seguem os seus ensinamentos. Aquele que está calçado está pronto para fazer a viagem, para se deslocar, sem mais tardar. Aquele que possui o zelo está sempre pronto para fazer o bem, com boa vontade, sem murmurar, sem tardar, sem perder tempo. E assim devemos ser. Terceira parte da armadura de Deus: o calçado do zelo para propagar o Evangelho.

A fé como escudo. Sim, é pela fé que poderemos nos defender contra os ataques à verdade e ao bem. Sem a fé, nossa inteligência é capaz de conhecer várias verdades da lei natural, mas ela tende, pouco a pouco, a cair em erros cada vez mais graves e a negar verdades cada vez mais elementares. É o que acontece hoje, por exemplo, ao se admitir o assassinato dos mais indefesos pelo aborto. De forma que, muitas vezes, apenas os que têm a fé continuam a afirmar tais verdades elementares, opondo-se ao aborto, ao divórcio, à dissolução da família, por exemplo. E, claro, pela fé conhecemos Deus em sua vida íntima, conhecemos a verdade sobrenatural: a Santíssima Trindade, a Encarnação, a redenção... Sem a fé, abandonados às nossas próprias forças, seremos feridos mortalmente. Quarta parte da armadura de Deus: o escudo da fé.

A salvação como elmo. O elmo, o capacete, está na cabeça, para protegê-la. Nosso elmo deve ser o desejo pela salvação. Nossa cabeça, nosso pensamento e nossas ações devem estar protegidos pelo desejo de alcançar a salvação. Com esse desejo de alcançar a salvação, não faremos nada contrário a ela. E dirigiremos tudo para a minha salvação. Quinta parte da armadura de Deus: o elmo da salvação.

Finalmente, a palavra de Deus como espada. Não devemos apenas nos defender contra o inimigo maligno, mas é preciso também atacar. E o atacamos com a palavra de Deus, com o Verbo de Deus, que é Nosso Senhor Jesus Cristo. Unidos a Nosso Senhor Jesus Cristo não somente resistiremos ao demônio e ao pecado, como o derrotaremos, como o fez Nosso Senhor com sua vida, paixão, morte e ressurreição. Sexta e última parte da armadura de Deus: a espada da palavra de Deus.

O devedor da parábola do Evangelho de hoje é o exemplo de alguém que não compreendeu em nada o combate. Não compreendeu quem é realmente o inimigo, que é o pecado e o demônio. Ele pensa que seu real inimigo é o seu devedor, o seu próximo. Ele não tem amor pela verdade, mas se deixa guiar pelo desejo dos bens desse mundo. Ele não está revestido de justiça. Sua dívida imensa foi perdoada pelo rei, mas ele se nega a perdoar quem lhe deve pouco, colocando a pessoa e sua família na prisão. Não tem zelo para fazer o bem, mas, ao contrário, faz o mal. Não se defende do mundo e de suas máximas com a fé nem se preocupa com a salvação, esquecendo-se da sentença do Rei, do justo juiz, que é Deus. Sua espada não é a palavra de Deus, mas o desejo pelos bens do mundo.

Por outro lado, Jó, citado no ofertório, é o exemplo de um homem revestido da armadura de Deus. Está claro, para ele, que o inimigo a ser combatido é o demônio que o tenta. Ele não se

preocupa com os bens desse mundo. Tendo perdido tudo o que tinha – e Jó tinha muitos bens materiais, uma bela família e tudo de legítimo que se pode desejar – ele permanece fiel a Deus. Ele ama a verdade e sofre por ela. Ele busca a santidade, a justiça, e apenas isso lhe interessa. Jó tem prontidão para fazer o bem, tem a fé, acreditando em Deus. Seu objetivo é a salvação e, por isso, suporta todas as provações, apoiando-se na palavra de Deus, nas promessas divinas.

Aqui nesse mundo, caros católicos, somos membros da Igreja militante, quer dizer, militamos, combatemos contra os nossos pecados e combatemos para amar a Deus cada vez mais. Não somos simplesmente uma Igreja peregrina ou em caminho. Somos uma Igreja militante. O inimigo é o demônio e o pecado. Nossa armadura deve ser a armadura de Deus: o cinturão do amor à verdade, a couraça do desejo pela santidade, o calçado do zelo para fazer o bem, o escudo da fé, o elmo do desejo pela salvação e a espada da palavra de Deus.

Carpe Diem: redimir o tempo e o plano de vida

(20º Domingo depois de Pentecostes)

“Irmãos, tende cuidado em andar com prudência: não como insensatos, mas como pessoas circunspectas, aproveitando o tempo, porque estão a correr maus dias.” Essas são as palavras de São Paulo no início da Epístola de hoje, tirada de sua Epístola aos Efésios.

O apóstolo nos diz para andar com prudência. A prudência é escolher os melhores meios para chegar a fins bons. Em última instância, a prudência é escolher os melhores meios para que cheguemos a nosso fim último, que é a felicidade eterna. A imprudência pode vir do fato de que escolhemos meios ruins para chegar a um fim bom ou porque temos em vista um fim mal a ser atingido. Se somos prudentes, escolhemos os melhores meios – lícitos, claro -, para chegarmos ao céu.

São Paulo acrescenta que não devemos ser insensatos, tolos, mas circunspectos. A circunspeção é parte da virtude da prudência. Pela circunspeção, eu considero as circunstâncias, aquilo que está em torno de mim, para poder agir da melhor maneira possível e atingir meu objetivo, que é a salvação. O texto original latino nos fala, porém, não propriamente da circunspeção, mas da sabedoria: não sede insensatos, mas sábios. O sábio é aquele que considera todas as coisas a partir de uma visão elevada. O sábio enxerga as coisas como Deus as vê, dando importância a cada coisa segundo a sua ordenação a Deus. O sábio considera todas as coisas com o olhar da fé, sabendo que estamos aqui nessa vida para ganhar o céu. O sábio não se deixa enganar pelas máximas do mundo, pelo naturalismo que nos faz esquecer de Deus, pelo ateísmo prático, que desconsidera Deus no cotidiano, como se Ele não existisse. O sábio não se deixa levar pelas falsas soluções contrárias à fé ou que não colocam Cristo e sua Igreja em primeiro plano.

E o sábio sabe aproveitar o tempo. Ele não o aproveita como os pagãos ou como os cristãos que vivem como pagãos. Estes, tolos, dizem como Horácio, poeta pagão de antes de Cristo: *carpe diem*, aproveite o dia, aproveite o tempo. Ele dizia isso para que as pessoas vivessem afogadas em suas desordens, agindo segundo suas paixões. Colocavam a felicidade nisso: nas satisfações das paixões e dos sentimentos. *Carpe diem*, devemos dizer nós, os católicos, aproveitemos o dia para ganhar o céu, como sábios. É assim que o sábio aproveita o dia, aproveita o tempo. Movido pela perspectiva da eternidade, o sábio sabe que cada instante é precioso para que possa acumular o verdadeiro tesouro, para que possa multiplicar os talentos que lhe foram dados por Deus. Sabe que não pode desperdiçar o tempo com coisas vãs e fúteis. Sabe que não deve consumir seu tempo

diante da televisão para ver não somente coisas vãs e fúteis, mas ofensivas a Deus e prejudiciais para a sua alma. E assim também com a internet, muitas vezes. Se consumir seu tempo com isso, será consumida a própria pessoa por essas coisas. O sábio sabe que cada instante de sua vida é precioso para estar em estado de graça, pois o instante seguinte pode ser o de sua morte.

Mais do que aproveitar o tempo, o sábio sabe redimir o tempo, como nos faz compreender o original latino do texto. O sábio redime o tempo, usando-o para o bem de sua alma. O sábio sabe que deve procurar aproveitar ao máximo o tempo, redimir o tempo, principalmente quando os dias são maus. Maus eram os dias no tempo de São Paulo. É bem provável que o Apóstolo faça menção à perseguição sangrenta, com a qual ele mesmo sofreria pouco tempo depois, sendo martirizado pelos romanos. Vivemos também nós dias maus. Os maus dias hoje são maus pela apostasia generalizada, pela tentativa de mudar e de corromper as palavras de vida de Nosso Senhor mesmo nas questões mais elementares. Maus dias porque os homens são insensatos, tolos, dizendo em seus corações: Deus não existe ou, se existe, Ele está sempre de acordo com a minha vontade. Maus dias porque vamos caminhando para o abismo. Cícero, autor pagão de antes de Cristo, exclama diante da depravação de costumes de sua época: “*o tempora, o mores*” (ó tempos, ó costumes). O que devemos nós exclamar diante de uma sociedade que volta aos mais bárbaros costumes pagãos depois de ter conhecido a luz sublime do Evangelho? Devemos redimir o tempo, dobrando o joelho diante de Nosso Senhor Jesus Cristo, fazendo boas obras, vivendo a fé católica. Não devemos, então, perder o nosso tempo, mas devemos redimi-lo. Aproveitá-lo realmente para a nossa salvação. Fazer tudo com caridade, mesmo as coisas mais simples e necessário. Como nos diz São Paulo (1Cor 10, 31): “quer comais, quer bebais, fazei tudo para a maior glória de Deus”, isto é, por amor a Deus e para que Ele seja mais conhecido e amado.

Devemos, então, caros católicos, evitar a ociosidade, que consiste em ficar à toa ou desperdiçar o tempo com coisas vãs, inúteis. A ociosidade é mãe de todos os vícios, em particular ela é mãe da impureza e da preguiça, sobretudo da preguiça espiritual. Para redirmos o tempo e evitarmos a ociosidade, devemos fazer um plano de vida. É o que nos sugere a sabedoria católica.

O plano de vida é estabelecer um horário completo e detalhado das ocupações do dia, para procurar cumpri-lo fielmente. Do levantar ao dormir e abarcando todas as atividades. Quais orações e em que momentos do dia as farei. Horários de trabalho, de estudo. Horário também para as distrações, moderadas e não contrárias a Deus. Devemos fazer um horário para cada dia da semana e procurar cumpri-lo, a não ser que haja motivo proporcional para deixá-lo de lado. Chama-se plano de vida, mas é, na verdade, um plano diário, para cada dia. Tampouco precisa ser o mesmo para cada dia, pois cada dia pode ter suas particularidades, com suas obrigações e atividades próprias.

A utilidade do plano de vida é muito clara, sobretudo para os espíritos inconstantes, como tendemos a ser todos na sociedade atual. Sem o plano de vida, perdemos muito tempo, ficamos indecisos sobre o que fazer, nos descuidamos das obrigações ou as cumprimos de modo desordenado e chegamos à inconstância e seremos volúveis. Sem saber o que fazer, terminaremos à toa na internet ou em alguma outra distração inútil. Com o plano de vida sabiamente estabelecido, ao contrário, e tendo definido com precisão as atividades de cada dia, não ficaremos sem saber o que fazer, não perderemos tempo, nada de importante nos escapará, teremos facilidade para fazer todas as nossas ações com espírito sobrenatural e educaremos nossa vontade. É bom que mesmo a família tenha alguns horários estabelecidos para cada dia, sobretudo para a oração.

Para tirar do plano de vida todo o bem que ele pode nos dar, é preciso traçá-lo com sabedoria e não adotá-lo definitivamente a não ser depois de tê-lo provado durante certo tempo, para ver se ele se adapta realmente a nossas obrigações ou se é preciso modificá-lo em algo.

Algumas regras básicas na elaboração do plano de vida: 1º) o plano de vida deve estar completamente de acordo com os deveres de estado da pessoa, de acordo com suas obrigações habituais. Deve levar em conta o seu caráter, para corrigir os defeitos próprios do caráter e para favorecer as virtudes próprias do caráter. Ele deve levar em consideração a sua saúde física. De nada adiantaria estabelecer um plano de vida em que se dorme 5 horas por noite, se no dia seguinte a pessoa não consegue fazer nada bem por causa do cansaço. 2º) O plano de vida deve ser flexível e rígido a um só tempo. Flexível para não nos sentirmos escravizados por ele quando a caridade para com o próximo ou uma circunstância importante imprevista nos obrigue a mudanças. Isso se aplica muito aos pais e mães de família, principalmente de crianças menores. Mas deve ser rígido, pois é preciso procurar segui-lo a não ser que algo relevante o impeça. 3º) O plano de vida deve conter não somente o horário, do acordar ao dormir, mas próximo a ele deve estar também a lista com as minhas más inclinações, que devo combater, e a lista com as virtudes que mais devo procurar adquirir. E a isso devemos juntar o exame de consciência diário.

Caros católicos, devemos aproveitar o tempo. Devemos redimi-lo. Se redirmos o tempo, o tempo vai nos redimir, pois iremos aproveitá-lo para conquistar o céu.

Preparar-se para o juízo universal preparando-se para o juízo particular

(Último Domingo depois de Pentecostes)

Caros católicos, o ano litúrgico nos faz reviver praticamente toda a história da salvação. O ano litúrgico tem início, então, com o Advento, que significa a espera pela vinda de Cristo no Antigo Testamento. E nada mais natural que se conclua pelo fim do mundo, pela segunda vinda de Cristo para julgar vivos e mortos, no que é chamado de juízo universal. A Igreja com a liturgia, com o ano litúrgico, nos faz reviver os principais momentos da história da Salvação, mas não se trata unicamente de uma recordação. A Igreja nos dá também a graça própria daquele acontecimento e da festa que celebra, para que nos santifiquemos. Por exemplo, no Natal, festejando o nascimento do Menino Jesus, a Igreja quer nos dar a graça da infância espiritual, para que nos portemos realmente como filhos de Deus e inteiramente dependentes dEle.

Hoje, no último domingo do ano litúrgico, a Igreja não celebra um fato já passado, mas nos prepara para algo que ainda vai ocorrer. Ela nos prepara para o juízo universal e, nos preparando para o juízo universal, quer que nos preparemos para a nossa morte, quando acontecerá o nosso juízo particular.

Como sabemos, o juízo particular ocorre no instante de nossa morte e nele somos julgados por Deus. Três coisas podem ocorrer com nossa alma nesse momento: o castigo com a condenação eterna no inferno, se morremos em pecado mortal, e basta um só pecado mortal para a condenação eterna; o purgatório (depois do qual a alma vai sempre para o céu), se morremos em estado de graça, mas com pecados veniais ou devendo ainda expiar por pecados já perdoados; e, finalmente, no juízo particular a alma pode ir diretamente para o céu se morreu em amizade com Deus, isto é sem pecado mortal, mas também sem pecados veniais e tendo expiado todos os pecados já perdoados. A sorte da nossa alma é decidida no instante da nossa morte. E, nesse

instante, já não poderemos fazer mais nada, apenas nos submeter à justíssima sentença de Cristo. Esse é, então, o juízo particular, que ocorrerá no instante de nossa morte.

O juízo universal ou juízo final acontecerá no final do mundo, após a ressurreição dos corpos. Assim, o corpo poderá receber junto com a alma a sentença que lhe cabe, já dada no juízo particular à alma. O juízo universal não é uma revisão, mas uma confirmação pública do juízo particular, feito no instante de nossa morte. Embora não mude a sentença justíssima do juízo particular, o juízo universal tem grande utilidade. O Juízo universal será útil porque nele há de manifestar-se a glória de Deus, pois todos hão de reconhecer a justiça com que Deus governa o mundo, embora vejamos, às vezes, os bons sofrer e os maus em prosperidade nesse mundo. Quer dizer, no juízo universal, a sabedoria da Providência Divina nos será mostrada com precisão. No Juízo universal, há de manifestar-se também a glória de Jesus Cristo, porque, tendo Ele sido injustamente condenado pelos homens, aparecerá então à face do mundo inteiro como Juiz supremo de todos. O juízo universal será útil, igualmente, porque nele há de manifestar-se a glória dos Santos, porque muitos deles, que morreram desprezados pelos maus, hão de ser glorificados em presença de todos os homens. No Juízo universal, a confusão dos maus será enorme, especialmente para aqueles que oprimiram os justos, e para aqueles que, durante a vida, procuraram ser tidos, falsamente, por homens virtuosos e bons, pois verão manifestados, à vista de todo o mundo, os pecados que cometeram, ainda os mais ocultos.

A Igreja, pela liturgia de hoje, quer que nos preparemos bem para o juízo universal. Todavia, só estaremos preparados para o juízo universal se nos prepararmos bem para o juízo particular. Muitos, considerando a enorme crise de fé e de moral que temos hoje na sociedade e mesmo em muitos membros da Igreja, pensam que estamos no fim do mundo e ficam, assim, paralisados, esperando grandes catástrofes, esperando a realização disso ou daquilo, esquecendo-se, muitas vezes, do principal, que é a própria santificação, a própria conversão, fazer o bem que podemos e devemos fazer aqui e agora. O que a Igreja quer é que, considerando o juízo particular e o juízo universal, possamos mudar de vida, ela quer que nos preparemos para ouvir a suave sentença: “Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo.” A Igreja quer que evitemos aquela outra sentença, tremenda: “Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos.”

Devemos nos lembrar que em tempo de calamidades físicas e, sobretudo, de calamidades doutrinárias e morais, vão prosperando as falsas doutrinas e os falsos profetas em virtude do desespero ou da confusão e mesmo os bons podem ser atingidos por essas falsas doutrinas e pelos falsos profetas, como diz Nosso Senhor. É preciso, então, vigiar e rezar. Devemos nos lembrar de que não sabemos absolutamente nada quanto ao momento preciso do juízo universal. Apesar de todos os sinais que Nosso Senhor nos dá, Ele diz: “vigiai, pois, porque não sabeis a que hora virá o Senhor... Por isso, estai vós preparados, porque não sabeis a que horas virá o Filho do homem.” Quantas pessoas ou supostas aparições querem determinar com precisão a data do fim do mundo ou do juízo universal, contrariando diretamente as palavras de Cristo. São falsas doutrinas e falsas profecias. Quantos falsos profetas pipocam atualmente, muitas vezes propugnando um certo conservadorismo, mas eivado de desvios graves em matéria de fé, por exemplo.

Não devemos nos preocupar excessivamente com o juízo universal. Devemos nos preocupar em nos preparar bem para ele, estando sempre preparados para a nossa morte, para o nosso juízo particular, que pode vir a qualquer momento. Estaremos preparados guardando a fé e praticando os mandamentos, deixando de lado todo pecado mortal e procurando combater

mesmo os veniais. Rezemos a Nossa Senhora para que nos alcance a graça da perseverança final.

A alegria do mundo e a alegria espiritual

(3º Domingo do Advento)

Gaudete semper. Iterum dico: gaudete. Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos.

A alegria do mundo é pequena, imperfeita e passageira porque nasce de uma fonte escassa e limitada, finita, que é o temporal. O rei Salomão, filho de Davi (Eclesiastes 2), diz dessa alegria do mundo: “Vamos, tentemos a alegria e gozemos o prazer. Mas isso é também vaidade. Do riso (mundano) ele disse: Loucura! e da alegria (mundana): Para que serve?”. A alegria do mundo é pequena, imperfeita e passageira. A alegria espiritual é grande e perpétua porque vem do amor de Deus e da esperança dos bens eternos. A alegria espiritual provém do maior bem possível, Deus, e nada pode tirá-lo de nossa alma, a não ser nós mesmos pelo pecado mortal. Como diz Nosso Senhor falando da alegria espiritual (Jo 16, 22): “Ninguém tirará de vós a vossa alegria.” E devemos nos alegrar dessa verdadeira alegria sempre, mesmo nas tribulações e nas cruzes. A verdadeira alegria, a alegria no Senhor, de fazer a vontade dEle, é alegria que perdura mesmo nas aflições e nas penas. Como diz São Paulo aos Coríntios (2Cor 7, 4): “transbordo de alegria em toda tribulação.” E o apóstolo nos dá o exemplo prático dessa alegria nas tribulações: ele escreveu a epístola ao Filipenses, da qual hoje lemos uma parte, quando estava na prisão. Ao longo de toda a epístola ele se alegra. Ele se alegra ao rezar pelos outros, e porque o Evangelho não deixa de ser pregado. Ele diz que se alegrará ao saber que seus esforços foram frutíferos. Exorta mais de uma vez para que todos se alegrem no Senhor. Portanto, a verdadeira alegria, a alegria espiritual que vem da união a Deus pelo amor a Ele e pela ausência do pecado, persiste mesmo em meio às tribulações. A alegria verdadeira vem pela fé e pela caridade, quando fazemos a vontade de Deus. A alegria verdadeira não é superficial, nem é simplesmente estar sorrindo o tempo todo. A alegria mundana vem, ao contrário, no mais das vezes, pelos sentidos.

Essa alegria espiritual vem da modéstia dos cristãos, que São Paulo diz que deve ser conhecida de todos os homens. A modéstia aqui não se refere simplesmente à decência no vestir (embora a inclua), mas à virtude em geral. É a ordenação de toda a nossa vida, de todas as nossas faculdades a Deus, seguindo as suas leis. Quando São Paulo diz que nossa virtude deve ser conhecida por todos, ele repete aquelas palavras de Nosso Senhor, que diz (Mt 5, 16): que os homens vejam as vossas obras e glorifiquem a Deus. Não se trata de querer se mostrar ou se exibir para os outros, o que seria orgulho e vaidade e contrário àquelas outras palavras do Salvador (Mt 6, 3): que vossa mão esquerda não saiba o que faz a direita. Trata-se simplesmente de agir bem, virtuosamente, em virtude da graça de Deus e para agradar a Deus. E vendo esse bom exemplo os outros glorificarão a Deus e não a nós. Nosso objetivo não pode ser agradar aos homens ou aparecer diante deles, mas agradar a Deus e unicamente a Ele.

Essa alegria espiritual vem também do fato de não sermos excessivamente solícitos pelas coisas terrenas. Não devemos ficar ansiosos demais ou angustiados, mas fazer com serenidade o que nos cabe nessas coisas, agindo com a devida prudência, mas não com solicitude excessiva. Devemos lembrar sempre de buscar em primeiro lugar o reino de Deus. Tudo o mais nos será dado por acréscimo. Em todas as circunstâncias, devemos manifestar a Deus nossas necessidades pela oração unida à ação de graças. E devemos pedir a Deus o que precisamos. E se pedimos a Deus com confiança, humildade, perseverança e submissão à vontade de dEle, Ele nos dará, se for bom para a nossa alma.

E o motivo principal de nossa alegria é a proximidade do Senhor. O senhor está próximo daquele que está em estado de graça. O Senhor está tão próximo da alma santa que ela se torna filha de Deus, amiga dEle, participante da própria vida divina. Ao contrário, o Senhor está muito longe daquela alma que se encontra em estado de pecado mortal, que cometeu uma falta grave. Essa alma é inimiga de Deus e não encontra a verdadeira alegria, mas uma falsa alegria no pecado.

E essa alegria verdadeira, que vem da união profunda com Deus, da conformidade de nossa vontade com a vontade de Deus, gera a verdadeira paz da alma. Paz da alma que não é a indiferença com relação ao bem e ao mal ou uma simples indiferença com o que acontece ao nosso redor. A paz da alma católica não é ser zen ou algo que o valha. A paz de alma católica é a paz de uma alma que trava enormes batalhas contra o demônio, o pecado e o mundo. É a paz de uma alma que trava batalhas enormes para defender a honra de Cristo, de Maria e da Igreja. É a paz de uma alma que trava batalhas enormes pela sua salvação e pela salvação do próximo. É a paz de uma alma que atravessa inúmeras tribulações e que carrega suas cruzes quotidianas. Essa paz, que vem da verdadeira alegria, é a orientação de toda a nossa alma a Deus e é o fato de estarmos plenamente fundados nEle, como em uma rocha que não se move. Temos a tranquilidade de saber que estamos unidos a Deus, que esse é o verdadeiro e supremo bem e que ninguém pode nos tirar isso, a não ser nós mesmos por nossos pecados.

Gaudete semper in Domino. Iterum dico: Gaudete. Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos.

A boa Confissão

(3º Domingo da Quaresma)

“Estava Jesus expulsando um demônio, e ele era mudo. E depois de ter expulsado o demônio, falou o mudo, e se admiraram as gentes.”

Caros católicos, temos insistido que a Quaresma é um tempo de conversão, de misericórdia, de busca da santidade. A verdadeira conversão nossa, a busca da santidade e a misericórdia divina se encontram de modo perfeito e pleno em um só ato: no sacramento da confissão, e na confissão bem feita.

Como sabemos, a confissão é o sacramento da nova lei no qual, pela absolvição do sacerdote, se confere ao pecador penitente a remissão dos pecados cometidos depois do batismo. Como cada um dos sete sacramentos, também o sacramento da penitência foi instituído por Cristo. A confissão foi instituída por Cristo no dia mesmo de sua ressurreição, ao dizer aos apóstolos: “recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.” No sacramento da confissão, nós podemos ver a delicadeza da bondade e misericórdia divinas. Que meio sublime Deus nos deu para perdoar os nossos pecados, para purificar a nossa alma das quedas após o batismo. A confissão é a nossa segunda tábua de salvação, como nos diz o Concílio de Trento.

Nosso Senhor quis instituir o sacramento da penitência ou confissão para nos dar a certeza (na medida em que é possível) do perdão dos pecados confessados ao padre e absolvidos por ele, para que não tivéssemos angústias ou incertezas em campo tão importante. Nesse sacramento, Nosso Senhor nos diz como Ele disse ao Paralítico: “Tem confiança, filho, teus pecados estão

perdoados.” Nosso Senhor quis também que os pecados fossem perdoados por meio da confissão ao sacerdote porque a sabedoria divina cura utilizando remédios contrários à doença. Todos os nossos pecados provêm, em certo grau, do orgulho, e a confissão é o contrário do orgulho, pois é certa humilhação para o pecador. Pecamos ao praticar a nossa própria vontade em detrimento da vontade divina. Na confissão, precisaremos exercer um grande desapego de nós mesmos, da nossa própria vontade e nos humilhar. A confissão diante do sacerdote foi o meio instituído pela sabedoria e misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo para nos tirar do pecado.

A confissão, como nos diz o Padre Spirago (Catecismo Católico Popular, que recomendo), dá ao indivíduo muitas vantagens, além do essencial e mais importante que é o perdão dos pecados: a) ela dá o conhecimento de si mesmo ao nos confrontarmos com os mandamentos divinos; b) ela dá a delicadeza da consciência, que vai se formando com os bons exames de consciência e os bons conselhos recebidos; c) ela dá a firmeza de caráter, pois o sacramento nos dá a graça que ilumina a nossa inteligência e fortalece a vontade; d) ele dá a perfeição moral, pois a confissão exige humildade, como dissemos, e a humildade é a base de toda virtude. A confissão traz também vantagens para a sociedade civil: a) com ela, as inimizades acabam, b) se bens foram de alguma forma prejudicados pelo pecador, eles serão restituídos, c) muitos crimes são evitados; d) muitos vícios combatidos e etc.

Todavia, para obtermos o perdão dos nossos pecados e todos os outros benefícios que advêm da confissão, precisamos nos confessar bem. Para nos confessarmos bem, precisamos, antes de tudo, fazer um bom exame de consciência. Depois, precisamos nos arrepender dos pecados cometidos e ter o propósito de nos emendarmos. Em seguida, é preciso confessar os pecados, isto é, manifestá-los diante do sacerdote, com sinceridade. Finalmente, é preciso aceitar a penitência, receber a absolvição e cumprir a penitência recebida.

O exame de consciência é a consideração ou investigação séria e diligente dos pecados cometidos desde a última confissão válida. O exame de consciência é muito importante para nos formar bem a consciência, para nos dar o conhecimento de nós mesmos diante de Deus e para assegurar a integridade da confissão. O exame de consciência deve ser feito antes da confissão e não durante a confissão, o que certamente levaria ao esquecimento de algum pecado e tomaria mais tempo do que o realmente necessário. Convém começar esse diligente exame de consciência pela invocação do Espírito santo, para que Ele nos mostre os nossos pecados e nos dê o arrependimento. Se durante o exame de consciência surgem pecados mortais, é preciso considerar também a espécie e o número desses pecados, como falaremos mais adiante.

(Contrição) Feito o exame de consciência, é preciso se arrepender dos pecados cometidos: é o que chamamos de contrição. A contrição é a dor e detestação dos pecados cometidos enquanto são ofensa a Deus. Para que haja a contrição é preciso, primeiro, que reconheçamos que fizemos um mal, um pecado. Reconhecendo o mal que fizemos, devemos ter uma dor espiritual por ter cometido esse mal. Essa dor é espiritual, da vontade, que não afeta necessariamente a sensibilidade. Pode ocorrer e ocorre que um pecador esteja pesaroso de ter pecado sem que sinta sensivelmente dor alguma. Para ter essa dor, basta querer tê-la sinceramente e pedi-la a Deus, que ela surgirá. Tendo reconhecido o pecado cometido, tendo dor por tê-lo cometido, precisaremos, em segundo lugar, detestá-lo. A detestação surgirá quase naturalmente da dor, pois ao reconhecermos o mal que é o pecado, detestaremos esse mal, que ofende a Deus e nos separa d’Ele. A detestação acende em nossas almas o desejo de destruir o pecado, supõe a abominação ao pecado cometido.

Devemos notar que essa dor da alma, e essa detestação devem provir do fato de que o pecado é uma ofensa a Deus. No arrependimento, é preciso que esteja necessariamente presente, em maior ou menor grau, esse motivo de arrependimento: ofensa feita a Deus. A pessoa que se arrependesse unicamente por medo do inferno ou por amor à vida eterna, mas sem relação com a ofensa feita a Deus, não teria contrição suficiente para ser perdoado. Assim, por mais que o motivo principal seja o temor da condenação, por exemplo, é preciso que esteja presente, ao menos em parte, a rejeição da ofensa a Deus. O verdadeiro arrependimento, além disso, supõe que consideramos o pecado como o maior de todos os males possíveis e que estejamos dispostos a perder tudo, inclusive a vida, para não voltar a cometê-lo. E que o pecado é o maior mal que existe é claro, pois vai diretamente contra Deus e contra nossa felicidade eterna. A contrição deve ser também universal, isto é, ela deve englobar todos os pecados mortais. Se eu me arrependo de dez pecados mortais, mas não me arrependo de um, meu arrependimento não é verdadeiro porque se eu me arrependesse dos nove pelos bons motivos (ofensa a Deus e perda da vida eterna), me arrependeria necessariamente de todos. Assim, deixar de se arrepender de um pecado mortal significa que não se está arrependido verdadeiramente de nenhum.

(Propósito de emenda) Depois do arrependimento, dessa dor da alma e da detestação do pecado, vem o propósito de emenda. O propósito de emenda nada mais é do que a vontade deliberada e séria de não mais voltar a pecar. Esse propósito deve ser firme, isto é, devemos estar decididos a não pecar mais, ainda que tenhamos que perder todos os bens e suportar todo tipo de sofrimento, mesmo a perda da vida. Esse propósito de emenda deve ser universal, estendendo-se a todos os pecados mortais, que deverão, então, ser evitados no futuro, sem exclusão de nenhum. Não é preciso rechaçá-los todos individualmente nem é prudente, basta rechaçá-los em conjunto. Esse propósito de emenda significa também que o penitente quer, com vontade séria, empregar os meios necessários para evitar os pecados futuros: fugir das ocasiões de pecado, perdoar as injúrias, rejeitar o ódio, restituir o bem alheio, frequentar os sacramentos, rezar, etc... Quem quer evitar o pecado deve empregar os meios para isso, sob pena de contradição.

(Confissão dos pecados) Tendo feito o exame de consciência, tendo dor espiritual pelos pecados, detestando-os e tendo o propósito de não mais cometê-los, o penitente pode aproximar-se da confissão. A confissão é a acusação voluntária dos pecados cometidos depois do batismo feita ao sacerdote legítimo, a fim de obter o perdão dos pecados. A confissão dos pecados deve ser íntegra. Isso significa que o penitente deve obrigatoriamente confessar todos os pecados mortais cometidos desde a sua última confissão válida. Ele não pode omitir nenhum sequer. Se ele confessa dez pecados mortais, mas omite um, nenhum pecado é perdoado. Se ele tem um só pecado mortal e cinco veniais, mas confessa só os veniais, não há perdão de nenhum pecado. A confissão deve ser íntegra quanto aos pecados mortais. Aquele que omitisse voluntariamente um pecado mortal, além de não ter nenhum pecado mortal perdoado, cometeria um pecado grave de sacrilégio, por tornar inválida a confissão. Se por acaso alguém esqueceu um pecado mortal no momento da confissão, ele será perdoado, mas será preciso acusá-lo na próxima confissão. Além de confessar todos os pecados mortais, é preciso dizer a espécie deles, o número e as circunstâncias que podem mudar a espécie ou a gravidade. Assim, não bastaria dizer genericamente pequei gravemente contra o primeiro mandamento, mas é preciso dizer qual foi a espécie do pecado: negação da fé, participação em culto acatólico, etc... É preciso dizer o número: fiz isso uma, ou duas, ou três vezes. Se não se sabe ao certo o número, tentar estabelecer a frequência: por exemplo, cometi esse pecado em torno de uma vez por mês

durante aproximadamente 5 anos, etc... É preciso também dizer as circunstâncias que podem realmente influenciar na espécie ou na gravidade. Por exemplo, roubei objeto de grande valor da Igreja. O “da Igreja” é importante porque, além de roubo, teremos o pecado de sacrilégio. É importante, muitas vezes, que a pessoa diga seu estado de vida: solteiro, casado, religioso, sacerdote... pois isso pode ter influência na gravidade ou na espécie do pecado. Como se sabe, não existe obrigação de confessar os pecados veniais, embora seja bom fazê-lo, por humildade, e, sobretudo, para receber as graças a fim de evitá-los no futuro. O pecado venial, embora não nos separe de Deus, é o segundo maior mal que existe, atrás apenas do pecado mortal.

A confissão precisa ser, então, íntegra quanto aos pecados mortais. Ela precisa ser íntegra porque o sacerdote atua na confissão como juiz, como médico, como mestre. Como juiz, é preciso que ele conheça inteiramente a causa, para poder julgá-la corretamente e poder dar uma sentença justa. Como médico, o sacerdote precisa conhecer as doenças graves do penitente para poder prescrever os remédios adequados. Como mestre, o sacerdote precisa conhecer a consciência do penitente, para poder corrigi-la. Além disso, o sacerdote é também pai na confissão, recendo o penitente benignamente, a exemplo de Cristo e pronto a ajudá-lo ao máximo. A confissão é um tribunal e o padre é um juiz. Mas as pessoas não devem ter medo desse tribunal. É um tribunal muito peculiar, pois basta admitir a culpa com verdadeiro arrependimento para ser perdoado. E o padre, ademais de juiz, é também médico, mestre e pai.

A confissão deve ser também humilde, com a pessoa realmente se reconhecendo pecadora e sem buscar desculpas vãs para os seus pecados. A confissão deve ser clara, com a pessoa dizendo de modo transparente a sua falta para que o confessor possa conhecer com exatidão o verdadeiro pecado cometido. Uma linguagem imprecisa e obscura com o fim de que o confessor não se dê conta do que está sendo confessado é profanar o sacramento. A confissão deve ser discreta, isto é, não se deve revelar os pecados alheios, e com relação ao sexto mandamento a clareza e a integridade são necessárias, mas sem o emprego de termos grosseiros ou expressões desnecessárias. A pessoa não deve contar toda a sua vida, mas somente o que diz respeito aos pecados confessados. A confissão deve ser secreta, ou seja, ela deve ser feita unicamente ao confessor, para evitar escândalos.

(Penitência) Feita a confissão, o sacerdote dá os conselhos, prescreve os remédios, e impõe a penitência proporcional ao pecado. O penitente deve, então, aceitar a penitência, a não ser que esteja impossibilitado de cumpri-la, caso em que o confessor dá outra penitência. O penitente deve buscar cumprir a penitência o quanto antes, a fim de não esquecer qual foi a penitência imposta. A verdadeira e sincera aceitação da penitência é indispensável para a validade da confissão. Se depois, apesar de ter aceitado a penitência sinceramente, não a cumpre, a confissão foi válida, mas se comete um pecado pela omissão voluntária da penitência (grave ou leve dependendo da gravidade da penitência e da gravidade do pecado em função do qual ela foi imposta). A penitência sacramental é importantíssima, pois tem eficácia particular para satisfazer pela pena temporal dos pecados. Ela é muito mais eficaz do que mortificações e penitências pessoais. Destaque-se que a pessoa já está em estado de graça após receber a absolvição, mesmo se ainda não cumpriu a penitência. Assim, se ela se confessou antes da Missa, pode comungar ainda que não tenha feito a penitência imposta.

(Absolvição) Imposta a penitência pelo confessor e tendo sido aceita pelo penitente, o sacerdote dá a absolvição.

Uma confissão relativa a pecados mortais que foi mal feita por falta de arrependimento, por falta de propósito de emenda ou por omissão voluntária de um pecado, é inválida e sacrílega. E são

sacrílegas também todas as comunhões subsequentes e todas as confissões subsequentes. O único meio de remediar essa situação é fazer uma confissão que envolva todos os pecados dessa primeira confissão ruim e todos os pecados subsequentes, incluindo as comunhões e confissões sacrílegas.

Vemos hoje no Evangelho, caros católicos, Nosso Senhor expulsar um demônio mudo. Infelizmente, o demônio mudo age na confissão, ao nos afastar dela incutindo em nós uma falsa vergonha ou nos fazendo omitir voluntariamente um pecado mortal. É preciso afastar esse demônio mudo e recorrer a tão belo sacramento. Uma certa vergonha e uma certa humilhação existem na confissão e são um bem, porque são já uma pena pelo pecado e nos permite satisfazer por ele. Mas essa vergonha e essa humilhação devem nos levar justamente à confissão e não a nos afastar dela. O sacerdote, caros católicos, é obrigado ao segredo de confissão, sob a pena das mais duras sanções canônicas. O padre que revela diretamente o segredo de confissão incorre em excomunhão, que somete a Santa Sé pode tirar. O que o padre conhece no confessionário, ele conhece, em certo sentido, por ciência divina, que ele não pode comunicar a ninguém. O sacerdote deve morrer para guardar o segredo de confissão e muitos, de fato, morreram por causa disso. Portanto, não deixemos agir esse demônio mudo. Confessemos. E depois que o mudo falou, as pessoas se admiraram, nos diz o Evangelho. Do mesmo modo, depois que um penitente faz uma boa confissão, o sacerdote se admira, junto com a corte celeste, que se alegra pela conversão de uma alma.

Portanto, caros católicos, aproveitemos esse tempo da quaresma para recorrermos à misericórdia divina, que tão sabiamente instituiu o sacramento da confissão.

A importância e necessidade do jejum

(1º Domingo da Quaresma)

O Santo Evangelho desse primeiro domingo da Quaresma nos traz o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele jejuou 40 dias no deserto. Esse jejum de Cristo é importante para nós. Esse jejum de 40 dias, sem comer nada, de Nosso Salvador mostra, primeiramente, a sua divindade. Ninguém consegue passar 40 dias sem comer. Por outro lado, a fome de Cristo ao final dos 40 dias nos mostra a sua humanidade. Cristo é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, nos diz constantemente o Evangelho. E por que Nosso Senhor jejuou? Para reparar pelos seus pecados? Não, Ele não os tinha nem podia ter. Para assegurar o domínio de sua razão e vontade sobre as paixões desordenadas? Não, Nosso Senhor não tinha paixão desordenada: todos os seus sentimentos e emoções estavam perfeitamente subordinados à sua razão e à sua vontade, e estas completamente submissas à vontade de Deus. Para que, então, Nosso Senhor jejuou durante 40 dias? Ele jejuou para nos dar o exemplo e mostrar a importância dessa prática.

Convém compreender melhor a importância do jejum. O jejum, prezados católicos, é ato da virtude da abstinência. O que é uma virtude? Uma virtude nada mais é do que uma disposição bem enraizada nas faculdades da nossa alma que nos inclina a agir em conformidade com a reta razão iluminada pela fé. A virtude da abstinência é, então, a virtude que nos inclina a usar moderadamente dos alimentos corporais em conformidade com os preceitos da reta razão iluminada pela fé. Estamos falando da virtude de abstinência, a não ser confundida com a abstinência de carne, que prescreve a Igreja em todas as sextas-feiras do ano e na quarta-feira de cinzas. A virtude da abstinência nos inclina, então, a usar moderadamente dos alimentos, de

acordo com a reta razão iluminada pela fé. O jejum nada mais é do que um ato da virtude da abstinência. O jejum é uma forma de praticar a virtude da abstinência.

É muito comum se pensar que o jejum é uma prática de devoção suplementar, que, na verdade, o jejum está longe de ser necessário, etc. Na verdade, o jejum é uma prática necessária para quem quer alcançar a perfeição. NS nos dá o exemplo no Evangelho de hoje (Mt 4,2), Ele diz que certos demônios só podem ser expulsos com jejum e oração (Mt 17, 21). Ele anunciou que seus discípulos praticariam o jejum (Mt 9, 15), como efetivamente se fez desde os tempos apostólicos. Os Santos Padres escreveram, por vezes, livros inteiros recomendando o jejum. Santo Agostinho diz que o jejum “purifica a alma, eleva o espírito, sujeita a carne ao espírito, dá ao coração contrição e humildade, dissipa as trevas da concupiscência, extingue os ardores do prazer e acende a luz da castidade.”

O Prefácio do Tempo da Quaresma diz algo semelhante, de maneira resumida. Diz O Prefácio que o jejum corporal reprime os vícios, eleva a mente, se concede a virtude e o prêmio da virtude. São Tomás acrescenta que o jejum satisfaz pelos pecados. Assim, prezados católicos, temos no jejum algo que diz respeito ao passado, pois satisfaz por nossos pecados passados, e algo que diz respeito ao presente, pois ele reprime os vícios, favorece a virtude e eleva a nossa mente.

Pelo jejum, prezados católicos, comemos menos do que nos seria necessário. Nossa razão compreende facilmente que se faça um jejum de vez em quando em virtude de uma doença corporal ou para evitar uma doença. Muito mais facilmente se compreende, então, que se faça jejum para evitar males espirituais e para alcançar bens espirituais.

Vejam como o jejum reprime os vícios, favorece a virtude, eleva a mente e satisfaz pelo pecado. Primeiramente, o jejum satisfaz pelo pecado porque ele é uma obra de penitência, ele é uma pena que nos infligimos, tendo assim um caráter de reparação pela satisfação ilícita alcançada em qualquer pecado. Em segundo lugar, o jejum reprime os vícios. O que é um vício? O vício nada mais é do que agir em desacordo com a reta razão. Um dos principais fatores que nos leva a agir de modo contrário à reta razão são as paixões desordenadas, que buscam um bem sensível independentemente da verdadeira bondade desse bem ou não. O jejum assegura justamente que essas paixões não serão satisfeitas e que elas se submeterão à razão e à vontade iluminadas pela fé. Portanto, o jejum reprime os vícios ao tirar o império das paixões sobre a razão e a vontade. Não se trata de suprimir as paixões, mas de não consentir nas paixões desordenadas e de orientar as paixões, isto é, nossas emoções e sentimentos em conformidade com a razão iluminada pela fé. O jejum ajuda muitíssimo a restabelecer a devida ordem na nossa alma. Em terceiro lugar, ao restabelecer a devida ordem em nossa alma, reprimindo o vício, o jejum favorece necessariamente a virtude, que nada mais é do que a disposição para agir em conformidade com a reta razão iluminada pela fé. Com o jejum bem praticado, nossas paixões se submeterão à nossa razão, e a nossa razão se submeterá a Deus. Em quarto lugar, o jejum eleva a mente. Isso é claro. Menos apegado às coisas sensíveis, não sofrendo mais a tirania das paixões, nossa inteligência poderá se elevar às coisas celestes, poderá considerá-las com tranquilidade e, conseqüentemente, amá-las mais profundamente. Isso ocorre, prezados católicos, porque nossa alma é una. Dessa forma, quando ela se aplica com veemência a uma coisa não pode se aplicar a outra coisa com profundidade. O jejum diminui a aplicação da nossa alma das coisas materiais, permitindo que nos elevemos às espirituais. Assim, ao nos fazer reparar pelo pecado, ao reprimir os vícios, ao favorecer as virtudes, ao elevar a nossa mente para as coisas do alto, o jejum nos ajudará muitíssimo a alcançar o prêmio da vida eterna. O jejum, como podemos constatar, caros católicos, é de suma importância. Mesmo se não

houvesse religião, nossa razão compreenderia a importância do jejum para poder viver de modo ordenado. O jejum é um preceito da lei natural tão importante que Deus quis também nos instruir a respeito dele e mostrar a importância dele na sua Revelação, como, por exemplo, nos quarenta dias em que Cristo jejuou.

Portanto, o jejum é necessário. Atualmente, a disciplina da Igreja ordena somente dois dias de jejum: na quarta-feira de cinzas e na sexta-feira santa, para os fiéis entre 18 e 60 anos. Esses dois dias no ano são insuficientes, para que desenvolvamos a virtude da moderação nos alimentos. Há 60 anos, o jejum se fazia durante a quaresma em vários dias da semana, em 3 ou 4 dias, por exemplo. Além disso, havia as Vigílias das grandes festas, que também eram dia de jejum. E, finalmente, havia quatro vezes ao ano, correspondendo aproximadamente às estações do ano, as chamadas quatro têmperas, que eram três dias de jejum. Eram, então, mais doze dias de jejum no ano. E os dias eram bem escolhidos. A Quaresma como preparaço para a Páscoa. As vigílias em preparaço para a festa de grandes mistérios e as quatro têmperas eram o período em que se faziam as ordenaçoes. O jejum permitia, então, a reparaço pelos pecados, a repressão do vício, a elevaço da mente, para considerar a grandeza da páscoa, dos outros mistérios e para que fossem ordenados dignos pastores. Com a antiga disciplina, seguindo simplesmente o que mandava a Igreja, era possível adquirir a virtude que nos modera nos alimentos. Atualmente, embora a lei da Igreja seja em si boa, pois comanda o jejum, não é suficiente para desenvolver em nós a virtude. Precisamos, portanto, caros católicos, ir além daquilo que pede a disciplina atual da Igreja.

Todavia, para praticar bem o jejum é preciso praticá-lo com prudência. Não é bom o jejum que prejudica a saúde. Não é bom o jejum que nos impede de cumprir os nossos deveres de estado. Assim, não precisam jejuar a mulher grávida, ou alguém que tenha um problema de saúde que pode ser agravado pelo jejum, ou o que tem um trabalho árduo. Não é bom o jejum que se transforma em um fim em si mesmo. Não, o fim do jejum é a união com Deus, a virtude, a perfeiço, a caridade. Não é bom o jejum feito por orgulho. O jejum deve ser humilde e feito com muita simplicidade e por amor a Deus. Não é bom o jejum que nos deixa irritados e que nos faz descontar essa irritaço nos outros. O bom jejum deve aumentar a nossa caridade fraterna. Enfim, o jejum deve ser prudente e ordenado realmente a Deus.

Lembramos que o jejum é comer uma refeiço normal no dia e fazer duas colaçoes que, juntas, não chegam a uma refeiço normal. Diante da importância do jejum, caros católicos, procuremos praticá-lo ao menos uma ou duas vezes por semana durante a quaresma e escolhamos alguns dias para praticá-lo durante o ano.

O jejum bem praticado reprime os vícios, eleva a mente, dá a virtude, satisfaz pelo pecado e nos faz merecer o prêmio da vida eterna porque nos conduzirá a praticar o amor a Deus e o amor ao próximo por amor a Deus. Eis, então, prezados católicos, a importância desse ato de virtude que é o jejum, tão recomendado pela Sagrada Escritura, tão recomendado por Nosso Senhor, tão recomendado pelos apóstolos, pela Igreja e pelos Santos.

O COMBATE PELA VIRTUDE DA CASTIDADE

(25^o domingo depois de Pentecostes)

“Tudo o que fizerdes, em palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus Cristo, dando por Ele graças a Deus Pai.”

Na parábola de hoje, NS diz que, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo e semeou cizânia no meio do trigo e foi-se. Entre a cizânia semeada, podemos destacar o pecado da impureza, que tão grande mal faz às almas e à sociedade e que abunda na sociedade, em todos os meios. Diz o Santo Cura d’Ars que nenhum pecado destrói tão rapidamente a alma quanto esse pecado vergonhoso que nos tira da mão de Deus e nos joga na lama. São Tomás de Aquino diz algo semelhante: pela luxúria ou impureza somos afastados ao máximo de Deus. Os santos não estão dizendo aqui que o pecado da impureza é, em si mesmo, o pecado mais grave. O pecado de ódio a Deus ou um pecado contra a fé são em si mais graves, por exemplo. Todavia, os santos dizem que a impureza afasta mais de Deus que outros pecados em virtude da dificuldade em emendar-se quando se contrai o mau hábito de cair nesses pecados vergonhosos. Levado pela ferida do pecado original, o ser humano se deixa escravizar facilmente por esse pecado. E daí vêm consequências gravíssimas. Sobre as consequências drásticas desse pecado para uma alma e para a sociedade, sobre as filhas da luxúria ou impureza, falamos em um importante sermão nos dias do carnaval. Não custa enumerar essas consequências novamente. O vício da impureza gera: cegueira de espírito, precipitação, inconsideração, inconstância, amor desordenado de si mesmo, ódio a Deus, apego à vida presente, desespero com relação à salvação. A luxúria, por tudo isso, leva também a pessoa a perder a fé, a desprezar as verdades reveladas e a se obstinar no pecado, esquecida do juízo e do inferno. Para fazer uma alma perder a fé, é muitas vezes mais eficaz fazê-la se afundar na luxúria do que combater a fé diretamente. As músicas sensuais pelas letras e ritmos, filmes, roupas indecentes, etc., contribuem muitíssimo para a perda da fé sem atacá-la diretamente. Os que combatem a Igreja sabem muito bem disso. Podemos citar ainda, entre as filhas da luxúria, o aborto, que é assassinato, e a eutanásia, que é suicídio ou assassinato. A luxúria leva ao aborto porque as pessoas querem satisfazer suas paixões desordenadas sem responsabilidade. Leva à eutanásia porque se a pessoa já não pode aproveitar a vida, melhor que morra. Quantos males gravíssimos e quantas calamidades espirituais são causados pela busca de um prazer desordenado instantâneo, passageiro. Se de nada vale ao homem ganhar o mundo inteiro, se ele vier a perder a sua alma, o quanto vale ao homem cometer tão vergonhoso e torpe pecado, que lhe faz perder o céu e merecer o inferno? Diz Santo Afonso que, entre os adultos, poucos se salvam por causa desse pecado. Ele dizia isso no século XVIII. Podemos imaginar a situação em nossos dias... Por tão pouca e vergonhosa coisa.

Tendo, então, uma breve ideia das consequências desse pecado, procuremos os meios para adquirir ou avançar na virtude oposta a esse vício, quer dizer, na virtude da castidade. A virtude da castidade é a virtude derivada da virtude de temperança que nos faz ordenar o apetite venéreo conforme a razão iluminada pela fé, que reconhece que isso se reserva aos cônjuges no bom uso do matrimônio, isto é, sem que a procriação seja impedida, podendo, nesse caso, ser verdadeiramente um ato meritório diante Deus. Nossa razão reconhece que esse ato é ordenado à procriação e subsequente educação dos filhos, que se deve fazer dentro de um matrimônio indissolúvel.

Para que possa haver castidade, é preciso que haja primeiro, nos diz São Tomás, a vergonha e a honestidade. A vergonha é o sentimento louvável de temer a desonra e a confusão que são consequência de um pecado torpe. A honestidade é o amor à beleza que provém da prática da virtude. Devemos ter essa vergonha e essa honestidade. Outra raiz da pureza é a modéstia no nosso exterior, no falar, nos modos, no vestir, etc. Sem a modéstia, a pureza será impossível para nós e seremos também causa da queda dos outros.

Colocadas essas bases, para alcançar a castidade, é preciso também rezar muitíssimo, pedindo essa graça. Rezar, sobretudo, para Nossa Senhora, Mãe Castíssima, que sabe ensinar a seus filhos a castidade. A devoção das três Ave-Marias quando se acorda e antes de dormir, pedindo a graça da pureza é muito eficaz para se adquirir a pureza ou para perseverar nela. Também a devoção a São José é muito eficaz no combate pela pureza, pela castidade, sobretudo para os homens. São José ensina aos homens a verdadeira virilidade, que consiste em ter o domínio sobre suas paixões. O homem que se deixa levar pelas paixões, pela impureza é considerado em nossa sociedade decadente como viril. Ora, esse homem é, ao contrário, efeminado, pois efeminado, tecnicamente, é aquele que se deixa levar pelas paixões, pelas más inclinações, que não tem força para combatê-las e vencê-las, em virtude da tristeza e das dificuldades que existem na prática da virtude. Portanto, a devoção a São José vai nos ensinar a verdadeira virilidade, que consiste na castidade. Como diz o Salmo (30, 25): Agi com virilidade e fortaleci o vosso coração, vós que esperais no Senhor. Viriliter agite et confortetur cor vestrum qui speratis in Domino. Invocar o nome de Jesus, Maria e José é de uma eficácia particular para se obter a pureza.

Para sermos castos, é preciso também mortificar os sentidos, sobretudo os olhos. Jó fez um pacto com seus olhos para não olhar para as moças e, assim, se manteve casto. Evitar a vã curiosidade, não parar os olhos em algo que possa suscitar maus pensamentos ou imaginações. E, justamente, é preciso mortificar nossa imaginação, controlando-a, ordenando-a.

É preciso evitar também as ocasiões de pecado, isto é, os ambientes, as pessoas, as coisas, as circunstâncias que podem levar a pecados contra a pureza. Muito cuidado é necessário no namoro ou no noivado. Namorados e noivos devem estar sempre em locais públicos que lhes impeçam de cometer pecados contra a pureza. Devem evitar andar de carro sozinhos, por exemplo. Namoro e noivado devem durar entre um e dois anos, tempo suficiente para conhecer a alma do outro, e que impede o surgimento de familiaridades indevidas. Bastaria um beijo apaixonado para haver um pecado grave entre namorados e noivos (conforme decreto do Santo Ofício de 1666, sob o Papa Alexandre VII). Os pecados contra a pureza aqui prejudicam também o correto juízo que se deve fazer da alma do outro, de suas qualidades e defeitos, a fim de saber se é possível ou não viver uma vida inteira com a pessoa... Levada pelos sentimentos e paixões, o julgamento será falseado.

Outra ocasião de pecado muito séria hoje é o computador, a internet. Deve-se usar a internet com um objetivo preciso, definido, fazendo uma oração antes ou depois. Quem navega à toa na internet dificilmente se preserva de pecado nessa matéria. Redes sociais também são grande fonte de perigo. Se uma pessoa já caiu várias vezes por meio de internet, reze antes de usá-la, coloque uma imagem de Nosso Senhor ou Nossa Senhora perto, para lembrar a presença de Deus, utilize o computador em local público, a que outras pessoas têm acesso. Se nada disso adianta, a solução é simples: renunciar à internet, ao menos temporariamente: mais vale entrar no céu sem internet do que com a internet ser condenado eternamente. O mesmo vale para TV, filmes e coisas do gênero. É preciso lembrar-se sempre de que o mais oculto dos pecados são conhecidos por Deus e serão conhecidos por todos no dia do juízo. É preciso fugir das ocasiões de pecado. Como diz São Felipe Neri, na guerra contra esse vício, os vitoriosos são os covardes, quer dizer, aqueles que fogem das ocasiões de pecado.

Além da oração, da mortificação dos sentidos e da fuga das ocasiões, é preciso evitar a ociosidade. A ociosidade é mãe de inúmeros pecados, a começar pela impureza. O Rei Davi pecou cometendo adultério e homicídio porque em um momento de ociosidade olhou para a mulher do próximo.

É preciso também mortificar-se, fazendo penitências, jejuns, abstinência de carne. Devemos começar observando a penitência da sexta-feira imposta pela Igreja, procurando fazê-la do modo tradicional, quer dizer, nos abstendo de carne. As mortificações facilitam o domínio da razão e da vontade sobre as paixões. É preciso mortificar-se em coisas lícitas para aprender a vencer a si mesmo na hora da tentação. É preciso, de modo particular, ter muita sobriedade no beber álcool.

No combate pela castidade, é preciso se aproximar dos sacramentos com assiduidade. É preciso se confessar com frequência não só depois da queda, mas também para evitá-la. Aqueles que têm o vício da luxúria ou impureza devem procurar a confissão uma vez por semana, ou pelo menos uma vez a cada duas semanas. É preciso comungar com frequência, estando em estado de graça, para evitar quedas futuras. Com o método preventivo e não só curativo, se impede que o pecado lance raízes mais profundas.

É preciso também pensar no inferno, na condenação eterna que se merece por tão pouca coisa, por algo tão passageiro e instantâneo. Perde-se o céu, se merece o inferno, se crucifica NS novamente por pecado tão torpe. Usar dessa faculdade fora do matrimônio, nos assemelha aos animais brutos, irracionais. Como diz São Tomás, o impuro não vive segundo a razão. Portanto, é preciso pensar no inferno e na nossa morte, da qual não sabemos o dia nem a hora. Não devemos adiar nossa conversão. Pode ser que Deus não nos dê a graça da conversão depois. É preciso aproveitá-la agora.

Na hora da tentação propriamente dita, é preciso rezar, em particular invocando o nome de Jesus, Maria e José e pensar em outra coisa, distrair o pensamento com algo bom, lícito, ainda que sem importância, como enumerar as capitais dos estados, por exemplo. O importante é que ocupemos a imaginação e o pensamento com outra coisa. É preciso cortar a tentação imediatamente. Se cair, procurar levantar-se imediatamente, buscando a confissão com verdadeiro arrependimento e propósito de emenda. Existe uma tendência em desmoronar depois da primeira queda, cometendo outros pecados. Isso agrava muitíssimo as coisas, multiplicando os pecados, as penas, solidificando o mau hábito, dificultando tremendamente a conversão.

Quem tem o vício da impureza não deve desesperar, mas deve se apoiar em Deus, em Nossa Senhora, nos anjos e santos e aplicar os meios que mencionamos com muita determinação. Não basta um eu quisera, um eu gostaria. Não, tem que ser um eu quero firme, disposto a empregar os meios necessários para atingir o fim buscado, que é a pureza. Ao ser humano pode parecer impossível livrar-se de tal pecado uma vez que se contraiu o vício e, de fato, não é fácil. Mas com Deus é perfeitamente possível. Quem realmente quer se livrar desse vício e se apoia em Deus, consegue ter uma vida pura. Aqueles que não têm o vício devem continuar vigiando e orando, desconfiando de si, pois se acharem que estão imunes a tais pecados, cairão.

Combater pela pureza é necessário. Devemos fazê-lo com determinação e rezando muito. Diz Santo Agostinho que nessa espécie de pecado a batalha é onipresente, mas que a vitória é rara. Mas bem determinados, vigiando, rezando, empregando os meios que citamos, é plenamente possível. E que grande liberdade nos dá a castidade, que grande alegria viver segundo a razão e a fé.

Dirijo-me agora aos pais e aos que ajudam na educação das crianças. Os pais devem vigiar e favorecer a pureza dos filhos desde a mais tenra idade, para que adquiram a vergonha e a honestidade, para que sejam modestos no falar, nos modos, nas vestes... Cabe aos pais evitar que os filhos adquiram maus hábitos nesse campo, ainda que os filhos não entendam a malícia do que estão fazendo, pois depois não conseguirão se livrar do vício. Cuidado pais, cuidado com

as crianças. Vejamos o que diz Pio XII: “Por desgraça, diz o Papa, às vezes acontece que pais cristãos com tantos cuidados na educação de um filho ou de uma filha, que são mantidos sempre longe dos perigosos prazeres e das más companhias, de repente vêem os filhos, com a idade de 18 ou 20 anos, vítimas de miseráveis e escandalosas quedas: o bom grão que semearam foi arruinado pela cizânia. Quem foi o inimigo do homem que fez tanto mal? O que ocorreu, continua o Papa, foi que no próprio lar, nesse pequeno paraíso, se introduziu furtivamente o tentador, o inimigo astuto, e encontrou ali o fruto corruptor para oferecer a mãos inocentes. Um livro deixado por acaso na mesa do pai foi o que destruiu no filho a fé de seu batismo, um romance abandonado no sofá ou no quarto pela mãe foi o que ofuscou na filha a pureza de sua primeira comunhão.” Até aqui o Papa. A cizânia pode entrar ao se folhearem revistas de notícias ou jornais largados na casa. A cizânia pode entrar pela televisão por um trecho do jornal televisivo a que a criança assistiu por acaso. Vigiem, pais, vigiem pela alma dos filhos. Por favor, mantenham-nos longe da internet e de tablets e ipads, em que podem acessar verdadeiramente qualquer coisa. Eles já vêem tanta coisa ruim fora de casa. Que ao menos dentro dela eles possam encontrar a pureza e a virtude, a começar pelo exemplo dos pais.

De que vale ganhar o mundo inteiro se viermos a perder a nossa alma? De que vale uma satisfação instantânea, fugaz, e que nos faz perder o céu, merecer o inferno e que crucifica novamente NS? Confiando em Deus, desconfiando de nós mesmos, com uma determinação muito determinada, sejamos castos e puros conforme o nosso estado de vida.

O Católico e as diversões

(4º Domingo da Quaresma)

“Alegrei-me naquilo que me foi dito: iremos para a casa do Senhor.” “Laetatus sum in his, quae dicta sunt mihi: in domo Domini ibimus” (Introito)

Prezados católicos, estamos hoje no Domingo Laetare. No meio da Quaresma, a Igreja nos coloca um domingo claramente dedicado à alegria, para nos encorajar a perseverar, para termos um gosto da alegria que nos trarão nossos esforços nesse tempo. Essa alegria é manifesta na Liturgia. Os paramentos rosas são permitidos. As flores podem enfeitar o altar. O órgão pode voltar a soar. Sem falar, claro, nos textos da Santa Missa que exalam alegria no Senhor, a começar pelo Introito. E como dissemos em mais de uma oportunidade, o católico que vive habitualmente na graça de Deus pode e deve ser verdadeiramente alegre, pois ele possui o maior bem que existe e que ele pode desejar, que é o próprio Deus. Na verdade, o católico em graça de Deus é o único que tem direito de estar verdadeiramente alegre. Aquele que está em pecado mortal deveria mais se preocupar com o lastimável e perigosíssimo estado de sua alma, com o tênue fio da vida, que o separa da condenação eterna. Então, como nos diz São Paulo, dando uma ordem: alegrai-vos no Senhor (Filipenses IV, 4, e Missa Gaudete no Advento). Devemos, então, caros católicos, ser alegres.

Não deixa de ser curioso que a Igreja coloque as duas das Missas mais explicitamente alegres em tempos de penitência. Temos no Advento o Domingo Gaudete e na Quaresma o Domingo Laetare, que celebramos hoje. A intenção da Igreja é clara: nos trazer conforto e alegria para podermos continuar as nossas práticas quaresmais, práticas que têm como finalidade a virtude, a santidade, a união mais profunda com Deus. Portanto, um Domingo de grande alegria para nos repousar a alma a fim de que se restabeleçam nossas forças e continuemos ainda melhor aquilo

a que nos propusemos na quaresma. Além dessa delicadeza da Santa Igreja para conosco, esses dois domingos da alegria incrustados em tempos penitenciais nos trazem uma lição importantíssima, de modo particular para a época em que vivemos. Esses dois domingos nos indicam qual o sentido das diversões e das recreações para um cristão: servir melhor a Deus.

Sob o nome de diversão, entendemos todas as coisas que são causa de distração, de descanso, de alegria, de deleite e que têm por fim nos proporcionar um bem-estar que repara as nossas forças.

Vivemos em uma sociedade, caros católicos, em que a diversão, o entretenimento, as recreações são onipresentes. Muitas pessoas vivem para isso. A diversão, a recreação é a finalidade delas. Se trabalham, é para, depois, poderem se divertir. Dá-se mais importância à diversão que ao trabalho e muitas vezes a diversão é colocada até mesmo acima da família. Além disso, é inegável que as diversões em nossa sociedade são cada vez mais refinadas e cada vez mais imorais. Diante desse “culto” prestado à diversão e da imoralidade da maioria esmagadora das diversões de nossa sociedade, muitos poderiam pensar que é de todo ilícito ao católico divertir-se e recrear-se. Isso seria um erro e um erro grave. Convém, caros católicos, compreender o sentido católico do divertimento, que corresponde à virtude que se chama eutrapelia, virtude que nos inclina a regular nosso comportamento nos jogos e nas diversões em conformidade com a razão iluminada pela fé.

O primeiro ponto é que a diversão é plenamente conforme à nossa natureza humana. Em todos os tempos e em todos os lugares os homens sempre buscaram divertir-se, em maior ou menor grau. Tal universalidade no tempo e no espaço só pode ter como causa algo que é comum a todos os seres humanos. O que é comum a todos os seres humanos é a natureza humana. Portanto, a diversão corresponde à natureza humana. A diversão é conforme à nossa natureza humana e é mesmo necessária para nossa vida física, intelectual e social. A diversão é necessária (1) para a vida física porque nosso corpo precisa de repouso e não pode suportar um trabalho contínuo. A natureza reage imediatamente diante de uma disciplina realmente desumana, e passa bruscamente de um rigor exagerado a uma intemperança desenfreada. E isso vale sobretudo para crianças e jovens. Eles precisam de diversão, de recreações, pois fazem esforço maior para manter a atenção do espírito. Mas é claro que essas diversões devem ser lícitas e moderadas, como veremos. A diversão é necessária (2) para a vida intelectual: depois de um trabalho intelectual que absorve o espírito, a alma tem necessidade de recreação, até porque depois de um tempo, dominados pelo cansaço, já teremos muita dificuldade para raciocinar devidamente. Nossas vidas física e intelectual precisam de recreação, isto é, precisamos recriar nossas forças para continuarmos depois fazendo o que temos de fazer. Elas precisam de diversão, quer dizer, de um pequeno afastamento do que estamos fazendo, para depois voltarmos com mais força e melhor disposição. A diversão é como o óleo que permite que as engrenagens funcionem melhor. A diversão é também necessária (3) para a vida social, pois as diversões sabiamente organizadas favorecem o convívio das pessoas, favorecem a amizade. O bom governo dos povos necessita de divertimentos bons e lícitos. Está claro, então, que a diversão, em si não é um pecado, nem algo inútil. Ao contrário, a diversão é algo bom e útil, conforme a nossa natureza humana e necessária para que possamos viver uma vida virtuosa. Mesmo nas ordens religiosas mais austeras, como os cartuxos, as regras preveem momentos para que os monges possam se recrear e conversar santamente. São Tomás de Aquino relata a história de São João Evangelista que, ao perceber que alguns se escandalizavam ao vê-lo se recreando com seus discípulos, mandou que um deles que tinha um arco e flecha atirasse constantemente, sem parar. Ele respondeu ao Evangelista que se fizesse isso de maneira

contínua, o arco iria quebrar-se, não aguentando a tensão. São João conclui que também a alma se quebraria, se nunca se recreasse.

A recreação e a diversão são, então, necessárias para nós, para restabelecer as forças das nossas almas. Todavia, essas recreações e essas diversões devem ser boas. O princípio básico que devemos compreender é que as diversões, como todas as outras coisas em nossas vidas, devem necessariamente estar subordinadas a Deus. Fomos criados para conhecer, amar e servir a Deus. Tudo o que fazemos deve ter em vista isso, de forma mais direta ou menos direta. Assim, a diversão deve ser um repouso da alma que não contradiga os mandamentos e deve nos permitir revigorar as nossas forças para servir melhor a Deus. Se a diversão, por alguma razão, vai contra a virtude, ou faz diminuir o nosso fervor no serviço de Deus, não será uma boa diversão. Sigamos aqui São Tomás, com sua habitual clareza. Para que uma diversão seja boa é preciso, em primeiro lugar, se abster de todo ato ou palavra torpe ou que é de alguma forma nocivo para si ou para o próximo. Já dizia Cícero que existem diversões que são indecorosas, despudoradas, criminosos e obscenas. Não podemos nos divertir com aquilo que, de alguma forma, ofende a Deus. Poderíamos aceitar nos divertir com algo que crucifica novamente Nosso Senhor Jesus Cristo? Enquanto rimos, Nosso Senhor é ofendido. Uma diversão dessas é contrária à razão e à lei de Deus. A recreação serve para nos restabelecer as forças para retomarmos melhor o serviço a Deus. Se na recreação nos afastamos de Deus pelo pecado, é evidente que a recreação deixou de ser boa e lícita. Em vez de nos revigorar nossas forças, as tira pelo pecado. Em segundo lugar, a diversão não pode tirar completamente a gravidade da alma. É preciso tomar cuidado, ao dar o descanso para a alma pela recreação, para que não nos entreguemos inteiramente às diversões, para que não as coloquemos como a finalidade de nossas vidas, para que não relaxemos tanto o espírito que esqueçamos a seriedade de nossa vida aqui na terra. A diversão não é um fim, mas é um meio para podermos nos aplicar melhor a Deus, a nossos deveres de estado, à virtude. As diversões, mesmo lícitas, devem ser usadas com moderação. São Tomás diz que bastam poucas diversões para repousar a nossa alma, como para temperar a comida basta um pouco de sal. A diversão, mesmo lícita, em excesso vai pouco a pouco enfraquecendo a nossa alma, que tenderá a ver na diversão um bem absoluto e não mais um meio para restabelecer as nossas forças para voltarmos a nos aplicar ao que é sério, isto é, à salvação da nossa alma, em última instância. O excesso de diversão nos torna a prática da virtude cada vez mais difícil, pois a prática da virtude exige desapego das inclinações próprias, o que não é favorecido pelo excesso de diversão. Não se pode, tampouco, levado pela diversão, perder o domínio sobre si mesmo. Em terceiro lugar, para que uma diversão seja boa é preciso que ela corresponda às circunstâncias de cada um: à pessoa e seu estado, ao tempo, lugar, etc...

A diversão, se são evitados esses três erros, é boa e lícita. Ela é virtuosa. E seria também um erro a austeridade excessiva, pela qual a pessoa se privaria de todo divertimento, jamais diria uma palavra que provoque salutarmente um riso ou não consentiria em divertimentos lícitos e moderados. Estes, excessivamente austeros, podem ser chamados de ásperos e rudes, como diz São Tomás citando Aristóteles. Todavia, é menos vicioso divertir-se aquém do necessário do que divertir-se além do necessário.

Como dissemos no início, caros católicos, vivemos em uma sociedade em que as diversões são onipresentes. As diversões se tornaram o fim das pessoas. Elas vivem em função das diversões. Como diz o livro da Sabedoria (XV, 12), aquele que ama o mal julga que a vida é um divertimento. Além disso, não é fácil achar diversão que hoje não envolva palavras ou atos torpes e nocivos, ou levem a nos fazer perder inteiramente a seriedade da alma. Como não colocar em risco nossa

alma com os filmes, os espetáculos, as músicas, os livros, as praias da atualidade, para dar alguns exemplos? Talvez em outra oportunidade tratemos particularmente de cada uma dessas diversões. Todavia, tanto ou mais grave do que as imoralidades é essa concepção pagã da vida que coloca a diversão como a finalidade última das pessoas. É como se dissessem e realmente dizem: comamos, bebamos e nos divertamos porque em seguida morreremos. Essa mentalidade destrói o fundamento da vida cristã, e nos faz esquecer nossa finalidade aqui na terra e a seriedade de nossa vida aqui na terra: conhecer, amar e servir a Deus para poder chegar ao céu.

Que critério claro podemos usar para distinguir uma boa diversão de uma má diversão? Usemos um critério singelo, que são as palavras de São Paulo: “Alegrai-vos sempre no Senhor; de novo vos digo: alegrai-vos sempre no Senhor.” Podemos e devemos nos alegrar, mas no Senhor, isto é, dignamente, decentemente, cristãmente, em conformidade com a dignidade de filhos de Deus pelo batismo. Diante de qualquer espetáculo, de qualquer filme, de qualquer música ou entretenimento, de qualquer esporte, de qualquer leitura, diante de qualquer ambiente que frequentamos, diante de qualquer amizade, etc., devemos nos perguntar com toda sinceridade: isto é digno de um cristão? É compatível com minha dignidade de filho de Deus, é compatível com alguém que deseja o céu? Nosso Senhor e Nossa Senhora, no céu, estão agradados com essa diversão, ou ao contrário, ela lhes causa desgosto e desagrado?

O católico pode e deve se divertir, mas é preciso fazê-lo bem, de forma que a virtude, a santidade e o amor a Deus são favorecidos e não prejudicados. As nossas diversões têm a mesma finalidade da Missa que hoje celebramos: reparar as nossas forças para continuarmos melhor e com mais vigor no serviço de Deus. Nossas diversões devem nos fazer entrar na casa do Senhor, no céu. Aproveitemos o resto da quaresma que ainda temos pela frente para nos corrigirmos nesse importante aspecto de nossa vida espiritual.

Os santos são pessoas alegres. Já citamos São João Evangelista, poderíamos citar São Francisco de Sales, São Francisco de Assis, São Felipe Néri, São Lourenço e todos os outros. Mas muito mais do que as diversões, o que causa essa alegria é a fidelidade a Nosso Senhor Jesus Cristo.

É preciso rezar, e rezar bem.

(Quinto domingo da Páscoa)

Tendo sido fortalecido na fé quanto à divindade de Cristo e de sua intercessão por nós no céu, podemos dirigir, com toda confiança, nossas orações a Deus. E tudo o que pedirmos em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, explicitamente ou implicitamente, obteremos, nos diz Ele no Evangelho de hoje. Todavia, nosso Salvador diz em outra ocasião que no dia do juízo haverá muitos que invocaram seu nome, mas que não se salvaram. E quantas vezes, de fato, nossas orações não são atendidas, apesar de invocarmos a mediação de Cristo. Isso se explica facilmente, caros católicos. Não basta rezar, invocando o nome de Nosso Senhor. É preciso rezar bem. O apóstolo São Thiago nos diz claramente: “*Vós pedis e não recebeis porque pedis mal*” (Thiago IV, 3).

Para rezar bem, é preciso primeiramente, **que nossa alma esteja em boas disposições**. Em seguida, é preciso **pedir coisas boas**, quer dizer, coisas que nos dirigem para Deus. Finalmente,

é preciso **pedir de um modo digno da majestade divina à qual nos dirigimos**. Se seguimos esses três pontos, nossa oração será atendida.

É preciso, então, que estejamos bem dispostos. Isso significa que, quando rezamos, devemos estar em estado de graça, em amizade com Deus ou pelo menos não devemos estar endurecidos no mal, se por infelicidade nos afastamos de Deus pelo pecado. Deus não costuma ouvir o homem que, endurecido no mal e sem se preocupar com o estado de sua alma, recorre a Ele somente para pedir coisas temporais. E se às vezes Deus o ouve, pode se tratar mais de uma punição do que de um favor propriamente dito. Evidentemente, se o pecador começa a querer detestar seu pecado e começa a voltar-se para Deus, Ele, infinitamente bom e misericordioso, olhará com compaixão e amor para o pecador e lhe dará graças de conversão, penitência e perdão. Para rezar bem devemos estar bem dispostos.

Em seguida, devemos pedir algo que é bom. Acabamos de ouvir Nosso Senhor dizer no Evangelho: tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome, Ele vos dará. Ora, Deus, sendo a bondade perfeita, nos dá tudo aquilo que pedimos, desde que isso seja uma coisa boa. Se Ele nos desse algo ruim, Ele estaria em contradição com sua bondade infinita. E uma coisa é boa nessa terra se ela nos ajuda, de um modo ou de outro, a ganhar o céu. Assim, quando pedimos a nossa salvação ou coisas necessárias para a nossa salvação – como as virtudes, por exemplo, ou quando pedimos para vencer um vício – nós podemos estar seguros de que seremos atendidos, se estamos bem dispostos e se observamos as outras condições das quais falaremos em breve. Podemos também e devemos pedir coisas temporais (como a saúde, por exemplo, e bens materiais). Mas como essas coisas podem tanto nos aproximar quanto nos afastar de Deus, com muita frequência Ele não nos concede esses bens temporais, pois eles nos afastariam de sua divina majestade. Vale muito mais ser doente e suportar em união com Deus e com paciência uma doença do que estar com saúde, mas utilizar essa saúde para fazer o mal. Assim, quando pedimos coisas temporais a Deus, devemos nos submeter inteiramente à sua divina sabedoria, que poderá nos conceder ou negar tais bens em virtude da utilidade ou não deles para a nossa salvação. E Ele sabe muito melhor do que nós o que é útil para nossa salvação. Dessa forma, nossa oração deve ter por objeto todo bem espiritual que nos dirige para a nossa salvação. Nossa oração pode ter por objeto também as coisas temporais, sabendo que Deus pode atender a essa oração ou não, na medida em que esses bens temporais são bons ou não para a nossa alma. Para rezar bem, é preciso, então, uma boa disposição e é preciso pedir coisas boas. Santo Agostinho diz que aquele que pede coisas contrárias à salvação, não as pede em nome de Cristo, por mais que o nome de Nosso Senhor seja invocado.

Além de ter uma boa disposição e de pedir o que é bom, devemos pedir de uma maneira que seja digna da majestade divina à qual nos dirigimos. Isso quer dizer que devemos rezar com uma verdadeira piedade. Essa piedade não se confunde com um ardor mais ou menos sentimental. Ao contrário, essa piedade se realiza com a atenção, com a humildade, com a confiança e com a perseverança.

Devemos, então, rezar com atenção: a distração voluntária – enfatizo bem: voluntária – acompanha muito mal o pedido de algo que não nos é devido. Como desejar que Deus ouça os nossos pedidos, se nós mesmos não escutamos aquilo que estamos dizendo? Se rezamos sem atenção, com sonolência, pensando em mil coisas alheias à oração, já não se trata de oração, pois nossa inteligência e vontade se aplicam a outra coisa. Honramos Deus com os lábios, mas não com o nosso coração, com nosso espírito. Assim, devemos evitar as distrações voluntárias e combater as distrações involuntárias. E, se por fraqueza, não conseguirmos vencer as distrações

involuntárias, nossa oração será, mesmo assim, plenamente agradável a Deus, pois fizemos o possível, com generosidade, para afastá-las, combatendo-as. Para evitar as distrações, é preciso escolher, na medida do possível, as circunstâncias que favoreçam a oração. Circunstâncias de lugar, horário... Ao rezarmos, devemos evitar também toda precipitação, rezar muito rápido, comendo as palavras... Uma Ave-Maria bem dita honra mais a Nossa Senhora e dá mais frutos do que 100 rezadas de qualquer jeito. Rezar com atenção demanda esforço e paciência. Não devemos desistir sob pretexto de que não conseguimos; devemos progredir, ainda que lentamente.

Não basta rezar com atenção, devemos rezar com humildade. A Sagrada Escritura nos ensina que Deus resiste aos soberbos, mas que Ele dá a sua graça aos humildes. Devemos, então, quando rezamos, nos apresentar diante de Deus como o publicano, reconhecendo nossa incapacidade, nossas misérias, nossas fraquezas, nossa indignidade. Essa humildade é, antes de tudo, interior e ela faz que nos apoiemos unicamente na misericórdia infinita de Deus e nos méritos infinitos de Cristo. Essa humildade interior termina por se manifestar também exteriormente: o publicano não ousava nem levantar seus olhos. Se nos apresentamos diante de Deus com presunção e arrogância, com grande estima de nós mesmos e para mostrar nossas virtudes, nossas orações serão infalivelmente estéreis. Elas serão também estéreis se, mais do que orações, elas são exigências, como se Deus fosse obrigado a nos dar aquilo que pedimos. Deus resiste aos soberbos. Mas a oração daquele que se humilha penetra nos céus.

A piedade na oração implica também uma grande confiança. Nossa oração deve ser confiante porque ela se dirige a Deus, que é todo-poderoso e que quer o melhor para nós. Nossa oração se dirige à infinita bondade de Deus, que nos governa, que cuida de nós e que quer o melhor para nós. Se Deus nos ajuda – e felizmente – mesmo quando não pedimos, como foi o caso nas Bodas de Caná, podemos ter certeza que Ele nos ouvirá se rezamos bem. Essa confiança na oração é um preceito dado por São Thiago : “se alguém quer pedir algo a Deus, peça com confiança.” Não deixemos de ter essa confiança, caros católicos, em nossas orações.

A última qualidade da oração piedosa é a perseverança. Não basta pedir um instante, uma vez ou algumas vezes para sermos ouvidos, como se pudéssemos determinar o momento em que Deus deve nos conceder seus favores. Deus nos pede a perseverança na oração porque com muita frequência Ele não nos atende imediatamente, a fim de provar e purificar a nossa fé e confiança, a fim de nos fazer rezar mais, a fim de nos fazer apreciar melhor suas graças ou por outra razão digna de sua sabedoria. Vejamos, por exemplo, a perseverança do paralítico na piscina probática: ele esperou 38 anos, ele perseverou durante 38 anos. E por que Deus fez esse paralítico esperar 38 anos ? Para que ele fosse curado pelo Messias e para que, por meio dessa cura, os outros pudessem reconhecer o Verbo de Deus encarnado. Após 38 anos de espera, a cura foi muito mais perfeita não somente para o paralítico mas também para os outros. A espera de 38 anos foi recompensada pela cura da alma dos que presenciaram a cura. E quantos exemplos de perseverança no Evangelho: a cananéia, que insiste para que Nosso Senhor dê as migalhas destinadas aos cachorros, o amigo importuno que pede o pão e tantos outros.

Devemos, ainda, acrescentar um desejo ardente de sermos atendidos, pois é a nossa salvação que está em jogo. Devemos rezar com diligência e querendo ser atendidos e não com indiferença ou tibieza. O Anjo disse ao Profeta Daniel: você foi atendido porque você é um homem de desejos

Eis, então, caros católicos, como devemos rezar. **Mas falta algo que aumenta muito a eficácia de nossas orações: confiá-la nas mãos de Maria Santíssima para que ela apresente nossas súplicas ao seu Filho.**

Assim, se não estamos endurecidos no pecado, se pedimos coisas úteis para nossa salvação, e as pedimos com atenção, humildade, confiança, perseverança e fervor, seremos sempre e infalivelmente atendidos por Deus, se pedimos algo para nós mesmos. Rezemos, então, e rezemos muito e rezemos bem porque a oração bem feita é o alimento da nossa alma. Ela é a arma de defesa e de ataque contra o demônio, as tentações, o pecado. A oração bem feita é a chave dos tesouros celestes. Ela é o grande meio para nossa santificação e salvação. E se temos dificuldades para fazer uma boa oração, e certamente o temos, façamos como os Apóstolos e peça-mos a Nosso Senhor que nos ensine a rezar, porque aquele que reza bem se salva, enquanto aquele que não reza se condena.

A Ociosidade e a Preguiça Espiritual

(Domingo da Septuagésima)

O Santo Evangelho de hoje nos apresenta uma pequena dificuldade, que levou os protestantes à uma falsa noção de predestinação, quer dizer, a afirmar que a salvação ou a condenação independem dos méritos, das obras. Dizem eles que se Deus pagou o mesmo salário ao que trabalhou o dia todo e ao que trabalhou só uma hora, é porque Deus não considera nossas obras, não considera a cooperação com a graça, bastando a fé, ou nem isso. Evidentemente, essa interpretação derivada do livre exame, desapegada da Tradição e do Magistério, se opõe à fé e à razão, pois Deus é justo e sendo justo ele dá a cada um o que lhe é devido: ao pecador obstinado, o castigo, ao que coopera com a sua graça, a vida eterna. Na parábola, o Pai de Família, que é Deus, dá a todos um denário. Parece, à primeira vista, de fato, uma injustiça. Ora, é preciso compreender o que é a vinha, os trabalhadores e o denário, se quisermos interpretar da melhor maneira a parábola.

A vinha é, ao mesmo tempo, a Igreja e a nossa alma.

Os trabalhadores somos nós, claro. Somos chamados por Deus a trabalhar na Santa Igreja e a trabalhar nela para o bem da nossa alma e para o bem da alma do nosso próximo. Ele nos chama constantemente, ao longo de toda a nossa vida. Ao romper da manhã, à terceira hora, à sexta, à nona, à undécima. Desde nossa infância até o final de nossa vida, Deus nos chama, para deixarmos a ociosidade da praça pública, que é o mundo sob todas as suas formas: todo tipo de pecado, o neo-paganismo, o relativismo, o indiferentismo religioso, o erro, as diversões do mundo, a mentalidade mundana, etc. Se não respondemos ao chamado de Deus no momento em que nos chama, e permanecemos ociosos, não podemos estar certos de que seremos chamados mais tarde, pois não sabemos se estamos já perto da morte, quer dizer, da décima primeira hora de nossas vidas. É preciso responder ao chamado imediatamente, sem tardar.

O denário é a recompensa que recebemos. O denário era a moeda romana, em que vinha impressa a figura do imperador, do soberano. E é esse o nosso prêmio: ver a face de Deus diretamente. Deus dá a todos os que trabalham verdadeiramente na Igreja – observando os mandamentos e guardando a fé – o mesmo prêmio, independentemente da hora da conversão, pois todos estão em estado de graça. Os primeiros não podem reclamar da salvação dos últimos. Ao contrário, devem alegrar-se. Deus dá a todos o denário, a visão beatífica, o céu. Todavia, não há nisso nenhuma injustiça, pois os que recebem um denário aproveitam desse dinheiro de forma

diferente: uns o aplicam melhor do que os outros. Da mesma forma, no céu, todos verão Deus face a face, mas com perfeição diferente. Assim, quanto maior a santidade nessa vida, quer dizer, quanto maior a caridade – independentemente da hora da conversão – mais perfeita será a visão beatífica no céu. Portanto, Deus recompensa com justiça, dando a cada um o que lhe é devido.

Se quisermos receber o denário com a efígie da Santíssima Trindade, temos que trabalhar na vinha do Senhor, temos que trabalhar na Santa Igreja para o bem da nossa alma e para a glória de Deus. Para tanto é preciso empregar os meios adequados. Um meio indispensável é evitar a ociosidade. Não devemos deixar que nosso espírito se ocupe com coisas inúteis e vãs, como podem ser, por exemplo, permanecer na internet sem ter um objetivo específico, leituras fúteis, conversas vãs. Quando percebermos que nosso espírito começa a ocupar-se com coisas vãs, é preciso trazê-lo de volta ao que é útil para nossa salvação. É preciso também muita moderação nas diversões, ainda que lícitas. As diversões devem ter por finalidade unicamente restabelecer as forças de nossa alma, para que ela continue a se aplicar, em seguida, ao que realmente importa. Também é ociosidade cumprir com negligência os próprios deveres. Evitar a ociosidade e combater-la com vigor é um ponto essencial na vida espiritual. Não pode haver verdadeiro progresso no caminho da perfeição, se permanecemos ociosos. Uma vida ociosa, sem aplicação aos deveres de estado, sem trabalho sério segundo o estado de cada um ou com excessivas diversões é uma desordem séria diante de Deus e expõe nossas almas a um grande número de perigos, conduzindo-nos a ofender a Deus. Diz a Sagrada Escritura que “*a ociosidade ensina muitas maldades*” (Ecl. 33, 29). E ela dá como exemplo Sodoma: “*Olhai qual foi a iniquidade de Sodoma, vossa irmã. Teve grande soberba, fartura de pão e muita ociosidade.*” (Ez. 16, 49) Se nossa sociedade se assemelha cada vez mais a Sodoma, é em grande parte por causa da ociosidade, que favorece a concupiscência. A queda de Davi também foi devida ao ócio. Enquanto ele combatia no exército, permaneceu em estado de graça. Quando ficou no palácio, porém, sem aplicar sua alma a coisas boas, lícitas e santas, ele caiu em adultério, pois olhou para a mulher do próximo. Também a perda de sabedoria de Salomão pode ser atribuída ao ócio que o conduziu à luxúria, que o levou, finalmente, a permitir o culto de ídolos em Israel. O não fazer nada é, portanto, um mal. A ociosidade conduz à preguiça espiritual que é o tédio e o desgosto pelas coisas espirituais em virtude das dificuldades anexas e leva conseqüentemente ao império das paixões desordenadas, à luxúria, principalmente.

Ficar desocupado, permanecer ocioso, é perder duas coisas que têm um valor infinito: o tempo e a graça. Como ganhar o céu sem o tempo e sem a graça? Ficar ocioso é expor-se à morte espiritual. Dizia São Francisco de Sales: “Quando penso como empreguei o tempo de Deus, temo muito que Ele não queira me dar a eternidade, pois Ele quer dá-la unicamente aos que usaram bem o seu tempo.” É um Santo e Doutor da Igreja que diz isso. Podemos também pensar quanto custou para Cristo o tempo do homem ocioso. Enquanto estamos ociosos, Cristo padecia na Cruz e sofria, a fim alcançar tempo para a nossa conversão. E se teremos que prestar contas de uma palavra vã, ociosa, como nos diz Nosso Senhor, quanto mais teremos que prestar contas de tantas horas perdidas durante toda a nossa vida com a preguiça, com ocupações sem importância e até mesmo perigosas.

Para combater a ociosidade, é preciso ver o exemplo do Salvador. Nosso Senhor trabalhou durante toda a sua vida escondida em Nazaré, com São José, e durante sua vida pública, empenhando-se no labor apostólico, na salvação das almas e na glória de Deus. Não há, é evidente, um só momento em que Nosso Senhor se ocupa com coisas vãs, sem importância. Tudo nele está orientado para o bem das almas, para fazer a vontade de Deus. Para combater a ociosidade, é preciso ter muito claro que estamos sempre na presença de Deus. Ele criou os

olhos e os ouvidos, e não saberia tudo o que fazemos? Um escravo não ousa ficar desocupado na presença de seu Senhor. Devemos fazer o mesmo diante de Deus, que está sempre presente. Para combater a ociosidade, convém muito ter um plano de vida, estabelecendo as atividades do dia-a-dia, para não dar margem a uma criatividade ruim. E devemos, com frequência, examinar como temos empregado o nosso tempo. Finalmente, devemos considerar os novíssimos, devemos considerar a morte, o juízo particular e universal, o inferno, o paraíso.

Deus deu a Adão o dever de trabalhar antes do pecado original, embora esse trabalho não fosse para Adão cansativo ou penoso: “*Deus colocou o homem no paraíso de delícias para que o cultivasse e o guardasse*”, diz a Sagrada Escritura (Gen. II, 15). São João Crisóstomo diz que Deus assim o fez porque o repouso prolongado teria levado o homem à preguiça, à negligência, enquanto o trabalho, mesmo isento de sofrimento, lhe ajudaria a cumprir o seu dever. Para nós, filhos de Adão, o trabalho, segundo o estado de cada um, tem não só essa finalidade de evitar o mal, mas também de pena e de expiação pelos nossos pecados. Devemos, portanto, cumprir bem os nossos deveres, ter o coração elevado, o espírito ocupado com coisas boas e santas e devemos divertir-nos moderadamente com coisas lícitas, sabendo que a finalidade dessas diversões é retomar com maior vigor os trabalhos.

Ocupando-nos dessa forma e evitando a ociosidade poderemos receber o denário que nos é prometido pelo Pai de Família. Não percamos tempo. Não sabemos se estamos na terceira hora ou na undécima hora. Não sabemos quanto tempo nos resta para conquistar o céu. Peçamos a Deus e a Nossa Senhora a graça de ocupar sempre o nosso tempo com coisas que nos levem a Nosso Senhor Jesus Cristo.

As bem-aventuranças: programa de santidade

(Solenidade de Todos os Santos)

“Vinde a mim todos os que trabalhais e estais sobrecarregados e eu vos aliviarei” (Aleluia da Festa de Todos os Santos).

Caros católicos, estamos hoje naquela que é, praticamente, a última grande festa do ano litúrgico. Veneramos e prestamos nossas homenagens aos santos, dos mais conhecidos aos totalmente anônimos. Ao mesmo tempo, pedimos a eles que intercedam por nós diante do trono do Cordeiro, e consideramos os exemplos dos santos.

Entre os santos, encontramos homens e mulheres, ricos e pobres, reis e mendigos, clérigos, religiosos e leigos. Virgens e casados. Crianças e adultos. Todavia, têm todos algo em comum. Colocaram em prática os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Eles colocaram em prática esse sublime programa de vida cristã que acabamos de ouvir no Evangelho de hoje, em trecho do sermão da montanha, que é o resumo da moral cristã. Devemos fazer o mesmo, caros católicos.

Todos nós desejamos ardentemente a bem-aventurança, a felicidade. Todos desejamos o reino dos céus. Todos desejamos possuir a terra. Desejamos ser consolados. Desejamos ser saciados de justiça. Desejamos alcançar misericórdia. Todos desejamos ver a Deus e desejamos ser chamados filhos de Deus. Para alcançar todas essas bem-aventuranças, é preciso, porém, empregar os meios que nos levam até elas. É preciso pegar a estrada que nos conduz a elas.

1. Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus. A pobreza de espírito não é a pobreza material; ela não consiste em não possuir os bens desse mundo. Do contrário, todos os pobres seriam santos e quanto mais pobres, mais santos. A pobreza material, porém, ajuda em muito a pobreza do espírito, se a pessoa suporta com paciência a sua condição. Essa pobreza de espírito é, portanto, o desapego dos bens desse mundo, ainda que a pessoa os possua, mas é também o desapego das honras e é também a humildade. O pobre de espírito sabe que sua única riqueza é Deus. Usando das coisas desse mundo sem colocar o nosso coração nelas, utilizando-as para servir a Deus e colocando nosso coração nos bens eternos, possuiremos definitivamente esses bens eternos no reino dos céus.
2. Bem-aventurados os mansos porque possuirão a terra. Manso é aquele que submete sempre a ira ou cólera à razão iluminada pela fé. A mansidão não implica ausência total de ira, mas implica que a ira esteja sempre submetida à razão iluminada pela fé, quando for preciso irar-se, como o fez Nosso Senhor, por exemplo, na expulsão dos vendilhões do templo. O que é manso assim, sabendo moderar a sua ira, possuirá a terra. A terra é a pátria, é o céu, mas é também a própria pessoa, que, no céu, possuirá plenamente todas as suas faculdades, isto é, ordenará todas as suas faculdades a Deus.
3. Bem-aventurados os que choram porque serão consolados. Esse choro do homem é a sua boa tristeza pelos pecados que cometeu ao usar das coisas criadas contrariamente à lei de Deus. É o choro do pecador arrependido. E dessa boa tristeza o homem será consolado plenamente no céu, quando receber a recompensa pelo seu arrependimento.
4. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados. A justiça aqui não é tanto a virtude particular de justiça que nos faz dar a cada um aquilo que lhe é devido, mas a virtude em geral ou a santidade. Aquele que deseja ardentemente a santidade e que a deseja efetivamente, isto é, colocando em prática os meios para alcançá-la será plenamente saciado no céu, com a santidade perfeita.
5. Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia. Os misericordiosos são aqueles que buscam tirar o próximo, com bondade, de suas misérias materiais, mas, sobretudo, de suas misérias espirituais. O misericordioso o faz sem se opor, claro, aos ensinamentos de Cristo e aos seus mandamentos. A misericórdia tem como fundamento justamente a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo. Aqueles que assim exercem a misericórdia para com o próximo, alcançarão de Deus misericórdia, à semelhança do que é dito no Pai-Nosso: alcançaremos o perdão das nossas dívidas para com Deus na medida em que perdoarmos os nossos devedores.
6. Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus. Essa pureza de coração é, de um lado, a pureza pela qual se repelem todos os pecados e os afetos desordenados e, de outro, a pureza da inteligência que repele todos os erros contra a fé. Essa pureza nos dois âmbitos levará à visão de Deus face-a-face no céu.
7. Bem-aventurados os pacíficos porque serão chamados filhos de Deus. Pacífico aqui não é aquele que evita qualquer tipo de combate ou embate. É preciso combater pela salvação da nossa alma. É preciso combater pela honra de Cristo, da Igreja e de Nossa Senhora e dos Santos. Os pacíficos são aqueles que estão na paz. Está na verdadeira paz aquele que está na graça de Deus e com estabilidade. A paz é a tranquilidade na ordem. Pacífico

é aquele que está ordenado a Deus, pela graça, de maneira estável. O que é assim pacífico é filho adotivo de Deus pela graça.

8. Bem-aventurados o que padecem perseguição por amor da justiça porque deles é o reino dos céus. Mais uma vez, caros católicos, justiça é aqui a santidade como um todo. Chegarão aos céus aqueles que suportarem bem as perseguições sofridas por amor a Deus, por amor a Nosso Senhor Jesus Cristo, por amor à verdade, por amor ao bem, por amor à virtude.

Aquele que colocar em prática todos esses sublimes ensinamentos de Nosso Senhor será bem-aventurado quando for injuriado, perseguido e caluniado. Grande será a alegria dos discípulos de Cristo no meio de todos esses sofrimentos porque ele sabe que a recompensa é a vida eterna.

Esse programa de vida, caros católicos, é o nosso programa de vida. Uma grande multidão o cumpriu antes de nós. Nós devemos cumpri-lo também. Não buscando fatos extraordinários nem reconhecimento, mas buscando a santidade nas nossas ações quotidianas.

Hoje, com grande alegria, celebramos a festa de todos os santos. O céu exulta com a presença deles, a terra se alegra com a proteção e intercessão deles, a Igreja é coroada pelos triunfos dos santos. Os santos são aqueles que confessam mais fortemente a fé quanto maiores são os sofrimentos, merecendo, assim, maior honra. Os santos são aqueles que no combate aumentam a sua glória, adornando-a com o martírio, se necessário for.

Alegremo-nos com os santos e imitemos os santos.

A exaltação da Santa Cruz e o sentido do sacrifício e do sofrimento para os cristãos

(Festa da Exaltação da Santa Cruz)

“Cristo fez-se obediente por nós até à morte e morte de cruz.”

A Festa de hoje nos lembra do fato histórico ocorrido em 628, ano em que o Imperador Heráclio conseguiu tomar de volta a Cruz de Cristo, que havia sido levada de Jerusalém pelos Persas, que a profanaram enormemente. Tendo recuperado a Santa Cruz, Heráclio quis entrar em Jerusalém carregando ele mesmo o Santo Lenho em ação de graças pela vitória. Todavia, vestido com todas as insígnias imperiais, não pôde entrar em Jerusalém, detido por uma força invisível. O Patriarca de Jerusalém assinalou ao Imperador que não convinha carregar com tanto aparato a Cruz que Nosso Senhor carregou com tanta humildade. Despojado de todo o aparato imperial, Heráclio conseguiu entrar em Jerusalém carregando a Cruz.

Exalta-se, hoje, a Santa Cruz, da qual pendeu a salvação do mundo. Ó bem-aventurado lenho e benditos cravos que tão suave peso sustentastes, só vós fostes dignos de sustentar o Rei e Senhor dos céus. Foi pela Cruz que Nosso Senhor lançou fora o príncipe desse mundo. A cruz está tão profundamente associada que as relíquias da verdadeira cruz devemos prestar um culto relativo de latría, pois essas relíquias da verdadeira cruz representam o próprio Cristo e pelo contato que tiveram com Ele. É um culto de latría, quer dizer, um culto que se deve unicamente a Deus. É um culto relativo, isto é, não adoramos a cruz por si mesma, mas pela sua ordem a Nosso Senhor Jesus Cristo, pela sua relação com Nosso Senhor Jesus Cristo.

Nosso Senhor, para nos salvar, morreu na cruz. Ele ofereceu à Santíssima Trindade um verdadeiro sacrifício. O sacrifício é justamente o oferecimento de uma coisa sensível a Deus, com mudança ou destruição da mesma, realizada pelo sacerdote em honra de Deus, para testemunhar seu supremo domínio e nossa completa sujeição a Ele. Na paixão e morte de Cristo estão, em grau excelente, todas as condições que se requerem para um verdadeiro sacrifício. Nós temos a coisa externa que é o corpo, a vida de Nosso Senhor. Esse corpo vai ser imolado voluntariamente por Ele na cruz, por sua infinita caridade. Cristo é o Sumo Sacerdote que se oferece a si mesmo. Ele é sacerdote e vítima. E finalidade de Cristo não pode ser outra: dar honra a Deus, reparando pelo pecado e nos obtendo graças para nos convertermos a Ele. Nosso Senhor, na cruz, ofereceu-se em verdadeiro sacrifício. E o sacrifício de Cristo na cruz é o único, depois da sua vinda na terra, que pode oferecer a Deus.

Nosso Senhor se ofereceu voluntariamente por caridade, para honrar a Deus, para satisfazer por nossos pecados, para nos alcançar as graças que precisamos para nos salvar. Que grande o amor de Cristo, que vai até a morte e morte de cruz. Nosso Senhor, inocente e sumamente santo, sofreu, e sofreu mais do que todos nós juntos, para fazer a vontade perfeita de Deus e para nos salvar. Nós, se queremos nos salvar, se queremos seguir Nosso Salvador, deveremos tomar a nossa própria cruz e oferecer nossos sacrifícios, em sentido largo, em união com o sacrifício de Cristo. Nós precisamos saber sofrer, caros católicos, se quisermos chegar ao céu.

Nossa sociedade, neopagã, hedonista, tornou-se incapaz, como acontecia na antiguidade pagã, de compreender o sentido de sacrifício e de sofrimento. Nossos contemporâneos e nós mesmos temos horror ao sofrimento. Muitas vezes pensamos: tudo, menos o sofrimento. E, com razão, se perdeu em nossa sociedade o sentido do sofrimento, porque nós só podemos compreender o sentido pleno do sofrimento ao considerar os sofrimentos de Cristo. É somente com o exemplo de Cristo, com sua doutrina e com as graças que Ele nos dá que poderemos sofrer bem. Precisamos recuperar a noção de sacrifício em nossas vidas, em união com o sacrifício de Cristo.

Precisamos compreender que devemos deixar de lado nossa vontade própria, nossas más inclinações, nossos caprichos, para fazer a vontade de Deus. Devemos compreender que é preciso renunciar a muitas coisas para cumprir bem os deveres de estado. Precisaremos suportar a zombaria do mundo ou suas perseguições, ou a sua indiferença. Precisaremos suportar a eventual perda de amizades quando começamos a praticar mais seriamente a vontade de Deus. Precisaremos suportar eventualmente a perda da estima do mundo, quando nos convertemos a Cristo. A vida conjugal é uma vida de sacrifícios, a vida sacerdotal é uma vida de sacrifícios. Em todo estado de vida nós deveremos oferecer nossos pequenos sacrifícios do dia-a-dia, suportando com paciência as contrariedades e as provações. Nada impede que procuremos corrigir e melhorar as coisas, mas será preciso fazê-lo sempre com caridade.

O horror ao sofrimento é um dos maiores impedimentos contra a santificação. Nós precisamos deixar esse horror de lado. É preciso compreender que o sofrimento é necessário para reparar pelo pecado. O pecado que nos leva a uma satisfação ilícita deve ser reparado com uma pena. Ele é necessário para a santificação da alma. Se a santidade é se assemelhar a Cristo, devemos lembrar que Cristo é Cristo crucificado para depois ressuscitar. Santificação é igual a cristificação. Cristificação é igual a sacrifício, se assim podemos dizer. Não há outro caminho para chegar ao céu, a não ser pela cruz.

Nós sofremos todos, em maior ou menor grau, conforme à disposição divina, que dispõe tudo com sabedoria e caridade. O importante é sofrer bem, sem murmurar, sem revolta, mas com paciência e mansidão, procurando melhorar as coisas, mas sempre se submetendo à vontade de

Deus. Se sofrermos murmurando ou com impaciências, acrescentaremos um segundo mal ao primeiro e esse segundo mal será pior porque será um mal maior. Devemos sofrer bem. Sofrer passa, mas sofrer bem não passa nunca. O sofrimento cristãmente suportado expia nossos pecados, submete a carne ao espírito, nos desprende das coisas da terra, nos purifica e embeleza a nossa alma porque tira dela as desordens. Pelo sofrimento bem suportado e oferecido a Deus poderemos alcançar tudo dele. O sofrimento faz de nós também apóstolos. Quantas graças podemos alcançar para os outros por meio de nossos sofrimentos. Os sofrimentos nos assemelham a Nosso Senhor e a Nossa Senhora.

Precisamos, caros católicos, retomar o verdadeiro sentido do sofrimento, e saber que podemos tirar dele um grande bem. Essa noção de sacrifício, de oferecer nossos pequenos sacrifícios no dia-a-dia em união com Cristo precisa ser retomada por nós católicos. Precisamos exaltar a cruz de Cristo e nos unir a Ele.

Saibamos sofrer, caros católicos, inspirando-nos no sacrifício de Cristo no Calvário, sacrifício renovado no altar. Saibamos sofrer unidos ao sacrifício de Cristo.

A esperança, o desespero e a presunção

(9º Domingo depois de Pentecostes)- (Do então Diácono) Pedro Gubitoso.

A nossa vida sobre esta terra é uma sucessão de alegrias e tristezas, de contentamentos e decepções. Nossa vida espiritual é dividida entre consolações e desolações. O bom católico é aquele que, com a ajuda da graça de Deus, vive esses momentos com uma santa indiferença e mantém, apesar da agitação do quotidiano, um ânimo firme e constante. O exemplo por excelência dessa constância na Fé é o mártir, que apesar de todas as adversidades não abandona sua Fé. Um capitão que deixasse seu navio ir para lá e para cá junto com o movimento das ondas seria um péssimo capitão pois não levaria seu barco até o seu fim.

A este propósito justamente, São Paulo nos deixa hoje na sua epístola um precioso ensinamento. Há especialmente dois conselhos nesta epístola que devemos gravar profundamente em nossas inteligências e corações para que nos sirvam de guia seguro na nossa batalha quotidiana pela santidade. Estão indicados aí dois excessos que devem ser absolutamente evitados : a presunção e o desespero. Eis as primeiras tentações que enfrentamos quando começamos a busca pela perfeição cristã.

Pois bem. Em primeiro lugar, São Paulo nos adverte contra toda forma de orgulho e de presunção dizendo : “aquele que julga estar de pé, que tome cuidado para que não caia.” A presunção é um vício oposto à virtude teologal de Esperança. A presunção pode ser de dois tipos : o primeiro tipo de presunção é a presunção de salvação, mais grave, que consiste em acreditar que podemos nos salvar sem o arrependimento pelos nossos pecados e obter a bem-aventurança eterna sem nenhum mérito. Os teólogos a chamam de pecado contra o Espírito Santo. Já o segundo o tipo de presunção, bem mais comum, não tão grave quanto o primeiro mas mesmo assim muito perigoso, consiste em acharmos que não precisamos da graça divina e que podemos cumprir os mandamentos de Deus somente com nossas próprias forças. Isso é evidentemente um absurdo. Entretanto, infelizmente, nossa soberba pode nos levar até uma tal presunção. O católico que entra por este caminho só encontrará decepção e tristeza quando se der realmente conta da sua fraqueza. Nosso Senhor bem nos disse em outra ocasião: “Sem mim nada podeis fazer”. São Tomás de Aquino nos ensina que sem a graça de Deus é impossível ao

homem cumprir a integridade dos mandamentos. Nossa natureza humana, machucada pelo pecado original, se tornou extremamente inconstante e volúvel. “Aquele que julga estar de pé, que tome cuidado para que não caia.” Por mais que sejamos grandes e importantes, podemos cair extremamente baixo. Lembremo-nos do rei Salomão, que, mesmo tendo sido escolhido por Deus para escrever o santo livro dos Provérbios e mesmo tendo reinado com extrema sabedoria, entregou-se por fim às paixões mais baixas e caiu na mais grosseira idolatria. Quantos cedros do Líbano que caíram por terra. De fato, naquele em que a graça de Deus fez grandes coisas, é grande a tentação de subverter todo mérito para si mesmo esquecendo-se de todos os bens que Deus lhe dera.

Se por um lado a presunção nos dá uma falsa segurança sobre nosso estado de graça, por outro lado o desespero nos faz desconfiar de Deus e acreditar que mesmo com a graça de Deus não podemos nos salvar. É por isso que após nos ter exortado a uma extrema vigilância, São Paulo nos ensina que Deus nunca permite uma tentação mais forte do que nossas forças podem suportar. Com efeito, São Paulo nos diz: “Deus, por seu lado, é fiel, e não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças; ao contrário, até fará que tireis proveito da tentação, podendo-a aguentar.” Deus é fiel. Segundo São Paulo, essa fidelidade de Deus se manifesta de duas maneiras: primeiramente, não permitindo que sejamos tentados acima de nossa forças; em segundo lugar, dando-nos sempre a graça suficiente para superarmos a tentação. É muito normal, sobretudo na sociedade atual, diante dos preceitos da Lei de Deus, ser tentado pelo desencorajamento e acabar considerando impossível a prática desses preceitos. Quando nos sobrevier um tal desânimo lembremo-nos de que se “até mesmo de pedras Deus pode suscitar filhos de Abraão”, Ele pode também fazer algo com nossas pobres almas; o Espírito Santo através de seus dons nos faz realizar obras que sozinhos nunca poderíamos realizar.

Entre esses dois excessos – presunção e desespero – encontra-se a atitude católica, nem presunçosa nem desesperada, mas confiante. Assim como Deus é fiel, nós devemos também ser fiéis. Quando no evangelho de hoje, Nosso Senhor chora diante de Jerusalém profetizando sua destruição pelos romanos, ele está chorando por causa da infidelidade do povo judeu que desperdiçou tantas graças. Quando não cumprimos as promessas feitas no nosso batismo, somos como o povo judeu que recusou os ensinamentos e milagres de Jesus Cristo.

O modelo perfeito de uma tal confiança em Deus é Nossa Senhora, que responde ao anjo Gabriel: “Faça-se em mim segundo a vossa palavra”. A Encarnação do Verbo estava suspendida nos lábios da Virgem Maria. Ela sabe que aquilo que vai se operar nela é um milagre da graça e uma obra do Espírito Santo. Ela sabe que aquilo que vai se realizar está além das suas forças, entretanto sua resposta é confiante. Além disso, Nossa Senhora não somente não se deixou levar por um falso entusiasmo na Anunciação como também não se deixou abater e desencorajar no momento da Paixão de seu Filho; pelo contrário, permaneceu de pé junto à cruz com uma Fé inabalável.

Enfim, para concluir, ter confiança em Deus não quer dizer poupar todo e qualquer esforço esperando que Deus faça todo o trabalho... muito pelo contrário. Deus exige nossa cooperação. Como diz Santo Agostinho : « Deus, que te *criou sem ti*, não te salvará *sem ti* ». Como essa cooperação entre Deus e o homem se dá concretamente? É o que Santo Inácio de Loyola resume com muita sabedoria e simplicidade: “Rezemos como se tudo dependesse de Deus, e trabalhemos como se tudo dependesse de nós.”

O amor ao próximo, mesmo aos pecadores e inimigos

(2º domingo depois de Pentecostes)

“Sabemos que fomos trasladados da morte do pecado para a vida da graça porque amamos os nossos irmãos. Aquele que não ama, permanece na morte. Todo o que tem ódio a seu irmão é homicida.”

Nosso Senhor Jesus Cristo, durante sua vida entre os homens, e seus apóstolos, depois dEle, insistem na caridade fraterna, no amor ao próximo. É o que faz São João na Epístola de hoje. Essa caridade para com o próximo está no duplo mandamento divino de amar a Deus e ao próximo. É São João que nos diz também: “que aquele que ama a Deus, ame também seu irmão.” (I Jo 4, 21) Vejamos em que consiste essa caridade para com o próximo e vejamos que ela se estende mesmo ao pecador e ao inimigo.

Pode haver para com o próximo um amor puramente natural, em virtude de suas qualidades naturais. Esse amor natural que deseja o bem do próximo por motivos naturais não é um mal, claro, a não ser que envolva alguma desordem. Todavia, o amor que Deus nos ordena ter para com o próximo é um amor de ordem sobrenatural, muito superior ao mais perfeito amor natural. O amor sobrenatural que devemos ter é fundado no amor a Deus. Se amamos a Deus, desejamos a maior glória de Deus, isto é, desejamos que Deus seja mais conhecido, amado e servido. A maneira perfeita de Deus ser mais conhecido, amado e servido é justamente pela conversão dos homens a Deus e, sobretudo, pela salvação eterna dos homens, que, assim, poderão glorificar perfeitamente a Deus no céu. Ao amarmos verdadeiramente a Deus, amaremos necessariamente ao próximo, pois desejaremos o bem sobrenatural para o nosso próximo, que é a salvação dele, e agiremos para que ele alcance esse bem sobrenatural. Além disso, se amamos a Deus, obedecemos aos seus preceitos, entre os quais está, justamente, o de amar ao próximo. A razão de amar o próximo é Deus. Devemos amar ao próximo para que ele esteja em Deus (IIa IIae, q. 25, a.1).

O nosso próximo e o nosso irmão não devem ser entendidos como próximo fisicamente ou como irmão natural, é claro. Essa proximidade deriva do fato de sermos criados à imagem de Deus e pela possibilidade de alcançarmos a bem-aventurança eterna. (IIa IIae, q. 44, a. 7). Nosso próximo são todas as criaturas de Deus capazes de alcançar a bem-aventurança eterna. Nosso próximo são todos os homens que estão na terra, incluindo os maiores pecadores e nossos inimigos. Nosso próximo são também os bem-aventurados no céu e as almas do purgatório. Não são nosso próximo os que já estão condenados no inferno, pois são inimigos definitivos de Deus e incapazes da glória eterna. Já não é possível amá-los em Deus, pois eles rejeitaram definitivamente a Deus. Portanto, devemos amar com caridade todos aqueles que são capazes da glória eterna ou que já possuem essa glória eterna. Quanto aos primeiros, devemos desejar que cheguem à glória eterna e devemos cooperar para que a alcancem. Quanto aos outros, devemos nos alegrar pelo fato de já terem alcançado a glória eterna.

Como dissemos, o preceito de caridade se estende a todos os homens capazes de alcançar o céu. Ele se estende, então, mesmo aos pecadores e aos inimigos. É fácil amar quem é bom ou quem nos faz o bem, mas se estamos realmente no amor de Deus, amaremos também os maus e os inimigos. Dada a particular dificuldade de se amar o pecador e o inimigo, consideremos como deve ser o amor por essas duas classes de pessoas.

O preceito da caridade se estende ao pecador. O homem pecador – e falamos aqui mais propriamente daquele que se encontra em pecado mortal – enquanto pecador é mais digno de ódio do que de amor, já que, enquanto permanece nesse estado, é desagradável a Deus. Assim, se quisermos ser precisos não podemos dizer que devemos amar as pessoas como elas são. Não devemos amar um pecador como pecador, mas como capaz de se converter, de recobrar a amizade com Deus. O pecador, enquanto criatura humana, capaz ainda da bem-aventurança eterna pelo arrependimento de seus pecados deve ser amado com caridade. E, justamente, o maior amor e serviço que podemos prestar a esse nosso próximo é ajudá-lo a sair de sua triste e miserável situação. É, então, nosso dever amar os pecadores, mesmo os mais obstinados.

Não é lícito jamais desejar ao pecador um verdadeiro mal, como seria desejar que cometa um pecado ou que se condene. Desejar tais coisas seria o pecado do ódio, gravíssimo e diretamente oposto ao da caridade. É lícito, porém, desejar um mal material ou um mal físico para que desse mal venha um bem superior, como seria o bem da conversão da pessoa ou o bem da cessação de um escândalo que ela causa com suas ações. Mas a intenção não pode ser simplesmente que ocorra esse mal físico ou material por ódio à pessoa, mas em vista do bem dela ou da sociedade como um todo, sempre desejando também a salvação dela. Todavia, é preciso ter muito cuidado com isso, pois facilmente nossas boas intenções são deixadas de lado e pensamos exclusivamente no mal ao próximo.

O preceito da caridade se estende também aos inimigos. Inimigos são aqueles que nos fizeram um mal e que ainda não o repararam. Inimigos são aqueles que nos odeiam ou que são dignos de justa antipatia por um motivo racional, como por seus escândalos, seus maus exemplos, etc. Devemos amar mesmo aqueles que nos fizeram mal ou que nos odeiam. Não devemos amá-los porque são nossos inimigos, mas apesar disso. Devemos amá-los enquanto foram criados para conhecer, amar e servir a Deus. Devemos ter para com eles verdadeira caridade, desejando-lhes o céu e cooperando para que cheguem até lá, se temos a oportunidade para isso. Amar os inimigos não é ter por eles simpatia ou um algo sentimental, mas desejar-lhes o bem, rezar por eles e fazer-lhes o bem quando possível e necessário. É o que diz Nosso Senhor no Sermão da Montanha: “Tendes ouvido o que foi dito: Amarás o teu próximo e poderás odiar teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos [maltratam e] perseguem. Deste modo sereis os filhos de vosso Pai do céu, pois Ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre os justos e sobre os injustos” (Mat. 5, 43-45).

O amor aos inimigos prescreve que se dê a eles os sinais comuns de amizade e de educação. Assim, é preciso responder a uma saudação cordial feita pelo inimigo, é preciso responder a perguntas normais que ele pode fazer. Enfim, somos obrigados a nos comportar com os inimigos como faríamos com uma pessoa desconhecida. Negar esses sinais comuns de educação equivaleria a manifestar ódio e levaria ao escândalo dos demais. A caridade para com o inimigo nos proíbe de excluí-lo de nossas orações. Se disséssemos, rezo por todo mundo menos por tal pessoa que é minha inimiga, estaríamos cometendo um pecado grave. Os sinais especiais de afeto ou amizade não são obrigatórios, a não ser que as circunstâncias o exijam. Se nosso inimigo está em grave necessidade da qual só pode sair com nosso auxílio, devemos ajudá-lo. O preceito de amar o próximo obriga a procurar a reconciliação assim que possível. Interiormente, o ofendido deve estar pronto para perdoar prontamente, sem guardar rancor nem ódio. Exteriormente, não se pode negar o sincero pedido de perdão feito pelo ofensor. É preciso perdoar, ainda que posteriormente não se restabeleça uma harmonia perfeita entre as partes.

O amor aos inimigos nos obriga a deixar de lado todo ódio e todo desejo de vingança. O ódio é desejar que o inimigo peque ou que se condene, ou desejar-lhe o mal pelo mal. A vingança pecaminosa é aquela pela qual se deseja a punição do próximo simplesmente para lhe fazer mal. Se essa punição fosse desejada para emendar o próximo, para coibir o mal que ele faz, ou para restabelecer a justiça ultrajada, não haveria problema, mas sempre com muito cuidado para guardar a reta intenção nesses desejos.

A vida cristã no trato com o próximo se resume a esse preceito de caridade. Amar ao próximo por amor a Deus. Amar ao próximo desejando-lhe a virtude e a glória eterna, e ajudando-o a alcançar a virtude e o céu. Deixar de lado todo ódio, pecado gravíssimo, que se opõe à caridade e que se opõe a Deus, pois o ódio nos leva a desejar que o próximo ofenda a Deus, nos leva a desejar ao próximo um mal contra a vontade de Deus. O ódio mata o próximo em nossa alma. Nos torna homicidas e leva a atos externos contra o próximo. Não estamos falando aqui de um sentimento passageiro de aversão ao próximo que pode surgir em nossa alma e que combatemos, mas do desejo de mal ao próximo realmente alimentado e que não é afastado. Esse é o pecado de ódio, gravíssimo. O cristão vive da caridade. Não dessa caridade sentimental ou que aceita o pecado, mas da caridade que está na vontade e que favorece a virtude. Nós, católicos, devemos sempre pagar o mal com o bem, como nos diz São Paulo. Por maior que tenha sido o mal que alguém nos fez, devemos amá-lo sobrenaturalmente. E nessa caridade perfeita nos distinguiremos dos pagãos, do mundo, e chegaremos ao céu.